



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

PAULO ANTÓNIO MARQUES PEREIRA

Meu irmão peregrino, façamos caminho:

Um estudo sobre a peregrinação
a São Bento da Porta Aberta

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

Braga
2019

Um muito obrigado a todos aqueles que colaboraram na concretização deste pequeno trabalho! À minha família que me apoiou neste projeto, aos amigos que me incentivaram e deram força para não desanimar, aos colegas de turma, a todos aqueles que foram dando sugestões, indicando bibliografia, ajudando a abrir novos horizontes. Deixo também um agradecimento especial ao Professor, Doutor Pe. Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, que me acompanhou ao longo de todo o processo pela ajuda e disponibilidade. Por fim, ao Santuário de S. Bento da Porta Aberta, na pessoa do Sr. Reitor Pe. Adelino da Costa e Sousa pela colaboração no estudo empírico. Sem a colaboração de todos, este trabalho não seria possível!

“Meu irmão Peregrino”

*Meu irmão peregrino,
façamos caminho.*

*Sabemos que é longe, difícil o traçado
e frágeis as sandálias. Sabemos como
pesam as mochilas e escasseiam as
forças e cresce a fadiga. Sabemos que
há risos do nosso esforço, riscos nas
bermas e insónias no descanso...*

*Pararemos as vezes que precisarmos de
parar e, ao luar, discutiremos atalhos.
Mas iremos. Valentes e frágeis. De pés
no chão e olhos na distância.*

*A via da misericórdia está ladrilhada
com as nossas imperfeições
e incapacidades, que entregaremos
ao Amor...*

*As autoestradas, irmão peregrino,
são caminho presunçoso. Nós temos
o percurso difícil dos pobres...*

João Aguiar Campos, *Descalço também se caminha* (Lisboa: Paulus, 2019), 158.

Resumo

Nesta pesquisa, procurar-se-á uma reflexão focada numa prática milenar que é a peregrinação. Numa sociedade que se declara laica, onde a religião parece viver uma decadência, perdendo as massas que outrora tinha, ainda há milhares de pessoas que optam por se deslocar a pé aos santuários em forma de peregrinação, ou pelo menos assumindo alguns dos contornos das tradicionais peregrinações. Que quer dizer isto à religião? Como acontece a peregrinação cristã nos nossos dias? As pessoas vão a pé pela devoção que têm a um santo, ou têm outras motivações? O que leva os peregrinos a deslocarem-se a pé a S. Bento da Porta Aberta? Na verdade, este trabalho pretende refletir sobre esta prática de piedade popular que é simultaneamente tão antiga e atual, procurando abordar primeiramente uma dimensão mais antropológica da caminhada, para refletir sobre a peregrinação enquanto experiência de fé, concluindo com a análise da peregrinação realizada a S. Bento da Porta Aberta.

Palavras-chave: Peregrinação; S. Bento da Porta Aberta; Caminhar; Peregrino.

Abstract

In this research, we will seek a reflection focused on an ancient millennial practice that is the pilgrimage. In a society that declares itself to be secular, where religion seems to be decaying, losing the masses it once had, there are still thousands of people who choose to walk to the shrines in the form of pilgrimage, or at least taking on some of the outlines of traditional pilgrimages. What does this mean to religion? How does Christian pilgrimage occur today? Do people walk by their devotion to a saint, or do they have other motivations? What makes pilgrims go to S. Bento da Porta Aberta? In fact, this work intends to reflect on this practice of popular piety that is both so old and current, seeking first an approach more anthropological dimension of the walk, to reflect on pilgrimage as an experience of faith, concluding with the analysis of the pilgrimage to S. Bento da Porta Aberta.

Keywords: Pilgrimage; S. Bento da Porta Aberta; Walk; Pilgrim.

Índice

INTRODUÇÃO	11
1. CAMINHAR: UMA EXPERIÊNCIA TRANSVERSAL À HUMANIDADE	15
1.1 A PEREGRINAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA COMPLEXA	19
1.2. PEREGRINAÇÃO ENQUANTO EXPERIÊNCIA QUASE-LIMINAR.....	21
1.3. O PEREGRINO E O PRATICANTE	23
1.4. O PEREGRINO E O TURISTA	26
2. A PEREGRINAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA CRENTE	33
2.1. PEREGRINAÇÕES BÍBLICAS.....	39
2.2. O NOVO TESTAMENTO.....	43
2.3. AS ETAPAS DA PEREGRINAÇÃO.....	45
2.3.1. <i>A Partida</i>	48
2.3.2. <i>A Caminhada</i>	49
2.3.3. <i>Acolhimento</i>	52
2.3.4. <i>Permanência</i>	54
2.3.5. <i>Despedida e Regresso</i>	56
3. A PEREGRINAÇÃO AO S. BENTO DA PORTA ABERTA: ANÁLISE DE ENTREVISTAS	59
3.1. TEOLOGIA E AS OUTRAS CIÊNCIAS: UM DIÁLOGO ENTRE SABERES.....	60
3.2. METODOLOGIA EMPÍRICA.....	61
3.3. MÉTODO ESCOLHIDO: A ENTREVISTA.....	62
3.4. A ENTREVISTA.....	64
3.5. QUESTIONÁRIO PARA AS ENTREVISTAS.....	65
3.5.1. <i>Análise das entrevistas</i>	67
3.5.1.1. <i>Caracterização dos peregrinos/peregrinação ao S. Bento da Porta Aberta</i>	67
3.5.1.2. <i>Motivações que levam à peregrinação</i>	71
3.5.1.3. <i>Relação com o santuário, o regresso a casa e o conhecimento da vida do santo</i>	75
3.6. SÍNTESE	79
CONCLUSÃO	83
BIBLIOGRAFIA	89

ANEXOS.....	97
MODELO DE QUESTIONÁRIO	99
ANEXO I	101
ANEXO II.....	106
ANEXO III	111
ANEXO IV	119
ANEXO V.....	126
ANEXO VI.....	132
ANEXO VII.....	138
ANEXO VIII.....	144
ANEXO IX.....	150
ANEXO X.....	158
ANEXO XI.....	165

Introdução

No decorrer da nossa vida, todos nós, ou pelo menos uma parte considerável, viveu a experiência do ser peregrino, estar em peregrinação. Esta poderia ter sido realizada a pé ou não, a um lugar distante ou a um santuário da paróquia ao lado da nossa. Na verdade, esta experiência pode ter motivações várias, pois a peregrinação não é apenas algo extrínseco ao ser humano, não é um caminhar por caminhar que se traduz em quilómetros, mas deverá ser movida por uma busca interior. Mais do que percorrer a estrada até ao santuário, o peregrino é chamado a trilhar o caminho que é a sua história, por isso o caminho que o peregrino vai fazer é também oportunidade para se refazer.

Na verdade, no que toca à experiência da peregrinação podem colocar-se algumas questões cuja resposta se pretende procurar com a realização deste trabalho. Quais são as motivações que levam a uma peregrinação? Uma peregrinação pode ser um caminho de conversão? O peregrino pode ser um turista? E o turista poderá ser um peregrino? Qual o papel dos santuários no encontro e acolhimento dos peregrinos? São estas algumas das questões cuja resposta se procurará encontrar nas páginas que se seguem, reconhecendo, desde já, as limitações que podem surgir quando se parte para uma análise de uma prática que pode ser tão diferente quanto as pessoas que a praticam. Não obstante, embora não se abarque toda a realidade, podem abrir-se alguns horizontes e tomar consciência de alguns desafios.

De facto, é verdade que nem todas as pessoas se deslocam a um santuário por motivos meramente religiosos, pense-se na inquietante análise que o filme “*The Way*” faz sobre os caminhos de Santiago¹. Através da visualização deste filme, facilmente se percebe que o que leva as pessoas a deslocar-se a um santuário pode, ou não ter uma motivação religiosa. No trabalho que se segue, a reflexão vai debruçar-se sobre a peregrinação a pé, tentando perceber qual é o significado desta prática para aqueles que vivem esta

¹ Cf. Martin Shen, *The Way*, dirigido por Emilio Estevez (Espanha, Estados Unidos da América: 2011).

experiência, bem como o papel que o religioso tem para aqueles que se deslocam a um santuário.

Neste sentido, o que motivou a escolha do tema foram vários aspetos. Em primeiro lugar, por considerar que esta é uma prática ainda muito frequente, embora reconhecendo que nos nossos dias possa assumir diversos contornos, pois pode ser realizada, quer por uma promessa, quer por desporto, quer para acompanhar uma pessoa amiga... Enfim, pode haver um grande número de motivos que impelem alguém a fazer esta experiência, o que a torna infinitamente rica e diversa por causa da liberdade que lhe assiste. Por outro lado, apesar da atualidade, conserva ainda a sua história porque, ontem como hoje, ainda se continuam a fazer peregrinações, que embora possam diferir na forma, talvez não se distanciem muito no conteúdo.

Em segundo lugar, existe, no meu Arciprestado, o santuário de S. Bento da Porta Aberta, onde milhares de peregrinos acorrem ao longo do ano e que desde sempre me despertou uma certa curiosidade. Por um lado, por causa do imaginário popularmente criado em torno do santo, como sendo um santo taumaturgo, por outro lado, por me parecer que estes devem ser locais que, pela diversidade de pessoas que recebem, devem ter uma atenção pastoral particular porque se para uns pode ser um meio para uma primeira evangelização, para outros poderá contribuir para um aprofundamento da fé, procurando ser resposta e interpelação a cada pessoa que aqui se desloca.

Por fim, o que pesou na escolha desta temática deve-se também ao facto de considerar que esta é uma prática de piedade popular que poderia ser revalorizada, se devidamente acompanhada com uma proposta espiritual de fundo, capaz de ajudar quem se desloca a um santuário, não o fazer apenas pelos quilómetros ou por poder ser uma atividade desafiante, mas com uma proposta de um itinerário espiritual. Na verdade, talvez seja pertinente colocar antes algumas questões: Será que hoje em dia, com o grande desenvolvimento da mobilidade faz sentido peregrinar? Há alguma proposta de um caminho espiritual feita por parte dos santuários para acompanhar uma peregrinação?

Talvez a experiência do silêncio e da lentidão que se vive no caminho seja importante para contrariar a velocidade e o ruído com que tudo se desenvolve na sociedade.

Posto isto, antes de se explicar o desenvolvimento deste estudo, é importante olhar para o trabalho como se de uma breve caminhada se tratasse, feita de um modo lento, passo a passo e por etapas, como quando se faz a pé os caminhos de Santiago. Deste modo, o caminho que nos propomos trilhar divide-se nas três seguintes etapas: primeira, *Caminhar: uma experiência transversal à humanidade*; segunda, *Peregrinação: uma experiência crente*; por fim, a terceira, *Análise de entrevistas a peregrinos de S. Bento da Porta Aberta*.

Na primeira etapa, procurar-se-á desenvolver o caminhar enquanto uma experiência profundamente humana, olhando para a importância que a caminhada apresenta para o ser humano, falando sobre alguns tipos de caminhada, tendo como pano de fundo, a reflexão de Erling Kagge e Frederic Grós. Neste capítulo, conforme vai sendo introduzido o tema principal, a peregrinação a pé, surge a reflexão da peregrinação enquanto uma experiência de “quase-liminaridade”, tendo por base a teoria de Edith e Victor Turner. Depois, vai ser aprofundada a relação entre o peregrino e o turista, e o desenvolvimento da noção de peregrino questionando a pertinência da ligação entre o peregrino e o praticante.

Na verdade, o caminhar é uma experiência transversal à humanidade, não obstante, o caminhar a pé a um santuário assume, tradicionalmente, uma dimensão religiosa, por isso mesmo, ao longo do segundo capítulo procurar-se-á desenvolver e aprofundar a peregrinação enquanto uma experiência realizada à luz da fé. Neste sentido, a segunda etapa desta caminhada, iniciar-se-á com a clarificação daquilo que é o sentido da peregrinação de modo a que se possa perceber qual o sentido do peregrinar para o cristão. Assim, numa segunda fase desta etapa, é trilhado um breve percurso sobre a peregrinação na Sagrada Escritura, de modo a elucidar o leitor do papel desta experiência por meio de alguns exemplos bíblicos, para depois se traçar um desenvolvimento da peregrinação em

cinco etapas que compõem a unidade que é a peregrinação, a saber: a partida; a caminhada; o acolhimento; a permanência no santuário e, por fim, a despedida e o regresso. É importante reforçar que com esta divisão não se pretende fragmentar em pequenas partes estanques a peregrinação, mas realçar alguns aspetos desta experiência.

Por fim, já no final desta pequena caminhada, vai ser objeto de estudo a peregrinação realizada ao santuário de S. Bento da Porta Aberta, para que se possa perceber os contornos que esta peregrinação assume, recorrendo à entrevista de alguns peregrinos que se deslocam a este santuário. Neste tópico, reconhecemos desde já as nossas limitações na análise da realidade, pois a amostra pode ser pequena para abarcar os milhares de peregrinos que se deslocam ao santuário, não obstante, permite desenvolver uma breve reflexão que em muito nos pode enriquecer. Neste sentido, ponhamos pés ao caminho...

1. Caminhar: uma experiência transversal à humanidade

Caminhar é, provavelmente, das características mais antigas que assistem ao ser humano e que menos se alterou ou “evoluiu”, porque ainda hoje, como antes, caminhamos. Na verdade, desde muito cedo, o *homo sapiens* desenvolveu a característica do bipedismo, colocando-se a caminho como meio de sobrevivência, percorrendo longas distâncias em busca de lugares com comida e condições, para que estes povos primitivos se pudessem desenvolver e sobreviver, como aconteceu com o nomadismo. Neste sentido, torna-se, antes de fazer fogo e preparar a comida, uma das primeiras conquistas da humanidade, permitindo que, a pé, o ser humano se espalhasse por toda a terra². De facto, caminhar é uma das atividades mais antigas da humanidade e, hoje em dia, não pode ser confundida com desporto. O desporto é outra coisa.

O desporto busca a competição, números, conhecimento de gestos adequados, regras e técnicas concretas, muitos treinos de modo a aperfeiçoar a técnica, bem como inúmeros utensílios. Caminhar, por sua vez, apenas requer duas pernas, pois tudo o resto torna-se supérfluo. É uma atividade que transporta consigo uma sobriedade que lhe é peculiar e necessária para que o caminhar seja o mais genuíno possível, colocando de parte o que é artificial³. Neste sentido, «andar a pé é muito mais do que uma lista de vantagens que se podem ler numa publicidade a vitaminas»⁴ porque tem em si um significado mais profundo, pois em muitos casos revela aquilo que somos. A forma como nos movemos, segundo alguns sociólogos, está relacionada com o sistema social e psicológico, por isso pode ser uma manifestação do nosso modo de ser, dos nossos valores, da nossa fragilidade, do nosso orgulho. Se alguns modos revelam segurança, outros revelam

² Cf. Erling Kagge, *A arte de caminhar* (Lisboa: Quetzal editores, 2018), 20-21.

³ Cf. Frédéric Gros, *Caminhar, uma filosofia* (São Paulo: É Realizações, 2010), 9-10.

⁴ Kagge, *A arte de caminhar*, 22.

insegurança e vulnerabilidade, daí que alguns agressores e assassinos escolhessem as suas vítimas com base na forma de andar⁵.

Existem várias formas onde o caminhar assume diversos contornos, com finalidades distintas. Frédéric Gros, por exemplo, desenvolve uma reflexão sobre o caminhar. Neste sentido, recorrendo ao exemplo do *Jardin des Tuileries*, em França, o autor fala também da figura do passeador galante dos jardins, onde a natureza se encontra manipulada e cujo passear acontece como forma de exibição, um caminhar como o de um pavão, como se vê, por vezes, nos jardins públicos. Um outro modelo de passeador que este autor descreve é do *flâneur* das cidades. Este é o caminhante que vai passeando pela cidade como se fosse subir a uma montanha, onde a cidade passa a ser a paisagem, caminhando através da multidão⁶. Nós, porém, aqui, debruçar-nos-emos apenas no passear como forma de lazer, no caminhar que busca um certo relaxamento, e mais tarde falar-se-á da peregrinação, que é o objeto de estudo deste trabalho. O passeio é também uma forma de caminhar, embora revestido de uma certa tranquilidade, associado ao prazer, ao relaxamento, mas é essencial. É como que um vagabundear pelo caminho, quer seja sozinho, quer seja acompanhado. O passeio, marcado pela leveza do caminhar, pode encontrar-se associado a uma atividade física, ou a uma atividade intelectual e no seu desenrolar como um despertar dos sentidos, como resposta à realidade que rodeia o caminhante⁷.

Na verdade, a caminhada é uma atividade lenta e que reclama tempo. Lenta, mas no bom sentido, «a tal ponto que se poderia quase dizer que o bom caminhante desliza, ou melhor as suas pernas giram formando círculos. O mau caminhante pode às vezes andar rápido, acelerar, depois reduzir o ritmo da marcha»⁸. Neste sentido, enquanto atividade que prima por uma certa lentidão, clama para si tempo, pois não pode ser realizada a

⁵ Cf. Kagge, *A arte de caminhar*, 85-88.

⁶ Cf. Gros, *Caminhar, uma filosofia*, 171-182.

⁷ Cf. David Le Breton, *Elogio del caminar* (Madrid: Siruela, 2018), 129-132.

⁸ Gros, *Caminhar, uma filosofia*, 42.

correr. Assim, «o caminhante é rico no tempo, livre de passar horas a visitar uma povoação ou em volta de um lago, seguindo o curso de um rio, subindo uma colina, atravessando um bosque, observando os animais ou dormindo uma sesta à sombra de um carvalho»⁹. De facto, pode dizer-se que durante a caminhada, o caminhante é dono do tempo pois «o relógio é cósmico, é o da natureza, o do corpo e não o da cultura com a sua meticolosa divisão do tempo»¹⁰. O caminhante pode deixar o relógio em casa, pois na caminhada já não é este que lhe diz o que fazer e quando fazer, mas é ele que decide por si, mediante as circunstâncias.

No caminho, também as distâncias se alteram. Um percurso feito de carro ou de outro meio, quando feito a pé parece maior. Quando se caminha as distâncias parecem aumentar e o esforço exigido pela caminhada vai aumentando em relação com a distância. A verdade é que quando caminhamos estamos mais atentos à realidade que nos rodeia, mais atentos aos pormenores do que quando nos deslocamos de carro. A pé, ainda que seja o mesmo caminho todos os dias, ainda que sejam os mesmos passeios ou áreas pedonais, o caminho é diferente. As pessoas com quem diariamente nos cruzamos envelhecem; cruzamo-nos com pessoas novas, há mudanças quase impercetíveis que vão acontecendo nos caminhos que fazemos diariamente, que apenas a pé nos damos conta, porque a pé tudo se move mais devagar¹¹.

Na verdade, caminhar, independentemente do modo de caminhar, acontece também no espaço concreto e é uma atividade que está em constante relação com ele. Olhando, por exemplo, para a peregrinação, esta é uma atividade que não pode prescindir do espaço em que acontece, pois, «peregrinar é preencher a paisagem, seja pelo movimento, palavra ou imaginação; é situar o corpo para que se defronte com horizontes à frente»¹². O corpo faz parte da paisagem que se vai avistando ao longo do horizonte e integra-a. É uma

⁹ Breton, *Elogio del caminar*, 38.

¹⁰ Breton, *Elogio del caminar*, 38.

¹¹ Cf. Kagge, *A arte de caminhar*, 41-47.

¹² José Arlison Xavier de Souza, “Caminhar em peregrinação,” *Geosaberes* 16, n.º 2 (Nov. 2015): 342.

realidade da caminhada que responde aos estímulos da caminhada, porque caminhar sem corpo é como nadar sem água e isto não é possível¹³.

A experiência do caminhar é também um deixar-se habitar pelo silêncio inerente à caminhada, quer física, quer de carácter mais interior. A propósito disto recorde-se o testemunho do grande caminhante Erling Kagge, que afirma o seguinte: «todas as minhas caminhadas foram diferentes, mas, olhando para trás, todas têm um denominador comum: o silêncio interior. A caminhada e o silêncio estão interligados»¹⁴. Neste sentido, o silêncio desempenha um papel importante na caminhada, não só o silêncio em geral, mas também o silêncio como encontro consigo próprio, recordando que o «caminhar significa por vezes empreender uma viagem interior de descoberta»¹⁵, mas também os vários silêncios que vão ritmando a caminhada, que por vezes podem até incomodar. Pense-se, por exemplo, no silêncio das florestas que se atravessa; no silêncio das tardes mais difíceis de verão; no silêncio do amanhecer ou do anoitecer; no silêncio das noites onde por vezes até os pequenos ruídos, que se fazem ouvir, incomodam e acordam quem dorme. Ainda que se vá em grupo, há sempre espaço para o silêncio no caminho. Na verdade, em algumas situações o silêncio é tão forte e profundo que incomoda e leva à solidão. No entanto, a solidão do caminho não é abandono, pois ainda que este seja feito sozinho, é sempre oportunidade de encontro, quer com a paisagem que se deixa comunicar, quer com outros caminhantes ou consigo próprio¹⁶.

Por fim, a experiência da caminhada nem sempre é agradável, e, por vezes, pode até tornar-se penosa. Na verdade, «estar convencido de que andar a pé nunca deveria ser penoso é um equívoco»¹⁷, porque tanto a dificuldade, como a alegria e o prazer fazem parte da caminhada. De facto, alcançar uma meta como o cume de uma montanha, através de um outro meio mais cómodo e mais acessível do que o ir a pé, é ter apenas uma parte

¹³ Cf. Kagge, *A arte de caminhar*, 42-43.

¹⁴ Kagge, *A arte de caminhar*, 21.

¹⁵ Kagge, *A arte de caminhar*, 42.

¹⁶ Cf. Gros, *Caminhar, uma filosofia*, 59-68.

¹⁷ Kagge, *A arte de caminhar*, 115.

da experiência, porque não se viveram os desafios e o cansaço do caminho. Pensando bem, Erling Kagge tinha razão quando afirmava que «fazer uma caminhada apenas quando faz bom tempo – e ficar em casa quando está vento, a chover, ou a nevar – é perder metade da experiência. Talvez até a melhor metade»¹⁸. O esforço faz parte da caminhada e mesmo quando as condições parecem menos favoráveis, não quer dizer que esta é menos intensa. Quem sabe, às vezes, não seja até mais marcante. Muitas vezes, o grande desafio está em saber escolher entre aquilo que é necessário e o que é supérfluo. Esta escolha pode também ditar a maior ou menor dificuldade da viagem, porque quanto mais pesada a mochila for, mais difícil se torna a caminhada, mas também sem o essencial pode não ser possível enfrentar as dificuldades que surgem¹⁹. Deste modo, o caminhante deve ser um mestre da sobriedade de modo a que carregue na mochila apenas o essencial para a viagem.

1.1 A Peregrinação: uma experiência complexa

Na verdade, foi-se percebendo que o caminhar é uma das experiências mais básicas da humanidade, e a peregrinação a pé, exige esta habilidade do ser humano. Não obstante, antes de iniciar este aprofundamento sobre a peregrinação, é importante realçar que esta é uma experiência complexa. Assim, qualquer estudo ou reflexão que se faça em torno desta atividade torna-se complexo e exigente, pois esta «conta-se entre as experiências que aparentemente só se podem entender a partir delas mesmas, ou, talvez melhor, passando por elas. No limite, dir-se-ia que se alguém quer saber o que é a peregrinação deveria pôr-se a caminho»²⁰. Há, no entanto, várias abordagens a esta experiência que não podem ser consideradas isoladamente nem como únicas, mas devem ser articuladas entre si e devem-se complementar.

¹⁸ Kagge, *A arte de caminhar*, 117.

¹⁹ Cf. Breton, *Elogio del caminar*, 48-51.

²⁰ Cardita, “Peregrinação: possibilidade de compreensão crítica de uma experiência,” *Sociologia, revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* 24 (2012): 196.

Deste modo, é de salientar o estudo antropológico-cultural de Pedro Pereira²¹ à peregrinação a pé a Fátima que tem por base a tese de Edith e Victor Turner sobre a peregrinação que foi servindo de base para muitas das reflexões posteriores acerca da questão e que se procurará apresentar sucintamente neste capítulo; o estudo filosófico (ontológico) sobre a experiência do peregrinar de José da Silva Lima²², bem como outros estudos sobre este tema. Ângelo Cardita, por exemplo, para além das abordagens enunciadas, faz ainda referência à abordagem de tipo psicanalítico feita por Jean Dalby Clift e Wallace B. Clift, apresentando a peregrinação como arquétipo tendo por base a teoria dos arquétipos elaborada por Jung e à peregrinação como narração, desenvolvida por Coleman²³ «desde o ponto de vista da interação entre pessoas, lugares e textos, nas tensões e complementaridades entre as narrações orais e escritas; e, ainda, na sua relação com a viagem, na ambiguidade entre relatos de peregrinação e relatos de viagem»²⁴. A verdade é que as abordagens feitas a esta experiência tão rica e diversificada é muito vasta. Importa tomar consciência que «a peregrinação da antropologia é muito diferente da peregrinação da filosofia; a peregrinação como “arquétipo” supõe uma metodologia diversa da peregrinação como “narração”. O problema é que, radicalizando esta diferença epistemológica, perde-se a própria experiência da peregrinação como tal»²⁵. Assim, seja de que tipo for a abordagem à peregrinação torna-se sempre incompleta, porque esta está inevitavelmente vinculada à experiência, estando por isso aberta a reflexão a várias possibilidades.

²¹ Cf. Pedro Pereira, *Peregrinos: um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima* (Lisboa: Instituto Piaget, 2003).

²² Cf. José da Silva Lima, *A Peregrinação Percursos e Palavra* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007).

²³ Cf. Cardita, “Peregrinação: possibilidade de compreensão crítica de uma experiência,” 201-207.

²⁴ Cardita, “Peregrinação: possibilidade de compreensão crítica de uma experiência,” 206.

²⁵ Cardita, “Peregrinação: possibilidade de compreensão crítica de uma experiência,” 209-210.

1.2. Peregrinação enquanto experiência quase-liminar

Tendo tomado consciência da complexidade desta experiência, de modo a perceber a questão do ponto de vista antropológico, torna-se pertinente uma sucinta abordagem à teoria de Victor e Edith Turner que, no âmbito da antropologia, deu um importante contributo para a reflexão posterior sobre a peregrinação. Tendo por base a teoria dos ritos de passagem de Van Gennep²⁶, Victor Turner desenvolveu um estudo dos ritos de uma tribo chamada Ndembu, no nordeste da Zâmbia²⁷. Neste estudo, Turner desenvolveu a noção de liminaridade aplicada ao rito. Segundo Van Gennep, os ritos de passagem apresentam três fases, a saber: separação, margem, ou “limen”, com significado de “liminar” em latim, e a agregação²⁸.

Edith e Victor Turner propõem-se aplicar à peregrinação a teoria exposta na obra *O processo ritual*, analisando-a como rito de passagem. Não obstante, a peregrinação não é igual aos ritos de passagem, pois apresenta algumas diferenças. Em primeiro lugar, a peregrinação é voluntária e não é um mecanismo social obrigatório para marcar uma transição. Neste sentido, segundo Edith e Victor Turner mais do que um fenómeno liminal é um “liminóide” ou “quase-liminal”, ao invés do sentido pleno liminal de Van Gennep²⁹. Na perspetiva de Turner, os seres humanos podiam relacionar-se através de dois sistemas que alternavam, sendo que o primeiro refere-se à estrutura e o segundo à antiestrutura, ou *comunitas*.

«(...) O primeiro é o da sociedade tomado como um sistema estruturado, diferenciado e frequentemente hierárquico de posições político-jurídico-económicas, com muitos tipos de avaliação, separando os homens de acordo com as noções de “mais” ou de “menos”. O segundo, que surge de maneira evidente no período liminar, é o da sociedade considerada como um “comitatus” não-estruturado e relativamente

²⁶ Cf. Arnold Van Gennep, *Los Ritos de Paso* (Madrid: Alianza Editorial, 2008).

²⁷ Cf. Victor W Turner, *O processo ritual: estrutura e antiestrutura* (Petrópolis: Editora Vozes, 1974), 116-130.

²⁸ Cf. Turner, *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*, 116.

²⁹ Cf. Pereira, *Peregrinos: um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima*, 109.

indiferenciado, uma comunidade ou mesmo comunhão de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais (...)»³⁰.

Neste sentido, «as peregrinações, tal como o teatro, o lazer, o desporto e o turismo, seriam para Turner momentos rituais de quase-liminaridade, momentos liminóides»³¹. Ora, segundo Edith e Victor Turner, a peregrinação enquanto fenómeno liminóide ou quase-liminar, embora não implique a mudança do *status*, apresenta uma libertação das estruturas mundanas, tem em si o processo de abandono da estrutura e o surgimento da *comunitas* ou antiestrutura, tendo os peregrinos alguma homogeneidade em alguns aspetos, como o vestuário, a caminhada até um local sagrado, que antes da peregrinação era uma periferia, mas que durante esta se torna, temporariamente, o centro, entre outros aspetos. Este processo de passagem pela *comunitas* torna-se posteriormente revitalizador para o regresso à *societas*³².

Na verdade, a teoria sobre a qual assenta a reflexão acerca da peregrinação de Turner, apresenta algumas fragilidades que, naturalmente, debilitam esta última. Em primeiro lugar, a teoria está baseada numa dicotomia rígida e estática entre *societas* e *comunitas*, estrutura e antiestrutura que, polarizando os dois sistemas como se não fosse possível uma relação entre ambos, analisa-os como realidades separadas. Parece associar a sociedade a uma estrutura estática e a *comunitas* a uma estrutura dinâmica, dando a entender a dificuldade da existência de uma *societas* dinâmica. Reduz o social à estrutura social, como se não fosse possível a existência de relações de reciprocidade e relações informais fora da *comunitas*. A peregrinação, segundo Turner insere-se na *comunitas*, portanto não possui estrutura, pertencendo à antiestrutura. Em segundo lugar, a divisão da realidade social em partes também não faz sentido, dado que a realidade faz parte de um todo que

³⁰ Turner, *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*, 119.

³¹ Júlio César Adam, “Entre peregrinação, turismo e liminaridade: a busca por lugares,” *Horizonte* 16, no. 49 (Jan/Abr 2018): 74.

³² Cf. Pereira, *Peregrinos: um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima*, 109.

não se pode compartimentar. Pode é ser abordada e estudada de diferentes perspetivas, mas nunca ser fragmentada³³.

1.3. O peregrino e o praticante

A reflexão sobre a peregrinação leva-nos agora a uma distinção importante: a do peregrino e a do praticante. Esta distinção poderá ajudar a traçar melhor aquilo que pode ser a imagem do peregrino. A verdade é que quando se fala nesta experiência, mais concretamente quando realizada a um santuário, são várias as imagens ou ideias que se cruzam como por exemplo a do peregrino, a do turista, a do convertido, a do praticante, a do não praticante, entre muitas outras. No entanto, estas são, talvez, as figuras mais frequentes que caracterizam aqueles que se dirigem ao santuário. Posto isto, pode colocar-se algumas questões: Caberá toda esta diversidade simultaneamente no santuário? Não se correrá o risco de desvirtuar o sentido e objetivo primordial do santuário? E da peregrinação? Poderá o turista ser um peregrino? E o contrário, é possível?

Ora, desenvolvendo precisamente o fenómeno da mobilidade religiosa, Danièle Hervieu-Léger desenvolve a relação entre o peregrino e o praticante, procurando aquilo que é comum e apontando algumas distinções. A autora em questão começa por referir que a imagem do praticante que outrora se utilizava para caracterizar os crentes já não se adequa ao paradigma religioso atual, pois hoje conhece-se crentes que não são praticantes. A noção de praticante está vinculada a um período do catolicismo, marcado por uma centralização de poder e de sociedades católicas pautadas por um forte sentido comunitário de pertença à instituição³⁴. Deste modo, centrado na figura do praticante e do peregrino, tendo por base a análise de alguns fenómenos, de um modo especial as peregrinações a Taizé, a autora destaca algumas características a propósito desta

³³ Cf. Pereira, *Peregrinos: um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima*, 112-113.

³⁴ Cf. Danièle Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido, A religião em movimento* (Lisboa: Gradiva, 2005), 91-99.

peregrinação concreta, a saber: as motivações que levam os peregrinos a este local são distintas e nem sempre são religiosas; não existe um vínculo institucional. Isto leva a que os peregrinos não se sintam constrangidos, mas livres para fazer o seu itinerário espiritual, dado que ao longo da sua estadia nada lhe é imposto, porque o jovem vai escolhendo o seu trajeto. Por fim, estes encontros são marcados por uma forte densidade emocional presente não só no decorrer do encontro, como nas formas litúrgicas breves e simples dos textos bíblicos musicados e que facilmente ficam na memória, capazes de responder à diversidade de sensibilidades dos participantes que aí se encontram. Estas características fazem de Taizé um espaço simultaneamente livre e enquadrado onde emerge a figura do peregrino³⁵ descrita pela autora na tabela que se segue³⁶:

A figura do Praticante	A figura do Peregrino
Prática obrigatória	Prática voluntária
Prática normalizada pela instituição	Prática autónoma
Prática fixa	Prática moldável
Prática comunitária	Prática individual
Prática territorialmente delimitada (estável)	Prática móvel
Prática repetida (ordinária)	Prática excecional (extraordinária)

Posto isto, a autora distingue dois modelos do religioso que são opostos e que se distinguem, tendo por base o vínculo institucional que pauta, ou não cada um deles. Em forma de síntese, pode dizer-se que:

³⁵ Cf. Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido, A religião em movimento*, 100-108.

³⁶ Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido, A religião em movimento*, 109.

«(...) o praticante conforma-se com disposições fixadas que têm, assim, um caráter de obrigação para o conjunto dos fiéis. Mesmo quando a observância é solitária, ela conserva uma dimensão comunitária. A prática é pelo contrário uma prática voluntária e pessoal. Ela implica uma escolha individual, que permanece em primeiro plano mesmo no caso em que a peregrinação toma uma forma coletiva (...)»³⁷.

A figura do praticante é, deste modo, identificável com o sentido clássico do indivíduo religioso vinculado às normas e aos rituais estabelecidos pela igreja, inserido numa comunidade, marcado pelo cumprimento de determinadas normas e obrigações. O peregrino, por sua vez, trilha um itinerário pessoal, marcado pela autonomia e pela renúncia às dimensões estruturais da vida. A peregrinação implica interrupções na vida quotidiana, levando a uma deslocação de um centro que é a quotidianidade da vida para uma periferia que se torna central durante o percurso: o santuário³⁸.

Na verdade, olhando para a peregrinação em si, esta foi sofrendo também algumas alterações ao nível do significado, pois, nos anos 50 do século passado um jovem católico que participasse numa peregrinação significava assumir publicamente a sua identidade e reforçá-la. O mesmo não acontece nos nossos dias. Hoje, emerge a figura do “peregrino flutuante” cujo vínculo religioso é menos acentuado. Olhando para a realidade de Taizé, ou das Jornadas Mundiais da Juventude, existe lá uma grande diversidade de participantes com uma religiosidade incerta, flutuante ou inexistente e, nestes lugares, cada um encontra um espaço para si. Quem participa não são necessariamente apenas grupos de católicos com uma vivência profunda e entrega total às comunidades de origem, mas há uma grande diversidade. Assim, estes lugares aparecem quase como um “supermercado religioso”, onde cada um procura aquilo que necessita e que mais se identifica. Nas Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ), por exemplo, encontram-se momentos propostos por vários movimentos, correntes de espiritualidade que vão ao encontro das diversas

³⁷ Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido, A religião em movimento*, 109.

³⁸ Cf. Helena Vilaça, “Recomposições dos rituais contemporâneos: a peregrinação,” *Sociologia, revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* 17/18, (2007/2008): 61-62.

sensibilidades³⁹. Nas peregrinações aos santuários, o fenómeno é idêntico. Nem todos os que lá vão apresentam uma religiosidade com um vínculo institucional forte e cada um, quer na caminhada, quer na permanência neste local sagrado trilha o seu percurso espiritual conforme a oferta que lhe aparece. Deste modo, a relação do peregrino com o santuário está marcada por uma profunda liberdade do peregrino, característica de uma prática efémera e, de facto, Alfredo Teixeira dá bem conta deste pormenor:

«(...) Não se perca de vista que um santuário se reatualiza na peregrinação. A prática da peregrinação é, ao mesmo tempo, excecional, efémera e ancorada. Esta está, de forma *sui generis*, entre aquelas duas tipologias contrastantes: uma, determinada por práticas correntes de observância territorializada, no quadro de uma pertença estável e permanente, em condições reguladas pela instituição; outra, mais determinada por práticas voluntárias e individuais, inscritas num regime espaciotemporal de exceção, que não implicam uma integração efetiva numa comunidade estável ou a adesão a um credo religioso objetivável institucionalmente (...)»⁴⁰.

Em suma, a peregrinação, enquanto prática marcada por uma certa efemeridade, aparece em contraposição com a tradicional prática do praticante, por isso mesmo é que nos nossos dias estas figuras distinguem-se dada a amplitude que a figura do peregrino alcançou.

1.4. O peregrino e o turista

Hoje, mais do que nunca, turismo e turista são conceitos que frequentemente são utilizados por todos, mas cujo significado nem sempre é o mesmo para toda a gente. Na verdade, os sentidos vão variando mediante a relação que estabelecemos com esta realidade. Para uns é fonte de rendimento, trabalho, subsistência, pois oferece emprego;

³⁹ Cf. Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido, A religião em movimento*, 111-116.

⁴⁰ Alfredo Teixeira, *Religião na sociedade portuguesa* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019), 51.

para outros é uma forma de lazer para pessoas com posses, pessoas com estabilidade e capacidade económica. Há quem considere que seja uma libertação da rotina, um meio de satisfação ou realização pessoal; para outros representa uma forma de invasão, destruição de valores constituintes da sua identidade, rotinas e propriedade privada. A verdade é que, pode dizer-se, há um grande imaginário, ou até pré-conceitos, relacionados com esta atividade, que nos coloca o turismo, por vezes, como uma atividade agradável e de lazer como o turismo balnear ou de montanha; como atividade que pode até ser, em certa medida, repugnante e vazia de sentido, como por exemplo o “turismo sexual”; ou com uma conotação religiosa como o turismo religioso, daí ser pertinente uma breve clarificação de conceitos⁴¹.

Em primeiro lugar, é importante notar que, como alguns autores sugerem, noutras épocas mais antigas, viajar, até mesmo peregrinar era sinónimo de uma difícil caminhada, conforme, claro está, a distância que se fosse percorrer. Esta experiência implicava uma cuidada preparação logística, pois era uma atividade perigosa que não era acessível a qualquer pessoa, porque acarretava consigo custos que nem todos podiam suportar. Empreender uma viagem, ou uma peregrinação era, portanto, um grande desafio. O desenvolvimento dos meios de transporte foi facilitando as viagens, fazendo com que algo que outrora apenas se realizava quase por necessidade, progressivamente se fosse tornando acessível a quase todos e se tornasse cómodo e agradável. Assim, hoje em dia, viajar já não é necessariamente custoso, mas está associado também ao lazer, a uma fuga do quotidiano, que na sociedade moderna dá origem ao turista contemporâneo, que genericamente é caracterizado como aquele que viaja para passar férias, procurar lazer, conhecer novos locais, satisfação, levando a que muitas vezes o turismo fosse reduzido a algo banal⁴². Este tipo de turista foi caracterizado frequentemente «por uma imagem

⁴¹ Cf. Licínio Cunha, *Economia e política do turismo* (Lisboa: Lidel – Edições técnicas, 2013), 1-2.

⁴² Cf. Cecília dos Guimarães Bastos, “Perspetivas antropológicas sobre o turismo religioso: atravessando as fronteiras do turismo religioso e da peregrinação,” *Debates do NER* 18, n.º 31 (Jan/Jun 2017): 308-310.

difundida de “férias”, do sujeito deitado ao sol em alguma praia paradisíaca»⁴³, acabando por ser uma visão muito redutora daquilo que é a atividade turística.

Ora, encontrar uma definição suficientemente clara de turismo, capaz de descrever este fenómeno complexo, é tarefa exigente⁴⁴, pois para uma visão mais completa, este fenómeno «deve ser abordado no seu estudo desde um campo interdisciplinar e multidisciplinar»⁴⁵, para que a definição possa ser o mais abrangente possível. Cecília dos Guimarães Bastos dá um importante contributo à reflexão, procurando fazer uma abordagem ao turismo de acordo com os cinco modos desenvolvidos por Cohen, a saber: modo recreativo, diversificado, experiente, experimental e existencial. Ora, na abordagem destes cinco modos, referindo-se a Cohen, Cecília começa por indicar que quer o turismo quer a peregrinação são marcados por dois movimentos diferentes. O primeiro de um centro para uma periferia; o segundo de uma periferia para um centro cultural. Esta abordagem ao fenómeno é feita mediante o grau que a viagem representa na busca pelo centro, utilizando linguagem de Cohen. Segundo Cecília dos Guimarães Bastos, o último modo é semelhante à experiência da peregrinação⁴⁶. Conscientes desta diversidade de abordagens ao fenómeno, para o efeito, segue-se a definição de turismo da Organização Mundial do Turismo, (OMT) onde esta prática é definida do seguinte modo:

«(...) O turismo é um fenómeno social, cultural e económico relacionado com o movimento das pessoas a lugares que se encontram fora do seu lugar de residência habitual, por motivos pessoais, ou de negócios/profissionais. Estas pessoas denominam-se visitantes (que podem ser turistas ou excursionistas; residentes ou não

⁴³ Bastos, “Perspetivas antropológicas sobre o turismo religioso: atravessando as fronteiras do turismo religioso e da peregrinação,” 310.

⁴⁴ Cunha, *Economia e política do turismo*, 220. Este autor vai fazendo um breve percurso sobre a evolução da definição do conceito “turismo” durante 56 anos, desde 1937-1991 apresentada pela OMT, chegando à conclusão que após este percurso, visitante é a palavra-chave para definir turista e excursionista/visitante de dia, bem como a importância do critério temporal para a distinção entre cada uma delas.

⁴⁵ P. Joseph-Enric Parellada, “El turismo religioso. Sus perfiles,” acedido a 23 de Março de 2019. <https://www.conferenciaepiscopal.nom.es/pastoral/turismo/encuentro/2008/JosepEnricParellada.pdf>, 7.

⁴⁶ Bastos, “Perspetivas antropológicas sobre o turismo religioso: atravessando as fronteiras do turismo religioso e da peregrinação,” 319-327.

residentes) e o turismo tem a ver com as suas atividades, as quais, algumas implicam um gasto turístico (...)»⁴⁷.

A definição de turismo apresentada pela OMT apresenta três aspetos que podem ser salientados. Em primeiro lugar, considera que a prática do turismo implica o sair do seu lugar habitual de residência, isto é, para fora dos lugares próximos da sua residência; em segundo lugar considera como fator importante a permanência fazendo a distinção entre o turista e o excursionista, e por fim, em relação às motivações estabelece seis categorias enunciadas pela seguinte ordem: 1) ócio, lazer e férias; 2) visitas a amigos e familiares; 3) assuntos profissionais e de negócios; 4) tratamentos de saúde; 5) religião/peregrinações; 6) outros⁴⁸.

Posto isto, e para a reflexão em concreto, importa incidir sobre o turismo religioso. É interessante notar que como foi referido, o turismo foi tomando a forma como hoje se conhece, graças aos progressos nos meios de transporte, no entanto, há um outro fator que está associado ao grande desenvolvimento do turismo que levou à sua massificação, também do turismo religioso, que é a globalização⁴⁹ e o desenvolvimento da economia que estão estritamente relacionadas com o turismo. No que se refere ao turismo religioso, alguns autores consideram que este manifesta algumas vivências religiosas das peregrinações, mas de um modo secularizado. O deslocamento turístico-religioso pode encontrar-se misturado com o modo tradicional das peregrinações que está inserido numa lógica de mercado, à mercê de agentes turísticos, hotéis, percursos próprios, tendo um misto entre lazer e piedade⁵⁰.

⁴⁷ Organización Mundial del Turismo, “Entender el turismo: Glosario Básico,” acessado a 22 de Maio de 2019. <https://media.unwto.org/es/content/entender-el-turismo-glosario-basico>.

⁴⁸ Cf. P. Joseph-Enric Parellada, “El turismo religioso. Sus perfiles,” acessado a 23 de Março de 2019. <https://www.conferenciaepiscopal.nom.es/pastoral/turismo/encuentro/2008/JosepEnricParellada.pdf>, 8-9.

⁴⁹ Seguindo a linha de pensamento de Edin Sued Abumanssur, “Turismo religioso e identidade nacional,” *Horizonte* 16, n.º 49 (Jan/Abr 2018): 89-96.

⁵⁰ Cf. Emerson José da Silveira, “Peças franjas dos santuários: turismo, fé e religião em flashes etnográficos.” *Horizonte* 16, n.º 49 (Jan/Abr 2018): 140-141.

Na verdade, «globalização invoca, quase automaticamente, algumas ideias como rompimento de fronteiras geográficas e económicas»⁵¹. De facto, alguns autores consideram que o surgimento do turismo religioso se deve também ao facto de o produto religioso passar a ser vendido no turismo de massas, que integra grande parte das características que o turismo tradicional contém, desde a hospedagem, deslocamentos com o intuito de explorar o lugar, integrando a participação em celebrações, chegando a fazer parte do turismo religioso também peregrinações, por isso alguns autores consideram que peregrinação e turismo religioso, muitas vezes, são confundidos, porque a peregrinação também tem em si alguns aspetos do turismo e dizer onde começa um e acaba o outro, não é tarefa fácil. Na verdade, a peregrinação não se torna turismo religioso pelo modo como os agentes do turismo olham para a religião, mas porque o peregrino moderno também age como turista, sendo consumidor e visitante. Ao passo que na Idade Média a peregrinação acontecia apenas como modo de penitência, reconciliação, cumprimento de uma promessa. Hoje em dia, tornou-se um fenómeno mais abrangente⁵². Recorde-se que «a maioria das peregrinações aos lugares santos da Europa, Ásia e Oriente Médio, são integradas em pacotes turísticos que incluem vários outros passeios. A religião é apenas mais um dos elementos que compõe o pacote de férias»⁵³, sendo os lugares sagrados, mais um dos destinos turísticos possíveis colocados à disposição.

Deste modo, será lícito afirmar as «peregrinações têm muito de turismo e o turismo absorveu muito das peregrinações. Agências de viagens organizam peregrinações e viagens com promessas de rutura com o quotidiano, descanso, diversão, convivência»⁵⁴. Neste sentido, na linha de Edith e Victor Turner ambas podem fazer parte de uma experiência liminóide ou quase-liminar⁵⁵. Posto isto, pode colocar-se a seguinte questão: Pode um peregrino ser um turista, ou um turista converter-se num peregrino? Depois de

⁵¹ Abumanssur, “Turismo religioso e identidade nacional,” 90.

⁵² Cf. Abumanssur, “Turismo religioso e identidade nacional,” 93-96.

⁵³ Abumanssur, “Turismo religioso e identidade nacional,” 95.

⁵⁴ Adam, “Entre peregrinação, turismo e liminaridade: a busca por lugares,” 82.

⁵⁵ Cf. Adam, “Entre peregrinação, turismo e liminaridade: a busca por lugares,” 86.

tudo o que se disse, talvez se possa considerar que sim, dado que uma experiência não impede a outra. Assim, o peregrino que ao longo do percurso busca um encontro com Deus, consigo próprio e com o outro, cujo caminhar não se reduz a um caminhar meramente geográfico, mas alimentado por uma sede de algum tipo de conversão pode, também, em determinado momento apresentar o comportamento do turista que busca o prazer, a fuga do quotidiano, a aventura do caminho. O mesmo também pode acontecer com a figura do turista, cuja atividade pode assumir traços de uma peregrinação. De facto, o que os separa é uma linha ténue, mas ambos podem conviver no espaço sagrado. Na verdade, «há uma convergência de influências diversas para explicar a frequência dos santuários e nem a todos os visitantes se pode atribuir o qualificativo de peregrino. As razões da visita podem ser variadas embora a razão de ser do santuário seja sempre religiosa»⁵⁶, por isso é que não se pode correr o risco de *à priori* considerar ambos como sinónimos, mas reconhecer que ambos coexistem no espaço do santuário, e que não são inconciliáveis, pois não se excluem.

⁵⁶ Cunha, *Economia e política do turismo*, 220.

2. A Peregrinação: uma experiência crente

No capítulo precedente, foi trilhado um pequeno percurso de modo a perceber algumas das características da peregrinação, procurando abrir horizontes. Se por um lado, se tomou consciência da importância do caminhar para o ser humano, por outro lado, tornou-se evidente que o perfil do peregrino é muito complexo: recorde-se a relação traçada entre o peregrino e o turista e o peregrino e o praticante.

Posto isto, o ser humano, entre várias características, vive uma busca de plenitude, de ser mais, por isso mesmo, é definido, muitas vezes, como *homo viator*. Portador desta característica, pode dizer-se que o ser humano é viajante, ou peregrino. Enquanto tal, vive insatisfeito, pois este desejo de ser mais, instiga-o a viver uma incessante busca de sentido que o pode conduzir ao encontro com o transcendente⁵⁷. Ora, a peregrinação, cujo «termo (do latim *peregrinatio*: viagem em terra estrangeira) que designa a difundida prática devocional de deslocar-se colectiva ou individualmente a um santuário ou a um lugar sagrado, para realizar especiais actos de piedade religiosa ou de penitência»⁵⁸, pode inserir-se, precisamente, nesta particularidade do ser humano de busca e encontro com o transcendente. Na verdade, para o «*homo religiosus*»⁵⁹ o espaço não tem o mesmo significado. Para ele o espaço não é homogéneo, pois existem diferenças qualitativas entre diversos lugares, porque apresenta cisões, na medida em que alguns espaços se mostram mais providos de significado do que outros, por variadas razões, podendo designar-se uma distinção entre aquilo que se pode considerar o espaço sagrado e o profano⁶⁰. De igual modo, o tempo é superior ao espaço, na medida em que quando se dá mais importância ao espaço, faz com que se queira resolver tudo no momento presente, ao passo que quando se dá mais importância ao tempo procura-se ordenar e iluminar os

⁵⁷ Cf. Jorge Coutinho, *Caminhos da razão no horizonte de Deus* (Coimbra: Edições Tenacitas, 2010), 26.

⁵⁸ Gianni Ambrosio, “Peregrinação,” in *Christos Enciclopédia do Cristianismo*, (Lisboa: Editorial Verbo, 2004), 713.

⁵⁹ Coutinho, *Caminhos da razão no horizonte de Deus*, 26.

⁶⁰ Cf. Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano. A essência das religiões* (Lisboa: Livros do Brasil, S/Data), 27.

espaços⁶¹. Na verdade, transpondo esta ideia para a peregrinação leva a que se considere o tempo da peregrinação como um tempo de particular relevância, talvez ainda mais quando esta é realizada a pé.

Deste modo, tendo presente a ideia do sagrado e do profano, do ponto de vista teológico, o conceito de peregrinação, pode levar-nos a enunciar três pressupostos fundamentais para a sua compreensão. Em primeiro lugar, a noção de que Deus permite o encontro, isto é, que se lhe fale de uma maneira especial em determinadas circunstâncias; em segundo lugar, esta experiência parece evidenciar que a ação de Deus se torna particularmente clara em alguns locais, por isso assumem uma maior importância e se tornam lugares de peregrinação; o terceiro é de que para beneficiar de um determinado favor, ou graça de Deus, ou de um santo, se deve peregrinar até um determinado lugar marcado por essa presença especial, sendo que esta viagem até ao local sagrado forma uma unidade com a ação de entrar e permanecer no santuário⁶². Estes pressupostos podem ser úteis para uma chave de leitura teológica da peregrinação, pois podem ser vistos como um pano de fundo para uma possível leitura das motivações do peregrino.

Na verdade, esta prática não é uma característica exclusiva do cristianismo, mas também se encontra em muitas religiões, sendo que a sua definição e o seu sentido surgem maioritariamente com uma conotação religiosa⁶³, pelo menos, é comumente definida como uma «viagem que se faz a um santuário por devoção ou para obter uma ajuda espiritual ou como um ato de penitência ou de ação de graças. A prática da peregrinação é comum na maioria das religiões»⁶⁴. Neste sentido, pode dizer-se que peregrinação e santuário são duas realidades que estão intrinsecamente interligadas, pois exigem-se

⁶¹ Cf. Franciscus, “Adhortatio Apostolica ‘Evangelii Gaudium’,” *AAS* 105 (2013): 222-225.

⁶² Cf. Ekkart Sauser, “Peregrinaciones,” in *Sacramentum Mundi*, Tomo V, dirigido por Karl Rahner S.j., (Barcelona: Editorial Herder, 1974), 433.

⁶³ Cf. Jose Aldazabal, *Gestos y Simbolos*, (Barcelona: Centre pastoral litúrgica, 1992), 207.

⁶⁴ Xavier Moll, “Peregrinaciones,” in *Diccionario de Espiritualidad*, Tomo III, dirigido por Ermanno Ancilli, (Barcelona: Editorial Herder, 1984), 146.

reciprocamente, na medida em que os peregrinos se deslocam ao santuário, e este é lugar de acolhimento daqueles, manifestando-se como espaço de intimidade e de encontro privilegiado com Deus. O santuário é o lugar, por excelência, onde os peregrinos acorrem, porque se apresenta como lugar de encontro com a misericórdia divina pela intercessão da Virgem Maria e dos santos que nos antecederam na fé. São, portanto, lugares do encontro da humanidade com Deus⁶⁵.

A experiência da peregrinação está inserida dentro das práticas da religiosidade popular, por isso mesmo, não se encontra estritamente ligada ao culto oficial, no entanto, como qualquer forma de religiosidade popular, está revestida por uma forte carga afetiva, por um despreendimento das formas oficiais da igreja, marcada pelos cantos religiosos populares, envolvida por uma certa liberdade das formas, característica destas manifestações. O peregrino traça o seu próprio itinerário espiritual a que se propõe durante a peregrinação, por isso, esta está marcada por um certo despreendimento da liturgia oficial e não se deixa prender a fórmulas fixas. É este o motivo pelo qual, por vezes, pode até nem sempre ser bem aceite, porque apresenta uma dinâmica própria, cujo ritmo é marcado pelo peregrino que vive a caminhada⁶⁶. Não obstante, a experiência da peregrinação seja pessoal, esta não se reduz apenas a um caminho espiritual do indivíduo que busca uma conversão interior. Na verdade, a própria Igreja é peregrina, porque esta é uma comunidade que está em caminho, que busca a sua própria renovação⁶⁷, dado que «em comunhão com o seu Senhor, também a Igreja, povo messiânico, está em caminho rumo à cidade futura e permanente»⁶⁸. Posto isto, a peregrinação realizada pessoalmente,

⁶⁵ Cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Directório sobre a Piedade Popular e Liturgia*, (Braga: Editorial A.O., 2003), 206-207.

⁶⁶ Cf. Annibale Zambarbieri, “Religiosidade Popular,” in *Christos Enciclopédia do Cristianismo*, (Lisboa: Editorial Verbo, 2004), 669-770.

⁶⁷ Cf. Lettre Pastorale, “Le Chemin De Saint-Jacques: Quête et Rencontre,” Saint-Jacques de Compostelle, Acedido a 2 de Outubro de 2019, http://www.webcompostella.com/wp-content/uploads/2015/07/El-Camino-de-Santiago_Frances-LETTRE-PASTORALE-2-avec-filligrame.pdf, 18.

⁶⁸ Pontifício Concelho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, “A peregrinação no Grande Jubileu do Ano 2000,” Acedido a 3 de Outubro de 2018, http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_19980425_pilgrimage_po.htm, 1.

é, por um lado, expressão de uma comunidade que caminha e, por outro lado, uma humanidade que busca um sentido, porque «a peregrinação é o sinal, é a imagem da nossa vida humana»⁶⁹, por isso é que o caminhar da peregrinação não se reduz aos quilómetros que se percorre, visto que mais importante do que isso é o caminho interior que se faz, uma vez que quem faz uma peregrinação «põe o seu ser, o seu corpo, o seu coração e a sua inteligência em marcha, enquanto se vai descobrindo a si mesmo como um “buscador de Deus e um peregrino do eterno”»⁷⁰. Este é, sem dúvida, um caminho exigente de se percorrer.

A experiência da peregrinação faz-nos recordar o mistério da Encarnação de Deus que «é esta trajectória única, do princípio ao fim, do alfa ao ómega, visitando o mundo como grande aldeia onde se transformam desilusões e voltando-o para o lugar donde saiu, num projeto universal de renovação da Esperança»⁷¹. Deste modo, esta experiência deve ser vista à luz do Deus-peregrino, um Deus que se abre ao encontro com o ser humano e faz, com ele, este caminho. A Encarnação é manifestação do Deus-peregrino e a peregrinação, antes de realizada por qualquer pessoa, é precedida por este mesmo Deus que se fez peregrino e habitou entre nós. Deste modo, o sentido da peregrinação de cada um não é punitivo, ou como castigo, mas é busca daquele que parte primeiramente ao encontro. A meta é, portanto, o encontro daquele que nos precede e que é o modelo para o caminho de cada peregrino. A parábola do Pai Misericordioso, ou do Filho pródigo (cf. *Lc15*) é também a do Pai peregrino. Esta parábola diz que para Ele é possível a mudança do caminho e que as situações irremediáveis não existem, pois, o Pai está de braços abertos e prepara sempre o melhor manjar para acolher o filho. Neste sentido, a

⁶⁹ P. Joseph-Enric Parellada, “El turismo religioso. Sus perfiles,” acedido a 23 de Março de 2019. <https://www.conferenciaepiscopal.nom.es/pastoral/turismo/encuentro/2008/JosepEnricParellada.pdf>, 17.

⁷⁰ Parellada, “El turismo religioso. Sus perfiles,” 17.

⁷¹ José da Silva Lima, “Peregrinações (Antropologia e teologia),” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, dirigido por Carlos Moreira Azevedo, (Rio de Mouro: Círculo de leitores, 2001), 433.

peregrinação só pode ser entendida à luz do mistério Pascal, caso contrário torna-se impossível perceber a precedência deste Deus que também é peregrino⁷².

Na verdade, a peregrinação, como foi referido, não é uma prática que se restringe aos nossos dias, nem exclusiva do cristianismo, mas que foi herdada de outras religiões e de outros períodos da história e que o cristianismo adaptou. De facto, «ao longo da história o cristão pôs-se em caminho para celebrar a sua fé nos lugares que indicam a memória do Senhor ou daqueles que representam momentos importantes da história da Igreja. Aproximou-se dos santuários que honram a Mãe de Deus e daqueles que mantêm vivo o exemplo dos Santos»⁷³. Não obstante, esta não foi uma prática que surgiu logo no início do cristianismo, por isso é que até ao séc. IV não se encontram registos de peregrinações, por vários motivos: em primeiro lugar, porque era uma prática que estava associada ao paganismo e ao judaísmo; em segundo lugar, porque o cristianismo ainda não tinha uma liturgia definida como o povo judeu e vivia a esperança na próxima parusia o que fazia parecer como supérfluo as peregrinações aos lugares por onde Cristo tinha passado. Por fim, nos primeiros séculos também ainda não havia uma veneração aos santos e aos mártires que pudesse incentivar uma peregrinação aos seus túmulos⁷⁴. Posto isto, os primeiros testemunhos de peregrinação aparecem como sendo a peregrinação de Helena, mãe do imperador Constantino, à Palestina em 333 (*Itinerarium Burdigalense*), e a peregrinação de Egéria (*Itinerarium Egeriae*), por volta do ano 400, aos lugares santos que remontam ao séc. IV⁷⁵. Neste sentido, os primeiros lugares valorizados a partir deste período são aqueles que aparecem nos relatos bíblicos, ligados História da Salvação. Estes lugares e as relíquias que possam ter, vão sendo inventariados e são construídas igrejas,

⁷² Cf. Lima, “Peregrinações (Antropologia e teologia),” 432-433.

⁷³ Pontifício Concelho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, “A peregrinação no Grande Jubileu do Ano 2000,” 1.

⁷⁴ Cf. Sauser, “Peregrinaciones,” 436.

⁷⁵ Cf. Sauser, “Peregrinaciones,” 436. Cf. Pierre Maraval, “Peregrinación,” in *Diccionario crítico de Teología* dirigido por Jean-Yves Lacoste, (Madrid: Ediciones Akal, 2007), 946. Cf. José da Silva Lima, “Peregrinação,” in *Enciclopédia de Fátima*, coordenado por Carlos A. Moreira Azevedo e Luciano Cristino, (Estoril: Príncipia, 2007), 404.

mosteiros e hospedarias para o acolhimento daqueles que aí se deslocam em peregrinação. Os túmulos dos mártires constituem também lugares de peregrinação onde serão construídas igrejas em sua memória.

No que se refere à Idade Média, podem distinguir-se dois fenómenos. No Oriente, após a ocupação da Palestina pelos árabes, continuou-se a peregrinar, do mesmo modo, para estes locais sagrados, no entanto, com grande dificuldade, dado que os lugares de peregrinação como Jerusalém tinham sido tomados pelos muçulmanos, o que levou o Papa Urbano II a instaurar as cruzadas de libertação de Jerusalém do poder dos muçulmanos que eram vistas como peregrinações coletivas. No Ocidente, por sua vez, encontram-se dois grandes polos de peregrinação: Roma e Santiago de Compostela. No início da Idade Média, Roma é o lugar de peregrinação mais frequentado, tendo entrado em decadência entre os séculos XI e XIII, por questões políticas. Com a queda das peregrinações a Roma, Santiago de Compostela torna-se um importante centro de peregrinação no séc. XIII. Nos finais da Idade Média, Roma volta de novo ser um importante lugar de peregrinação. É também neste período que se desenvolvem as peregrinações marianas, como acontece, por exemplo, no séc. XII com a de Rocamadour⁷⁶. Deste modo, a Idade Média é considerada a época de ouro das peregrinações onde a Roma acorrem os “romeiros” para venerarem os túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo. Santiago torna-se também um centro onde convergem vários “caminhos” que ligam inúmeros países à Catedral onde se venera o túmulo do apóstolo Santiago Maior⁷⁷.

Por fim, no período da época moderna, as peregrinações também encontraram algumas dificuldades por causa da reforma, onde esta prática era mal vista. Ainda no séc. XVIII a peregrinação é criticada por muitos clérigos e proibida por governantes

⁷⁶ Cf. Maraval, “Peregrinación,” 946-947.

⁷⁷ Cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Directório sobre a Piedade Popular e Liturgia*, 221-222.

influenciados pelo movimento iluminista⁷⁸. A partir da segunda metade do séc. XIX, as peregrinações sofrem um novo florescimento e ganham uma nova força, sendo que as mais significativas têm como meta santuários que são expressões particulares da fé, da cultura e da identidade de um determinado povo, como acontece, por exemplo, no caso de Portugal, com Fátima que se torna um ícone do país⁷⁹.

2.1. Peregrinações Bíblicas

Na verdade, um olhar atento sobre a História da Salvação permite perceber que esta está repleta de exemplos de lugares de peregrinação, bem como de peregrinos. No livro do Génesis, por exemplo, pode evocar-se a figura de Abraão. Este é um, entre tantos, que, face ao convite do Senhor «Deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu pai, e vai para a terra que eu te indicar» (cf. *Gn*12,1), parte de Ur, a sua pátria, e vai em direção a uma terra desconhecida, à terra prometida (cf. *Gn*12,6-7), levando consigo a promessa do surgimento de um grande povo como anuncia a passagem de Génesis 12,2.

Neste sentido, pode dizer-se que o patriarca é «pai peregrino, que acredita num povo que virá e que, nesse facto, se abre ao futuro que a ousadia potencia na escuta da voz que chama»⁸⁰. Não vai sem rumo, mas a sua escuta leva-o a um determinado lugar, lugar esse que lhe é prometido a ele e à sua descendência. Parte para um sítio desconhecido, vivendo uma busca que o leva a ser mais. Neste percurso, acaba por revelar uma profunda confiança em Deus e na missão a que é chamado (cf. *Gn*.15,6). Por isso é que «foi a Abraão que se chamou, tradicionalmente, o *pai da fé* ou o “pai dos crentes”»⁸¹, pois a sua confiança e fidelidade a Deus foram sempre uma inspiração para todos os crentes.

Deste modo, esta figura acaba por se impor naturalmente, pelo seu testemunho, como um modelo para muitas das peregrinações, pois vive a dinâmica do «próximo ao

⁷⁸ Cf. Maraval, “Peregrinación,” 947.

⁷⁹ Cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Directório sobre a Piedade Popular e Liturgia*, 222.

⁸⁰ Lima, “Peregrinação,” 406.

⁸¹ João Duque, *Homo Credens*, (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004), 70.

longínquo, do familiar ao desconhecido, do rotineiro ao estranho, do possessivo ao utópico, do postulado ao encontrado, do exigido ao oferecido, do individual ao comunitário, do reduzido ao abundante, do limitado ao sem medida»⁸². Tudo isto se encontra em Abraão enquanto peregrino, mas também se descobre nos peregrinos dos nossos dias.

Posto isto, pode dizer-se que Abraão foi o primeiro, mas a verdade é que o Antigo Testamento conta ainda muitos outros exemplos. Recorde-se, por exemplo, a itinerância de Jacob (cf. *Gn* 28-32), do seu filho, José (cf. *Gn* 37-40) entre outras que começam a preparar os acontecimentos relatados no livro de Êxodo, onde é relatada a longa itinerância do povo de Deus. No Antigo Testamento, as peregrinações assumem grande relevância na vida de fé do povo de Israel. De facto, em alguns sítios em que Deus se tinha manifestado aos antigos patriarcas acabaram por se constituir locais de especial encontro com Deus tornando-se, assim, lugares sagrados, santuários de peregrinação, desde o segundo milénio a.C.

Podem destacar-se os santuários patriarcais de Siquém, Betel, Hebrón, entre outros. Estes e outros lugares eram de grande importância, pois eram vistos como uma morada de Deus, marcavam uma especial presença divina, por isso, eram, por excelência, locais de encontro privilegiado com Deus. Em Silo, entre Betel e Siquém, era onde se encontrava a Arca da Aliança, porém, no reinado de David, esta foi mandada levar para Jerusalém e foi colocada no templo construído por Salomão. A verdade é que Jerusalém se tornou destino principal de todas as peregrinações de Israel. Assim, a peregrinação a Jerusalém torna-se revestida de tal importância que passa a ser obrigatória para as grandes festas judaicas, a saber: a festa da Páscoa, a das Semanas ou Pentecostes, e a das Tendras⁸³.

⁸² Lima, “Peregrinação,” 406-407.

⁸³ Cf. Salvatore Garofalo, “Jerusalén/Sión,” in *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*, dirigido por Pietro Rossano, Gianfranco Ravasi e Antonio Girlanda, (Madrid: Ediciones Paulinas, 1990), 852.

O livro dos Salmos, dentro do conjunto de toda a sua riqueza literária que lhe é particular, apresenta um conjunto de «quinze salmos, do 120 ao 134, intitulado, cada um deles, “Cântico das subidas” (os peregrinos sobem a Jerusalém), [e] constituí uma espécie de manual do peregrino»⁸⁴. Ora, esta peregrinação torna-se importante, dado que a Arca da Aliança continha em si as Tábuas da Lei, logo, acabava por ser um símbolo visível da presença divina naquele lugar. Na verdade, a peregrinação não era exclusiva do povo de Israel, mas era uma prática comum também nas regiões vizinhas, como o Egito e a Mesopotâmia, por isso é perfeitamente normal que as procissões e peregrinações existissem em Israel que, por sua vez, foi beber a essas culturas⁸⁵.

A lei de Moisés tinha enunciado o seguinte preceito: «Todos os vossos indivíduos do sexo masculino apresentar-se-ão três vezes por ano, diante do Senhor, Deus de Israel» (*Ex 34,23*). As três vezes referidas na lei de Moisés correspondem, precisamente, às três grandes festas judaicas enunciadas anteriormente, a da Páscoa, que designava a libertação de Israel relatada no Êxodo, a das Tendas, que se referia à marcha pelo deserto e, por fim, a do Pentecostes, que comemorava a Teofania de Yavé no monte Sinai e a entrega das Tábuas da Lei ao Seu povo⁸⁶. Assim, a subida a Jerusalém recordava ao povo, por um lado as maravilhas que o Senhor Deus tinha operado em seu favor, a fidelidade de Deus para com o povo e tudo aquilo que de bom tinha operado. Por outro lado, recordava também a sua eleição perante Deus, a sua característica de povo eleito⁸⁷.

Estes quinze salmos, intitulados de “Cântico das subidas” foram compostos para serem entoados ao longo da subida a Jerusalém. O Salmo 120, no momento da partida, implorava pela paz, desejada por quem se colocava em caminho até Jerusalém. A alegria de quem se coloca a caminho, de quem sabe para onde vai, é manifestamente expressa no Salmo 122 «Que alegria quando me disseram: Vamos para a casa do Senhor! Os nossos

⁸⁴ Garofalo, “Jerusalén/Sión,” 853.

⁸⁵ Cf. Gilles-Dominique Mailhiot, *El libro de los salmos*, (Madrid: San Pablo, 2003), 61-62.

⁸⁶ Cf. Mailhiot, *El libro de los salmos*, 63.

⁸⁷ Cf. Mailhiot, *El libro de los salmos*, 63-64.

passos detêm-se às tuas portas, ó Jerusalém». Este é, efetivamente, um salmo que manifesta a alegria da peregrinação a Jerusalém.

Se uns expressam alegria, outros invocam a misericórdia do Senhor (cf. *Sl* 123), outros ainda um sentimento profundo de confiança, como por exemplo, o Salmo 124. É evocado também o desterro da Babilónia, como uma experiência de sonho no Salmo 126. O salmo 133 evoca, na peregrinação, o amor fraterno e o Salmo 134 termina com um louvor a Deus, a permanecer no Seu santuário⁸⁸. É de evidenciar a riqueza literária destas orações, bem como toda a teologia subjacente. Estes são alguns dos temas referidos nesta breve secção de salmos, que ainda poderia ser mais desenvolvida, não obstante, o que foi referido, permite perceber a importância destes textos para o povo judeu e para a realização das peregrinações.

Deste modo, este conjunto de salmos parece evocar um caminho a percorrer, não apenas geográfico, mas também, e sobretudo, espiritual, um caminho interior de conversão que conduz ao encontro com Deus, não apenas geográfico⁸⁹, mas também, e essencialmente, íntimo e pessoal que brota da oração e, neste caso, da experiência da peregrinação. Neste itinerário, os salmos entoados eram um convite ao reconhecimento das maravilhas de Deus, da sua providência, da sua fidelidade, da sua presença nas dificuldades, como aconteceu no exílio, um convite à confiança... De facto, o conjunto de temas refletidos nesta secção da subida a Jerusalém leva-nos a considerar que, enquanto caminho interior, «a peregrinação refaz o peregrino, devolvendo-lhe a comunhão como rota»⁹⁰. Este é, sem dúvida, um objetivo da peregrinação de todos os tempos: levar à comunhão com Deus e a uma reconstrução interior.

⁸⁸ Cf. Garofalo, “Jerusalén/Sión,” 853-854.

⁸⁹ Remete-se, para o que foi dito anteriormente acerca dos locais de peregrinação no Antigo Testamento.

⁹⁰ Lima, “Peregrinação,” 408.

2.2. O Novo Testamento

Olhando agora para o Novo Testamento, Jerusalém também se assume como um lugar importante no ministério de Jesus e no anúncio da sua missão. O Evangelho de João refere várias “subidas” que Jesus empreende a Jerusalém (cf. *Jo* 2,13; 5,1; 7,10); naquela cidade, em *Jo* 7,14, Jesus também ensina, e como conta *Lc* 19,41, Jesus também chora sobre Jerusalém. No Evangelho de Lucas é onde se percebe a importância dada, quer à subida de Jesus a Jerusalém quer ao caminho. Este Evangelista dedica toda uma secção à subida de Jesus a Jerusalém, na designada “secção da viagem” ou do caminho (cf. *Lc.* 9,51-19,28). Apesar de Lucas dedicar esta secção ao caminho refere ainda, nos capítulos precedentes, a ida do menino ao templo aquando da sua apresentação, quarenta dias após o nascimento levado pelos pais para cumprir o preceito judaico (cf. *Lc.* 2,22-40) e também quando completou os doze anos, para a festa da Páscoa (cf. *Lc.* 2,42-52). Na verdade, o Evangelista refere ainda que os seus pais, como judeus piedosos, tinham o costume de todos os anos, se deslocarem a Jerusalém por ocasião da Festa da Páscoa como narra *Lc.* 2,41. Dando o enfoque à secção da viagem, o caminho de Jesus para Jerusalém assume-se como uma peregrinação onde o Filho revela o Pai e se revela, ensinando e preparando os discípulos para o que há de vir. Na verdade, o templo não aparece apenas como lugar de peregrinação, mas também como espaço que carece de purificação como nos indica a passagem de *Lc* 19,45-46, onde Jesus se propõe a levar a cabo essa tarefa⁹¹.

De facto, nesta secção da viagem, Jesus aparece rodeado pelos discípulos, mas também de muitas outras pessoas que O escutam e que Lucas nem sempre parece preocupado em identificar. Na verdade, a subida para Jerusalém tem um objetivo, um fim (*telos*) que mais tarde se apresenta como um cumprimento. Por este mesmo motivo, Lucas faz um constante recurso às Escrituras como forma de explicar a vinda de Jesus, a Paixão

⁹¹ Cf. João Alberto Sousa Correia, “Do Éden à Jerusalém Celeste, a peregrinação e o santuário em perspetiva bíblica,” *Theologica* 53, n.ºs 1-2 (2018): 23-25.

e o seu Ministério. Deste modo, o Evangelista confere sentido àquilo que à primeira vista parece não ter sentido⁹².

Há, porém, na narrativa de Lucas, posterior à morte de Jesus, um episódio cuja relevância importa destacar para o assunto: a narrativa de Emaús presente em *Lc* 24,13-35. Este episódio acontece no caminho de Jerusalém para Emaús e marca a primeira aparição do Ressuscitado. O Evangelista é preciso quando diz que esta localidade dista sessenta estádios de Jerusalém, cerca de duas horas de caminho, sendo que um estádio media 600 pés gregos e 625 romanos. Deste modo, sessenta estádios era o equivalente a cerca de onze quilómetros. A verdade é que os estudiosos não conseguem indicar com precisão onde se situava a localidade, pois são várias as hipóteses. Com isto, Lucas manifesta o seu desejo de situar as aparições de Jesus em Jerusalém ou nas suas imediações⁹³.

O encontro acontece no caminho, e a verdade é que «os acontecimentos do caminho motivam uma transformação interior tão profunda nos discípulos que, a partir daí, bem podemos concluir que, mesmo quando o caminho percorrido é de frustração, os discípulos de Cristo não caminham sós»⁹⁴. Cristo junta-se aos dois discípulos⁹⁵ que conversavam enquanto caminhavam e põe-se a caminho com eles (cf. *Lc* 24,15), acompanhando-os até ao destino, sem reconhecerem Jesus. O reconhecimento do ressuscitado acontece no partir do pão, o que os leva novamente a regressar a Jerusalém para anunciar aos Onze o que tinham testemunhado e a forma como O reconheceram na fração do pão, como refere *Lc* 24,30-35. No findar deste episódio, Lucas dá a entender a importância de Jerusalém que «fica como o centro da história da Salvação, da Paixão e da ressurreição de Jesus»⁹⁶. Posto

⁹² Cf. François Bovon, *El Evangelio Segun San Lucas (Lc 15,1-19,27)*, Vol. III, (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004), 304-305.

⁹³ Cf. François Bovon, *El Evangelio Segun San Lucas (Lc 19,28-24,53)*, Vol. IV, (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010), 632-635.

⁹⁴ Correia, “Do Éden à Jerusalém Celeste, a peregrinação e o santuário em perspectiva bíblica,” 25.

⁹⁵ Quando se refere os dois discípulos neste excerto, a exegese atual considera que provavelmente seriam do grupo dos setenta e dois discípulos, fundamentado em vários aspetos. Neste sentido, o facto de referir que estes dois são apenas discípulos, pode indicar que são representantes de qualquer discípulo, conforme nos indica José Tolentino Mendonça, “Emaús, laboratório da fé pascal,” *Communio* 14, n.º 4 (1997): 135.

⁹⁶ Bovon, *El Evangelio Segun San Lucas (Lc 19,28-24,53)*, 643.

isto, o episódio dos discípulos de Emaús, não sendo uma peregrinação no sentido que hoje se atribui à palavra, tem os contornos de uma peregrinação marcada pelo encontro com Cristo ressuscitado que acompanha os discípulos pelo caminho, destacando ainda a relevância de Jerusalém na história da Salvação.

Na verdade, não é apenas no episódio de Emaús que o caminho assume uma grande importância. No caminho de Damasco também se encontra situada a conversão, iluminação ou reconfiguração de Paulo (Cf. *At 9,1-25*). Apesar das razões que o levaram ao caminho serem as de algemar aqueles que seguiam Jesus, como indica a passagem referida, é no caminho que Paulo tem o encontro com Cristo, que acaba por mudar radicalmente a sua vida⁹⁷ e o introduz na missão de anunciar o Senhor Jesus, missão essa que o leva a deslocar-se para inúmeras localidades e a sofrer por causa do nome de Cristo (cf. *2 Cor 11,25-28*). Neste sentido, pode dizer-se que «Paulo é um dos grandes ícones da mobilidade e da peregrinação»⁹⁸ que, a partir do seu contacto com Cristo não cessa de se deslocar de cidade em cidade a anunciar a Boa Nova e testemunhar a sua experiência de encontro.

Em suma, ao longo da História da Salvação, «no processo de encontro com Deus, o templo de Jerusalém cede o seu lugar a Jesus Cristo e, em Cristo ressuscitado, cada um dos crentes torna-se lugar de encontro com Deus. Se a peregrinação tinha como destino o templo, o santuário, o objetivo final da peregrinação bíblica é o encontro com Deus e com os outros»⁹⁹.

2.3. As etapas da peregrinação

A peregrinação, do ponto de vista cristão, é um caminhar à luz da fé que conduz a um encontro do peregrino com Deus, consigo próprio e com o outro. Neste sentido, não

⁹⁷ Cf. Correia, “Do Éden à Jerusalém Celeste, a peregrinação e o santuário em perspectiva bíblica,” 27.

⁹⁸ Correia, “Do Éden à Jerusalém Celeste, a peregrinação e o santuário em perspectiva bíblica,” 27.

⁹⁹ Correia, “Do Éden à Jerusalém Celeste, a peregrinação e o santuário em perspectiva bíblica,” 28.

é apenas um caminhar por caminhar, nem uma deslocação meramente geográfica, mas é também, e sobretudo, um caminho interior, é um «sair de si para ser, caminhar em busca daquilo que ainda se não é»¹⁰⁰. Este caminho interior não prescinde do percurso geográfico, mas acompanha-o, é um caminho, através do qual o peregrino procura ser mais, numa busca qualitativa. Neste sentido, na unidade que é a peregrinação, podem destacar-se cinco momentos mais significativos, a saber: a partida; a caminhada; o acolhimento; a permanência no santuário e, por fim, a despedida e regresso dos peregrinos¹⁰¹. Na verdade, pode dizer-se que «assim como o santuário é um lugar de oração, também a peregrinação é um caminho de oração»¹⁰². A itinerância do peregrino é, em vários momentos, ritmada pela oração, pelo encontro com Deus, daí que o caminho seja também um caminho de oração que, em alguns casos, pode levar até a uma conversão, ou mudança de vida. Deste modo, pode também, nesta etapa, distinguir-se o peregrino do viajante. Este desloca-se em função de um objetivo comercial, familiar, de lazer, estudo, trabalho... Aquele apresenta-se como um viajante que procura o Totalmente-Outro, o encontro com o Transcendente.

Efetivamente, já foi dito que a itinerância do peregrino não se reduz a um caminhar por caminhar, mas o peregrino mendiga porque aspira a algo mais profundo, procura saciar uma carência que experiencia. Neste sentido, alguns autores defendem que apesar desta prática ter uma história secular, há características que ainda hoje se mantêm porque a peregrinação vai modulando o ritmo da existência humana, procurando assumir algumas dimensões¹⁰³ que o peregrino busca. Destaque-se algumas delas: dimensão escatológica, que ajuda o peregrino a tomar consciência de que não tem aqui morada permanente, dado

¹⁰⁰ Lima, “Peregrinações (Antropologia e teologia),” 429.

¹⁰¹ Procuraremos, neste ponto, aprofundar as 5 etapas da peregrinação, enunciadas pelo seguinte autor: Manuel Franco Falcão, “Peregrinações,” In *Enciclopédia Católica Popular*, (Prior Velho: Paulinas, 2004), 388.

¹⁰² Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Directório sobre a Piedade Popular e Liturgia*, 226.

¹⁰² Lima, “Peregrinação,” 406.

¹⁰³ Seguir-se-á as dimensões apresentadas em: Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Directório sobre a Piedade Popular e Liturgia*, 222-225. Não obstante, há quem desenvolva estas ou outras semelhantes, como por exemplo: Parellada, “El turismo religioso. Sus perfiles,” 18-19.

que o santuário se apresenta como uma meta imediata, mas o peregrino aspira a uma outra meta; dimensão penitencial, pois a peregrinação em vários momentos da história assumiu, e ainda hoje, em alguns casos, se assume como um ato de penitência onde o peregrino pode procurar mudar alguns aspetos da sua vida; dimensão festiva, associada à dimensão penitencial, também pode ser ocasião para festa, porque permite um afastamento da rotina e dos fardos do dia a dia, permite uma relação mais convival e de fraternidade, levando a que a caminhada que se percorre, seja oportunidade para alegria; dimensão cultural, porque a peregrinação, no santuário, pode levar ao encontro com Deus, mediante as celebrações litúrgicas, mediante o cumprimento de promessas, de atitudes de louvor e ação de graças, bem como outros meios de piedade e, por fim, dimensão apostólica, pois a situação do peregrino pode associar-se, em certa medida, à ação evangelizadora dos Apóstolos e de Jesus que percorriam os caminhos da Palestina, de cidade em cidade a anunciar a Boa Nova¹⁰⁴.

Neste sentido, a deslocação do peregrino apresenta um sentido mais profundo do que o simples caminhar por caminhar. A experiência da peregrinação «é um fenómeno profundamente humano que oferece ao homem e à mulher de fé uma oportunidade para expressar a sua sede por conhecimento e pela verdade e descobrir as respostas para as suas perguntas. A peregrinação não é meramente ir em viagem com o objetivo de caminhar»¹⁰⁵. É, na verdade, pautada por um desejo de encontro com o sagrado que o *homo religiosus* procura. Em última instância, pode dizer-se que o peregrino é um viajante, mas o viajante pode não ser um peregrino¹⁰⁶.

¹⁰⁴ Cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Directório sobre a Piedade Popular e Liturgia*, 222-225.

¹⁰⁵ Renato Raffaele Martino, “Pontifical Council for the Pastoral Care of the Migrants and Itinerant People ‘On the occasion of the workshop for Diocesan pilgrimage coordinators and shrine directors’,” acedido a 10 de Novembro de 2018, http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/pom2007_104/rc_pc_migrants_pom104_occasion-USA-martino.html, 1.

¹⁰⁶ Cf. Julien Ries, “O universo das peregrinações,” *Communio* 14, n.º 4 (1997): 310-311.

2.3.1. A Partida

O peregrino parte e deixa o que lhe é familiar, sabendo para onde vai, mesmo que seja para um lugar desconhecido tem uma meta a atingir, porém, não sabe o que vai encontrar no caminho, logo, é marcado também por uma «vontade ousada e espírito destemido»¹⁰⁷, que são manifestados nesta fase. O peregrino parte de um lugar concreto, de uma realidade concreta, marcado com os problemas, as alegrias e as preocupações que fazem parte da sua rotina. O momento da partida não é um deixar para trás a sua realidade social, familiar, eclesial, laboral..., implica uma rutura, mas não um abandono. Neste sentido, o peregrino transporta na sua mochila não só as ferramentas necessárias para o caminho, mas também as alegrias, tristezas, decepções, preocupações, angústias, medos, incertezas, as motivações, a meta e os objetivos a que se propõe para a peregrinação.... A mochila do peregrino apresenta-se com uma carga pesada, que vai para além daquilo que precisa para o caminho, porque carrega dentro de si a sua vida, com tudo o que isso implica, por isso, é que a figura do peregrino se apresenta com uma grande complexidade¹⁰⁸.

Neste sentido, a partida é o primeiro momento e apresenta a atitude do peregrino que se coloca a caminho, por mais pequena que seja a peregrinação. Em primeiro lugar, como foi referido, assinala uma rutura, uma fuga à vida de todos os dias, às rotinas, isto é, uma libertação das ocupações quotidianas. Embora seja uma rutura, não implica o esquecimento do seu ritmo de vida, porque o peregrino carrega consigo aquilo que é o seu contexto, as suas preocupações, as suas esperanças, as alegrias, tristezas... Deste modo, pode dizer-se que o santuário para onde o *homo viator* se desloca funciona como um espaço de libertação. Em segundo lugar, a cisão com a vida do dia a dia, pode ter vários níveis, pois, por exemplo, a peregrinação a Nossa Senhora, venerada na Igreja Paroquial ou a peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima não se reveste com

¹⁰⁷ Lima, “Peregrinação,” 405.

¹⁰⁸ Cf. Parellada, “Do turista ao peregrino,” 56-57.

o mesmo peso, embora ambas se refiram a Maria, a *Theotokos*. Posto isto, a primeira, normalmente, não implica uma grande rutura, até porque o ambiente é relativamente próximo e muito familiar. A segunda, por sua vez, conduz a uma profunda cisão com as rotinas e com o contexto, levando, muitas vezes, a uma transformação mais profunda ao nível do sujeito¹⁰⁹.

2.3.2. *A Caminhada*

Na verdade, o ser humano, enquanto *homo viator*, é alguém que está a caminho ou que se põe a caminho. Fazer caminho é uma característica profundamente humana, da qual o peregrino não pode prescindir, pois a verdade é que «o peregrino procura e caminha; o sedentário perde a sede e consola-se»¹¹⁰. Neste sentido, o peregrino é sedento, na medida em que, peregrina para saciar a sua sede, saindo do conforto da sua rotina, contrariando a tendência sedentária que habita o ser humano. Recorde-se o exemplo da passagem dos discípulos de Emaús relatada em *Lc 24,13-35*. A experiência que viveram no caminho, após a leitura com os olhos de quem reconheceu O ressuscitado no partir do pão assume-se como um marco na sua vida, como refere a passagem de *Lc 24,32* «E disseram um ao outro: não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?». Nesta perícopa o caminho apresenta-se como lugar de encontro, embora os dois discípulos ainda não o tivessem reconhecido, porque ainda tinham a visão pré-pascal. A verdade é que Jesus junta-se a eles no caminho e faz com eles o caminho, participando do seu diálogo, deixando espaço para que a revelação aconteça¹¹¹. É de igual modo no caminho que se dá a conversão do eunuco etíope (cf. *At 8,26-40*). Este texto aponta para a importância daqueles que no caminho ajudam os outros a fazer caminho, como o fez Filipe, explicando as escrituras, servindo como mediação

¹⁰⁹ Cf. José da Silva Lima, “Santuário, festas e romarias,” in *Peregrinação e piedade popular*, dirigido por Arnaldo Pinto Cardoso, (Lisboa: Editora Rei dos Livros, 1988), 86-87.

¹¹⁰ Lima, “Peregrinação,” 408.

¹¹¹ Cf. Mendonça, “Emaús, laboratório da fé pascal,” 136-137.

que leva o eunuco etíope ao encontro com Cristo. Na verdade, este excerto mostra o exemplo de alguém que procura a verdade e a salvação e, por isso, dirige-se para o templo de Jerusalém, mas é em Cristo que encontra a resposta, e, deste modo, pede o batismo e como peregrino prossegue a sua viagem¹¹².

Recorde-se ainda a experiência relatada no *Itinerarium Egeriae*, um dos primeiros relatos de peregrinação que se conhece na história primitiva do cristianismo, descrevendo o caminho que uma monja se propõe a percorrer até à Terra Santa, visitando os locais sagrados relatados na Bíblia. É interessante notar que esta peregrina faz o percurso com as Sagradas Escrituras na mão, pois conforme vai passando pelos lugares vai lendo as passagens que se encontram nas Escrituras relativas àquele lugar¹¹³. O caminho é medido e pautado pelo contacto com a Palavra de Deus, sendo, por isso, possibilidade de encontro com Deus e com os outros com quem Egéria se cruza.

Do ponto de vista da mobilidade, nunca como hoje, a sociedade viveu tempos em que as distâncias são cada vez mais atenuadas por causa do desenvolvimento dos transportes. De facto, viajar é fácil, cómodo e rápido. Ir a Santiago de Compostela, a Fátima, ao S. Bento da Porta Aberta, entre outros lugares, é algo que, com o crescimento da mobilidade, se tornou relativamente fácil e acessível. No entanto, se por um lado é verdade que a mobilidade conheceu um grande desenvolvimento nos últimos séculos, também é verdade que a atitude do peregrino se manteve, fundamentalmente, como era em séculos passados: ir a Pé. Esta é a atitude que o peregrino conserva ao longo dos séculos e que ainda hoje assume um peso importante na peregrinação. É verdade que alguns lugares podem ser alcançados através de outros meios, mas na etapa final são alcançados e visitados sempre a pé¹¹⁴.

¹¹² Cf. Correia, “Do Éden à Jerusalém Celeste, a peregrinação e o santuário em perspetiva bíblica,” 26.

¹¹³ Cf. Égérie, “Itinerarium,” in *Journal de Voyages, Sources Chrétiennes* 296: 4, (Paris: Les éditions du cerf, 1982).

¹¹⁴ Cf. Lima, *A Peregrinação Percursos e Palavra*, 45.

A pé, passo a passo, o peregrino vive a experiência do caminho, uma experiência única e irrepetível, contada pelas marcas que os pés deixam no percurso. O peregrino sabe que já o antecederam no trajeto e sabe que lhe sucederão, no entanto, é a pé e pelo pé que cada um vive esta experiência, sente e vive, de forma ímpar, a aventura de estar a caminho. Deste modo, o pé, ou a pegada é a marca do peregrino, pois é a pé e pelo pé que o peregrino testemunha a sua história e vive esta experiência, ora sozinho, ora acompanhado, a conversar ou em silêncio, a cantar ou a rezar, etc.. À medida que o caminho se desenvolve, parece que as distâncias se esbatem, pois, o longínquo torna-se próximo; o impossível, possível; o desconhecido, conhecido, e a peregrinação acontece. Também é a pé que são partilhadas as motivações, as dificuldades, as surpresas, as alegrias, as consolações, as limitações, muitas vezes, características da peregrinação¹¹⁵. O caminho a pé torna-se cheio de encontros, com pessoas, paisagens, contextos, acontecimentos....

Na verdade, a peregrinação pode ser revestida de várias formas, quer em silêncio de oração, muitas vezes assinalada pelo ramo de oliveira e realizada individualmente, pode ser enriquecida com cânticos, envolta do ambiente festivo que lhe é característico, ritmada com breves paragens, etc., porém, «permanece *peregrinação a pé*. A pé, há sempre possibilidades novas, outras surpresas, que, afinal, fazem ser cada peregrino»¹¹⁶. Esta é uma característica que, por excelência, está associada ao peregrino e que é, por assim dizer transversal à história: o peregrino vai *de pé, a pé*, para ficar *ao pé*.

Efetivamente, para que o caminho se desenvolva da melhor maneira possível, é importante, pensar no itinerário, na alimentação, descanso, locais de paragem e tudo mais. No entanto, os sinais que evitam que nos percamos não são suficientes. É preciso algo mais. É necessário que haja pontos de referência que façam prosseguir, sem que o desânimo ou o insucesso tome conta do peregrino. Estas referências encontram-se nas

¹¹⁵ Cf. Lima, *A Peregrinação Percursos e Palavra*, 48-50.

¹¹⁶ Lima, *A Peregrinação Percursos e Palavra*, 56.

motivações que levaram à caminhada, podem ser marcos visuais, mas acima de tudo ao que aqui nos referimos são as referências simbólicas que ajudam o peregrino a não perder de vista aquilo que o motivou a caminhar¹¹⁷. Deste modo, «o caminhante não tem possibilidades de contornar a dor do caminho – nem os atalhos ajudam e os desvios podem ser ainda mais dolorosos»¹¹⁸. Apesar de a dor ser inerente ao caminho, esta pode também ajudar o caminhante a reconhecer a sua fragilidade, os seus limites e procurar suportar a dor que tantas vezes hoje é evitada ou se tenta camuflar. O caminho não é possível sem dor, e a dor ajuda na aceitação e conhecimento dos limites do ser humano.

2.3.3. *Acolhimento*

O caminho foi acontecendo, e o peregrino atinge, geograficamente, a meta a que se propõe, no entanto, a peregrinação ainda não terminou. Efetivamente, os gestos e toda a ritualidade que acompanham a chegada e a entrada no santuário não assinalam apenas o sucesso da caminhada, ou o sentimento de dever cumprido. Estes gestos são também um aliviar da carga acumulada no caminho, das dores superadas ao longo do percurso e dos desafios que foram surgindo, colocando à prova a perseverança do peregrino. Neste sentido, acontece como que um esvaziar-se dos pesos do caminho que dão a quem alcança a meta uma sensação e alívio, de libertação que faz quem chega como que sentir-se mais leve¹¹⁹. À entrada do santuário acontece o acolhimento dos peregrinos que «poderá dar azo a uma espécie de “liturgia de entrada” que situe o encontro dos peregrinos e os encarregados do santuário no plano da fé»¹²⁰. De facto, a afetividade está profundamente vinculada à peregrinação que, nas diversas etapas, assume uma grande influência no peregrino, dado que este é um ser que vive do afeto. Na verdade, o peregrino alcança este espaço «com a carga da sua própria história pessoal e, explicitamente ou não, carregados

¹¹⁷ Cf. Fernando Micael Pereira, “A peregrinação,” *Communio* 14, n.º 4 (1997): 318-320.

¹¹⁸ João Duque, *Fátima: uma aproximação* (Prior Velho: Paulinas, 2017), 46.

¹¹⁹ Cf. Lima, “Peregrinações (Antropologia e teologia),” 434.

¹²⁰ Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Directório sobre a Piedade Popular e Liturgia*, 225.

com a bagagem interior da nostalgia de transcendência e do desejo da busca de um sentido»¹²¹. Assim, alcança este espaço sagrado com todas as experiências que comporta consigo, pois não deixa para trás a sua história, mas leva-a para o santuário, onde a pode aprofundar e encontrar um sentido.

O momento em que o peregrino alcança o santuário, é importante, pois vai assinalar a sua relação com o espaço, com as pessoas e com o transcendente. Deste modo, uma cuidada organização do espaço pode conduzir a uma experiência mais profunda de fé. A existência de espaços de oração, que permitam o encontro com Deus e onde o silêncio impere, permitindo a meditação e o recolhimento são fundamentais, pois permitem que quem por lá passa possa parar. Importante é também a existência de lugares propícios para a reconciliação¹²². Na verdade, uma boa organização e apresentação do espaço convida o peregrino ao encontro e a sentir-se *em casa*, isto é, a sentir que este é também um espaço onde cultiva a sua intimidade e se sente seguro e confortável.

No entanto, no que se refere ao acolhimento, importa realçar o modo como este é feito pelos agentes pastorais e alertar para a necessidade de ser acolhedor. Quem tem a missão de acolher, deve ter uma grande sensibilidade para a hospitalidade. Numa cultura de massificação e industrialização, é fundamental inverter a tendência e ir ao encontro, criando empatia. Deste modo, «o acolhimento é, assim, mais que simples recebimento. Este é um facto de tesouraria, por isso, de quantidade; aquele é um encontro de amor, por isso, de qualidade»¹²³. Este encontro de qualidade deve ser feito, tendo em vista vários aspetos que vão desde o cuidado pelo vestuário dos responsáveis pelo acolhimento; uma atenção nas palavras e nas saudações, pois não se deve correr o risco de desenvolver uma relação fria, e mecânica. Neste ponto é de grande relevância a valorização da dimensão afetiva. Assim, no acolhimento, a atenção deve estar centrada na figura do peregrino e

¹²¹ Josep-Enric Parellada, “Do turista ao peregrino,” 55.

¹²² Arnaldo de Pinho, “Santuários Marianos e Evangelização,” in *Santuário de N.ª S.ª da Penha. Simpósio Mariológico Actas*, dirigido por Pio G. Alves Sousa, (Braga: Faculdade de Teologia, 1994), 197-199.

¹²³ Lima, *A Peregrinação Percursos e Palavra*, 136.

nas necessidades dele. Quem acolhe, deve procurar colocar-se no lugar de quem chega para assim perceber a postura do peregrino, procurando que a sua ação seja autêntica e sincera e não artificial, fria e mecânica¹²⁴.

Na verdade, esta é, sem dúvida uma ação importante que, se for colocada de parte, corre o perigo de «desfocar aquela harmonia que o peregrino mendiga»¹²⁵. O peregrino, quando alcança o santuário, também procura saciar esta sede, por isso busca. No entanto, se a pastoral dos santuários é feita de uma forma fria e mecânica, a meta acaba por ser uma decepção, pois como foi referido anteriormente, nas etapas da partida e do caminho, o santuário é figurado como lugar de libertação, paz, harmonia. Cabe aos agentes pastorais a devida atenção para que estes espaços se apresentem realmente como tal.

2.3.4. Permanência

O espaço do santuário é multifacetado, pois nele podem coabitar a figura do peregrino e do turista, do crente e do não crente, do praticante e do não praticante. Todos o visitam, embora as motivações sejam diferentes, no entanto, o lugar deixa as suas marcas naqueles que o visitam. Neste espaço, a distinção entre uns e outros não é fácil, porém, todos os que o visitam contemplam a sua beleza¹²⁶.

Este momento não pode visto separadamente do anterior, pois toda a permanência no santuário é também marcada pelo acolhimento. Neste sentido, o peregrino, alcançando o espaço sagrado, procura viver o momento mais intenso da peregrinação. Este momento é marcado pela participação nas celebrações que decorrem no santuário como a Eucaristia, Adoração ao Santíssimo, Terço, sendo que a celebração da Eucaristia deve ser o ponto alto da peregrinação¹²⁷. Quando a peregrinação é realizada para o cumprimento de

¹²⁴ Cf. Lima, *A Peregrinação Percursos e Palavra*, 135-138.

¹²⁵ Lima, *A Peregrinação Percursos e Palavra*, 138.

¹²⁶ Para se perceber melhor estas distinções, recorde-se o que se falou a propósito da relação entre o turista e o peregrino e o peregrino e o praticante, no capítulo anterior.

¹²⁷ Cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Directório sobre a Piedade Popular e Liturgia*, 226.

promessa, o peregrino procura cumprir a promessa com um maior ardor possível, como forma de agradecimento, mas também é a manifestação de um ato de quem mendiga, pois, o peregrino é também mendigo, na medida em que busca aquilo de que sente falta, o sentido¹²⁸.

De facto, o santuário torna-se fonte de dádivas para quem aí permanece. Muitas vezes é marcado por paisagens únicas, um património histórico e artístico de grande qualidade, por experiências profundas, entre outras coisas. A permanência do peregrino no santuário vai como permitindo que este construa a sua própria história neste local sagrado. As cerimónias oficiais são ali como que oferecidas, mas o peregrino procura cultivar as dimensões que lhe parecerem mais importantes e, quem sabe, a que se propôs. Deste modo, trilha o seu percurso espiritual, que é marcado pela sua passagem no santuário, sem que tenha de imitar o percurso dos outros, como se de uma fotocópia se tratasse. Aqui, o caminho de encontro com Deus tende a ser, acima de tudo, individual¹²⁹. «No santuário, o peregrino, muitas vezes, abre o seu coração de um modo que pode nunca mais o fazer noutro lugar e noutro tempo»¹³⁰ é, por isso, que o tempo que o peregrino passa no santuário é muito importante e único que pode ser oportunidade para se abrir à Graça de Deus.

Na verdade, o tempo de permanência no santuário não pode ser apenas reduzido às horas que lá se passa. Aqui, mais do que o tempo cronológico, medido em minutos e horas e segundos, importa sobretudo o tempo Kairológico, que acontece, claro está no tempo cronológico, mas supera-o, na medida em que não se fica por cada minuto ou hora que passa, mas pelo peso de cada um destes que fica. Refere-se, assim a um tempo passado qualitativamente; refere-se a momentos que são significativos¹³¹. A permanência no

¹²⁸ Cf. Lima, *A Peregrinação Percursos e Palavra*, 45.

¹²⁹ Cf. Lima, *A Peregrinação Percursos e Palavra*, 81-83.

¹³⁰ Martino, “Pontifical Council for the Pastoral Care of the Migrants and Itinerant People ‘On the occasion of the workshop for Diocesan pilgrimage coordinators and shrine directors’,” 3.

¹³¹ Cf. João Duque, “Santuário,” in *Enciclopédia de Fátima*, dirigido por Carlos A. Moreira Azevedo e Luciano Cristino, (Estoril: Príncípia, 2007), 516-517.

santuário é marcada por muitos destes momentos kairológicos que levam o peregrino ao encontro profundo, à reconciliação, à mudança, ao sentir-se habitado... De facto, para o peregrino o santuário «é um lugar santo porque nele se tem manifestado a presença de Deus, na sua força de benevolência para com o homem; o lugar é santo porque é memória sempre viva e eficaz da fidelidade de Deus, sinal da sua santidade»¹³². É nesta perspetiva que este tempo passado no santuário se manifesta como um tempo kairológico, um tempo favorável.

2.3.5. Despedida e Regresso

Após a vivência de todo o ritual que marca a presença do peregrino no santuário, este, antes de partir, procura, frequentemente, levar uma lembrança que assinala a sua passagem por aquele lugar. O peregrino procura levar consigo desde objetos, imagens, livros, etc... A lembrança é algo que, em certa medida o faz estar vinculado ao santuário, pois aquele objeto que leva consigo traz à memória a peregrinação feita ao lugar sagrado, e com essa recordação traz a si experiências e vivências do caminho¹³³. Na verdade, o caminho da vida daquele que faz a peregrinação pode ser tortuoso, mas este caminho percorrido pode ter conduzido a uma conversão, mudança de algum aspeto da vida. De facto, «em determinada curva da vida, todos podem aperceber-se que percorriam um caminho errado e são convocados a voltar ao caminho correto, o que podem realizar, convertendo-se. Converter-se é mudar a caminhada para outro caminho – e continuar a caminhar»¹³⁴. Posto isto, o caminho pode suscitar mudanças e o regresso é marcado pela conversão que o caminho pode causar, porque, mesmo regressado a casa, o peregrino embora seja o mesmo, não é o mesmo, uma vez que regressa marcado por aquela experiência.

¹³² Parellada, “Do turista ao peregrino,” 61.

¹³³ Cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, *Directório sobre a Piedade Popular e Liturgia*, 226.

¹³⁴ Duque, *Fátima: uma aproximação*, 42.

De facto, se a partida significa a rutura com o quotidiano, uma certa fuga da rotina, sem implicar, claro está, o esquecimento, o regresso acaba por significar um retorno à rotina, às tarefas normais, à agitação do dia a dia. No entanto, como foi dito, este regresso é marcado pela experiência profunda da peregrinação, pela vivência do caminho, e pelo caminho espiritual que foi trilhado. No regresso, é comum haver propósitos de vida, compromissos que se assumem depois da peregrinação para moldar alguns aspetos à experiência vivida. Deste modo, o regresso pode ser marcado pela mudança, ou pelo menos por esse desejo.

Assim, o regresso não é, simplesmente, um voltar à vida real e concreta, esquecendo o que o peregrino viveu, mas é um regressar marcado pela experiência do ser peregrino, pela experiência concreta de todas as etapas que marcaram a peregrinação. No entanto, terminada, «a peregrinação devolve a lição de que ainda não se é tudo e que alguma plenitude alcançada não é ponto final»¹³⁵, por isso, surge, muitas vezes, o desejo de regressar e de continuar a caminhar. É certo que a peregrinação realizada, normalmente fez crescer, no entanto, a sede constante de ser mais permanece. Neste sentido, e em jeito de conclusão deste capítulo pode reter-se como síntese as seguintes palavras:

«(...) Os peregrinos caminham e rezam com os seus passos, com os seus corpos, as suas vozes, as suas músicas, com os seus corações apontados para uma meta, mesmo, às vezes, com o seu cansaço. A peregrinação é como uma “simples oração” pautada pela paz que conduz à presença de Deus. É importante recordar, é claro, que o que importa mais não é de onde o peregrino vem, mas para onde o peregrino está a ir. A peregrinação pode ser uma bênção para qualquer um, quer seja rico ou pobre, jovem ou idoso (...)»¹³⁶.

A peregrinação, para além de ser manifestação de uma profunda experiência crente, de uma busca de sentido à luz da fé que procura o encontro com Deus, é também uma

¹³⁵ Lima, “Peregrinações (Antropologia e teologia),” 435.

¹³⁶ Martino, “Pontifical Council for the Pastoral Care of the Migrants and Itinerant People ‘On the occasion of the workshop for Diocesan pilgrimage coordinators and shrine directors’,” 2.

experiência profundamente antropológica. Em suma, «A peregrinação, enquanto caminhada a pé para uma meta, torna-se símbolo existencial e ritual da autêntica atitude religiosa, que é a autêntica atitude de fé: atitude de constante conversão, rumo à pátria definitiva – que em grande medida desconhecemos, mas à qual acreditamos pertencer»¹³⁷, consciente desta realidade, o peregrino ao longo do caminho procura desde já a constante conversão que o conduzirá a esta pátria que aspira. Por fim, o caminhar, mesmo com o desenvolvimento da mobilidade, é uma dimensão que está profundamente ligada ao ser humano. O ser humano, hoje em dia, apesar de tudo, continua a gostar de caminhar, ainda que não seja por motivos religiosos, o ser humano caminha e desloca-se aos santuários a pé. É esta dimensão da humanidade que procuraremos refletir no capítulo que se segue, através da análise de entrevistas a peregrinos que se deslocaram a pé ao santuário de S. Bento da Porta Aberta.

¹³⁷ Duque, *Fátima: uma aproximação*, 48.

3. A peregrinação ao S. Bento da Porta Aberta: Análise de entrevistas

O novo capítulo que se vai iniciar tem como objetivo fazer uma breve análise acerca da peregrinação ao S. Bento da Porta Aberta. No primeiro e segundo capítulos deste trabalho foi-se refletindo alguns aspetos importantes para este estudo, a saber: o desejo e a necessidade que o ser humano tem de caminhar; o tipo de religiosidade do peregrino: “peregrino flutuante”; a relação entre o peregrino e o turista; peregrinação enquanto experiência de fé; a peregrinação na Sagrada Escritura e por fim as cinco etapas da peregrinação. Enfim, estes foram alguns dos tópicos que ocuparam a reflexão de modo a que esta se possa tornar mais ampla e esclarecedora.

Na verdade, apercebemo-nos que a peregrinação, enquanto uma das práticas de religiosidade popular, se afigura como um fenómeno muito complexo, por isso qualquer abordagem feita a esta experiência não pode cair na pretensão de abarcar a realidade no seu todo, porque tal não é possível. Deste modo, pode afirmar-se que, em última instância, a peregrinação assume tantas formas, quantas as pessoas que a praticam, porque é uma prática marcada por uma grande liberdade, na medida em que o protagonista é quem traça o seu itinerário. Assim, qualquer abordagem feita pode dar um contributo, mas não esgota, nem abarca o fenómeno na sua totalidade.

Posto isto, com a análise das entrevistas, pretendemos responder a algumas questões que se nos afiguram de uma certa relevância para perceber em que moldes acontece e se insere a peregrinação a este santuário de S. Bento da Porta Aberta. Neste sentido, surgem algumas questões às quais gostaríamos de encontrar possíveis respostas, ou aproximações, como por exemplo: Quais as motivações que levam os peregrinos a S. Bento? Que características apresenta esta peregrinação? Terão todas as pessoas um vínculo institucional religioso no seu lugar de origem? Que relação têm com o espaço?

Estas são algumas das questões que gostávamos de perceber para, de um modo mais geral, compreender os moldes em que acontece a peregrinação a este santuário.

3.1. Teologia e as outras ciências: um diálogo entre saberes

Antes de entrarmos na exploração do nosso objetivo inicial, urge tomar consciência que a realidade eclesial que hoje se vive nas nossas comunidades paroquiais apresenta-se revestida de uma grande complexidade. Por isso, não se pode, nem é justo, olhar para os fenómenos de forma ligeira, ou com pretensão de esgotar ou apreender tudo sobre determinado assunto, pois as mudanças acontecem a um ritmo muito acelerado. O II Concílio do Vaticano, de uma forma profética, chamou a atenção à Igreja para esta característica dos nossos tempos, indicando que é «dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas»¹³⁸. Deste modo, torna-se claro que a leitura dos sinais dos tempos deve ser uma preocupação constante da Igreja, e da teologia também.

Na verdade, a teologia deve ser uma disciplina interdisciplinar e histórica. Interdisciplinar porque deve estar em diálogo com as outras ciências; histórica porque tem de ser capaz de perceber os grandes desafios da sociedade para lhes apresentar uma resposta, como fez também Jesus no seu tempo¹³⁹. Pode dizer-se, assim, que a teologia tem a missão de se colocar em dia (*aggiornamento*), por isso deve buscar o diálogo com o mundo, não para condenar os erros e as fragilidades que o nosso tempo apresenta, mas para fazer uma leitura dos sinais dos tempos, percebendo quais são as interpelações que lhe são lançadas. Para tal, é de suma importância o diálogo entre os vários saberes, de um

¹³⁸ Sacrossantum Concilium Oecumenicum Vaticanum II, “Constitutio Pastoralis de Ecclesia in mundo huius temporis ‘Gaudium et spes’,” *AAS* 58 (1966): 4.

¹³⁹ Cf. Carlos Novoa Sj, “La teologia es una ciencia histórica e interdisciplinar,” *Theologica Javeriana* 141 (2002): 136.

modo especial com as ciências sociais, de modo a procurar os meios necessários e mais úteis no auxílio a uma compreensão o mais verosímil possível da realidade, quer das mudanças, quer dos problemas, quer das dificuldades, mas com um olhar positivo. Este diálogo exige a escuta daquilo que os outros saberes têm a dizer para que se possa dar um avanço nas análises feitas, sempre conscientes de que a leitura dos sinais dos tempos implica o acreditar na ação operativa do Espírito Santo na realidade dos nossos dias¹⁴⁰.

Na verdade, a teologia enquanto ciência da fé, busca de forma racional e sistemática compreender a verdade salvífica da fé. O grande desafio que ela encontra é, a partir da experiência de fé, elaborar um pensamento crítico de modo a compreender e conhecer a vivência da fé nos fenómenos e nas manifestações do quotidiano. Para empreender tal tarefa, é de suma importância, como foi referido, o diálogo com as ciências sociais, como a sociologia e a psicologia, recorrendo aos seus métodos, a partir de uma perspectiva teológica¹⁴¹. Posto isto, pode afirmar-se que «o edifício teológico vê-se expresso não apenas numa “ortodoxia” mas igualmente numa “ortopraxia”»¹⁴². Consciente desta articulação, o teólogo não pode ser «um pensador frio e orgulhoso do seu saber, com a presunção de conhecer os segredos mais íntimos da vida divina; antes é frequentemente assaltado por dúvidas e incertezas»¹⁴³, por isso tem de ter humildade para se abrir aos contributos vindos de outras ciências.

3.2. Metodologia empírica

Como se tem vindo a refletir, o diálogo com as ciências sociais é frutífero para o desenvolvimento da teologia. Neste sentido, no que aos métodos destas ciências se refere, encontram-se três conjuntos de metodologias, a saber: métodos quantitativos, métodos

¹⁴⁰ Cf. José da Silva Lima, *Teologia prática fundamental* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009), 120-122.

¹⁴¹ Cf. L. M. Figueiredo Rodrigues, *O digital no serviço de fé* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016), 211.

¹⁴² Nuno Brás Martins, *Introdução à teologia* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003), 146.

¹⁴³ Martins, *Introdução à teologia*, 146.

qualitativos e mistos¹⁴⁴. Os métodos quantitativos procuram testar uma teoria procurando a relação entre variáveis, recorrendo à estatística. Este método, não permite conhecer o significado das respostas obtidas, porque, por exemplo não permite saber o significado de uma prática para o grupo em estudo. Os métodos qualitativos, por sua vez, vão procurar perceber e conhecer o significado de determinado comportamento, problema, prática para um determinado grupo, através de um processo que procura a resposta de algumas questões. O pesquisador faz uma interpretação do significado das questões, permitindo assim, uma compreensão mais profunda da realidade. Neste sentido, os primeiros conseguem averiguar uma maior amplitude de amostras, enquanto os segundos desenvolvem uma maior profundidade na compreensão. Por fim, os métodos mistos pretendem fazer uma articulação dos dois métodos apresentados anteriormente¹⁴⁵. Como é evidente, este método requer um maior número de recursos para que possa ser aplicado, pois torna-se mais complexo e mais trabalhoso, tendo como consequência a apresentação de conclusões que articulam o método qualitativo e quantitativo.

3.3. Método escolhido: A Entrevista

No trabalho que se segue, sem desprestígio por nenhum dos outros métodos, utilizar-se-á o método qualitativo, recorrendo à entrevista de peregrinos de S. Bento da Porta Aberta. Quanto à entrevista, pode falar-se em três tipos: a estruturada, composta por perguntas fechadas; a semiestruturada, com um itinerário previamente elaborado com respostas abertas e por fim a não-estruturada, que oferece uma maior liberdade na formulação de perguntas e nas respostas do entrevistado¹⁴⁶. Antes de mais, é importante referir que a entrevista não é o único método utilizado na análise qualitativa. A

¹⁴⁴ John W. Creswell, *Research design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches* (Los Angeles: SAGE Publications, 2009), 3-4.

¹⁴⁵ Cf. Rodrigues, *O digital no serviço de fé*, 212-213.

¹⁴⁶ Renata Aparecida Belei, Sandra Regina Gimenez-Paschoal, Edinalva Neves Nascimento, e Patrícia Helena Vivan Ribeiro Matsumoto, “O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa,” *Cadernos de Educação* n.º 30 (2008): 189.

diversidade é grande, podendo recorrer-se a observações de campo, utilizar documentos que podem ser escritos, gravados em áudio, ou em vídeo; pode fazer-se fotografias que utilizem informações relevantes, entre outros métodos. Em suma, o que configura o caráter de qualitativo não é necessariamente o método, mas a quadro teórico em que se configura a análise de conteúdo. Neste estudo, optou-se pela entrevista porque esta pode ser, entre muitos, um importante meio para avaliar crenças e práticas, bem como o significado que estas têm para o público em análise¹⁴⁷. Neste sentido, no que se refere à entrevista é importante referir que nem tudo o que é dito é importante para o objetivo que foi traçado. A entrevista admite a existência de informações que não acrescentam ou não são pertinentes para a análise da realidade a que esta se propõe, por isso, exige um cuidado trabalho de seleção da informação¹⁴⁸.

É certo que este método também tem as suas limitações, porque a amostra refere-se a um universo de onze entrevistados, que vai analisar uma prática realizada ao longo do ano por milhares de pessoas, por isso não pode abarcar tudo. É igualmente certo que para termos dados ainda mais precisos, seria necessária uma amostra bastante maior, no entanto, reconhecemos as nossas limitações em termos de tempo e trabalho para empreender tal projeto, pelo que ficaremos por uma amostra mais reduzida. Assim sendo, conscientes destas limitações, procuraremos perceber mais ao pormenor como é a experiência daqueles que peregrinam a este santuário.

Como pergunta de partida na construção do guião da entrevista esteve presente a seguinte pergunta: *Porque é que as pessoas vão a pé ao S. Bento da Porta aberta?* A reflexão se ficasse apenas pela parte teórica ou meramente especulativa ficaria mais pobre, no entanto, com os testemunhos recolhidos, parece haver um contributo interessante para o trabalho.

¹⁴⁷ Cf. Rosália Duarte, “Entrevistas em pesquisas qualitativas,” *Educar em Revista*, n.º 24 (Dezembro de 2004): 214-215.

¹⁴⁸ Cf. Duarte, “Entrevistas em pesquisas qualitativas,” 218-219.

3.4. A entrevista

A entrevista foi, como referido anteriormente, o método escolhido para estudar a peregrinação e, no nosso caso, optamos pela entrevista semiestruturada¹⁴⁹. Para tal procurou-se traçar um caminho para assim conduzir a entrevista, de modo a que olhando o conjunto fossem o mais homogéneas possível entre si. Neste sentido, a entrevista foi dividida em três secções, a saber: característica dos peregrinos/peregrinação feita ao santuário de S. Bento da Porta Aberta; motivações que levam à peregrinação/caminhada; relação com o santuário, o regresso a casa e o conhecimento da vida do santo. Dentro de cada uma destas áreas temáticas havia um conjunto de questões, quer de resposta aberta, quer de resposta fechada, que levavam a que se falasse dos temas mais importantes em cada um destes grupos, para que, deste modo, os questionários se debruçassem, de um modo geral sobre os mesmos temas. Por fim, o guião foi seguido conforme o anexo¹⁵⁰, podendo em alguns casos sofrer ligeiras alterações, no entanto não foram significativas.

No que se refere ao objeto de estudo, foram entrevistados aleatoriamente os peregrinos que se encontravam no recinto do santuário, ao domingo de manhã entre as 6:00 h da manhã e as 8:30 h da manhã, que é, segundo aquilo que nos fomos apercebendo o período em que chega o maior número de peregrinos a pé. Sendo a amostra reduzida, procurou-se que esta fosse representativa daqueles que se deslocam a pé ao santuário. Neste sentido, procurou-se alguma heterogeneidade nas idades e em sexo, tendo obtido seis entrevistas do sexo masculino e cinco do sexo feminino, não obstante, uma entrevista feita a uma pessoa do sexo masculino se referir a um jovem que não conseguiu fazer a caminhada toda a pé. Optamos por manter esta entrevista, porque apesar de o entrevistado não ter alcançado o santuário a pé como os restantes, apresenta a experiência de alguém que tendo esse objetivo se viu forçado a parar. As entrevistas eram anónimas, apenas

¹⁴⁹ Cf. Belej, e Matsumoto, “O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa,” 189-190.

¹⁵⁰ O modelo que serviu de base ao estudo, encontra-se na página 97.

contendo a proveniência dos sujeitos, a profissão, a idade e o sexo, de modo a auxiliar na caracterização do peregrino. As entrevistas foram gravadas em formato de áudio e posteriormente foram transcritas¹⁵¹.

3.5. Questionário para as entrevistas

O questionário que serviu de base para a realização das entrevistas era composto, pelas três áreas temáticas referidas anteriormente. A entrevista iniciava com a indicação do local onde nos encontrávamos, uma breve apresentação a indicar a finalidade da entrevista, a hora a que era feita e um pedido de autorização ao peregrino para gravar a entrevista, questionando-se, em seguida, a idade, a profissão e o local de residência do entrevistado. Nesta primeira parte da entrevista, houve em alguns casos pontuais, o esquecimento da indicação da hora na gravação, no entanto, foi sempre registrada posteriormente, à mão, a hora a que a entrevista aconteceu.

O primeiro grupo tinha como objetivo uma caracterização dos peregrinos que se deslocam a pé ao santuário. Neste sentido era composto por um conjunto de cerca de 15 questões, articulando questões de resposta aberta, com questões de resposta fechada. Neste grupo pretendia-se averiguar se as pessoas têm o hábito de fazer caminhadas; se vieram sozinhas ou em grupo e quantos elementos faziam parte do grupo; a distância do lugar de onde iniciaram a caminhada e, por fim, a relação com a religião em geral e com a comunidade paroquial. Nos primeiros questionários, tinha-se feito uma pergunta que se debruçava sobre o sacramento da confissão, no entanto, como a capela das confissões se encontrava encerrada àquela hora, pareceu-nos que a questão não se adequava, pelo que se optou por retirar do questionário.

O segundo grupo debruçava-se sobre as motivações que levavam o peregrino a fazer a caminhada a pé até ao santuário, sendo este o que nos mereceu mais atenção. Assim,

¹⁵¹ As transcrições iniciam-se na página 99.

este grupo era composto por nove perguntas quer de resposta aberta, quer de resposta fechada. Iniciava, deste modo, com uma questão que pretendia averiguar o motivo que, do ponto de vista pessoal, moveu o peregrino a fazer a caminhada, depois tinha algumas questões que procuravam saber se conhecia ou se tinha vivido alguma cura associada a uma promessa feita a S. Bento da Porta Aberta; foram também questionados sobre as dificuldades e o modo como se conseguia superá-las e por fim, a razão de terem escolhido aquele e não outro santuário mais perto, dedicado a S. Bento, se porventura houvesse.

O terceiro grupo propunha-se a analisar a relação com o santuário, o regresso a casa e o conhecimento sobre a vida do santo. Neste sentido, os peregrinos foram interrogados sobre qual foi o local onde se deslocaram primeiro quando alcançaram o santuário; são questionados sobre o conhecimento que têm da vida de S. Bento; sobre a sua opinião acerca do espaço; como se sentem enquanto estão no santuário; como vai ser o regresso, enfim, um conjunto de sete perguntas que pretendiam analisar a relação do peregrino com o espaço e como era feito o regresso para casa. Neste grupo, foi também realizada nas primeiras entrevistas uma pergunta sobre a intenção de levar alguma lembrança do santuário, no entanto, esta acabou por ser retirada, porque verificou-se que a esta hora ainda não estavam abertos os espaços para levar as lembranças. Após a quarta entrevista, consideramos oportuno acrescentar uma questão, que embora esteja inserida no grupo das motivações, foi colocada no final porque só nos ocorreu durante a investigação. Esta pergunta incidia sobre os pensamentos, sentimentos que o peregrino ia vivendo durante a caminhada.

Em suma, tendo como pano de fundo estes três temas que nos propusemos aprofundar, realizou-se, deste modo, o questionário aos peregrinos com quem nos fomos cruzando no santuário, tendo as entrevistas uma duração média de dez minutos, onde os peregrinos generosamente foram partilhando a sua experiência¹⁵².

¹⁵² O questionário modelo, que inicia na página 97, já se encontra dividido por estes três temas.

3.5.1. Análise das entrevistas

Segue-se agora a análise das entrevistas realizadas. Para tal, dividir-se-ão as entrevistas em grupos temáticos, tal como se fez para a elaboração dos questionários. Neste sentido, a análise ficará dividida em três grupos temáticos. O primeiro é o da caracterização dos peregrinos/peregrinação feita ao santuário de S. Bento da Porta Aberta; o segundo grupo refere-se às motivações que levam à peregrinação/caminhada. Este será aquele a que vamos dar mais destaque porque consideramos que seja o mais importante para o estudo que estamos a realizar. Por fim, o grupo que se refere à relação com o santuário, o regresso a casa e o conhecimento da vida do santo. Na análise, procuraremos apenas focarmo-nos no que consideramos mais pertinente para o objetivo deste estudo em concreto, por isso não será objeto de reflexão e estudo o que não nos parecer pertinente para aquilo a que inicialmente nos propusemos.

3.5.1.1. Caracterização dos peregrinos/peregrinação ao S. Bento da Porta Aberta

Analisando as entrevistas, por aquilo que é o testemunho dos peregrinos e dos lugares de onde eles se deslocam a pé, a peregrinação a pé realiza-se numa noite, vieram todos em grupo sendo que a dimensão pode variar, dado que se encontram peregrinos que vêm em grupos de grandes dimensões, que pertenciam a grupos com cerca de vinte ou mais elementos¹⁵³. Há, no entanto, casos de pessoas que vêm várias vezes no ano ao S. Bento a pé e, que vêm, às vezes também sozinhas¹⁵⁴, privilegiando a caminhada noturna, isto é, mediante os quilómetros a percorrer, os peregrinos saem já de noite para alcançarem o santuário ao nascer do sol. «Eu acho que muita gente que faz esta peregrinação, faz sempre de noite, é mais fácil fazer, mas quando cá chega, o facto de o sol estar a nascer

¹⁵³ Cf. Anexo V; Anexo VIII; Anexo IX; Anexo X.

¹⁵⁴ Cf. Anexo IV.

dá outra beleza até ao próprio monumento e à parte religiosa se o quiser assim associarmos a outras questões»¹⁵⁵.

Chegando ao santuário, por norma, os peregrinos não permanecem muito tempo neste espaço e cada um procura aproveitar estes momentos que aqui passa da maneira que mais lhe apraz, mas quase todos seguem o mesmo ritual: dar algumas voltas em torno do santuário, subir à imagem de S. Bento, entrar na Igreja, deixar alguma esmola e alguns participam na eucaristia¹⁵⁶. São estes os gestos que fazem parte de todo um ritual que alguns procuram cumprir “à risca” e outros apenas aquilo a que se comprometeram ou preferem fazer. Mesmo vindo em grupo, este é um tempo mais pessoal, onde cada um procura cumprir os seus propósitos, há quem o faça também em grupo, mas este pequeno ritual é tendencialmente pessoal. No tempo de permanência há, igualmente, a necessidade de materializar o agradecimento ou aquilo que se pede, no gesto de “acender umas velinhas”, na esmola que se entrega¹⁵⁷, nas voltas que se dá ao santuário, o próprio facto de a peregrinação ser feita a pé, também é uma forma de materializar aquilo que se quer agradecer¹⁵⁸. Deste modo, o tempo que se passa no santuário é, para aqueles que lá se dirigem com um propósito, diga-se religioso, oportunidade para através de um conjunto de práticas e gestos, dar um sentido mais profundo à caminhada, através da realização de alguns dos gestos anteriormente enunciados¹⁵⁹. Por outro lado, aqueles que vêm no sentido de realizar uma caminhada, acompanhar um grupo de amigos, acompanhar alguém que tenha feito uma promessa, ficam-se mais pela observação do espaço, procurando realizar uma pequena visita àquilo que o espaço do santuário tem para oferecer àquela hora da manhã¹⁶⁰. Recorde-se que, ao falar do período de permanência do

¹⁵⁵ Anexo III.

¹⁵⁶ Dos entrevistados apenas três participaram na eucaristia.

¹⁵⁷ Cf. Anexo VII.

¹⁵⁸ É interessante notar que, um número considerável de peregrinos que vem todos os anos ao santuário e que não fez uma promessa específica, fá-lo como forma de agradecimento do ano que passou. Cf. Anexo I; Anexo IX.

¹⁵⁹ Ver, por exemplo: Anexo I.

¹⁶⁰ Cf. Anexo II; Anexo III; Anexo V; Anexo X.

peregrino no espaço do santuário, focou-se a dimensão pessoal deste tempo. De facto, cada um marca a sua passagem de um modo próprio e original, pois não há um modelo para o peregrino imitar, como se de uma fotocópia se tratasse. Na verdade, não existe um regulamento específico do peregrino a indicar o que tem ou não de fazer. Se por um lado, o trajeto pode ser semelhante, por outro, acaba por ser diferente pelo modo como cada um o faz e pela atenção e significado que atribui a toda a gestualidade.

Neste grupo, havia duas questões que tinham uma importância mais central. A primeira era a questão que interrogava o peregrino acerca da sua relação com a religião, a segunda pretendia aferir como era a relação com a comunidade, se havia algum tipo de contacto com a comunidade paroquial de origem. Neste sentido, são interessantes algumas respostas que registamos. Assim, houve um peregrino vindo de Vila Verde que afirma não ser católico, nem praticante, não obstante, respeitar e ter tido um percurso de iniciação cristã, neste momento, apresenta uma relação que considera quase inexistente com a comunidade. Também de notar que transpareceu sentir-se um pouco constrangido com a questão, pelo modo como respondeu, por isso achamos por bem não invadir a sua intimidade¹⁶¹.

Escutando, uma peregrina que se deslocava de Felgueiras, perante a questão da relação com a religião, esta afirma o seguinte: «É assim, eu tenho fé, não é, que alguma coisa exista, por isso é que venho. Mas... é a relação, é isso. Nunca pensei muito bem, não é, por isso não faço a mínima...»¹⁶². No entanto, na relação com a comunidade diz colaborar com a comunidade na organização de eventos de cariz social, mas não costuma ir à eucaristia, alegando não ter tempo. A relação com a comunidade traduz-se mais no âmbito do voluntariado do que na vivência e partilha da mesma fé¹⁶³.

¹⁶¹ Cf. Anexo III.

¹⁶² Anexo V.

¹⁶³ Cf. Anexo V.

Registe-se ainda a resposta à mesma pergunta de um peregrino vindo de Ponte da Barca que nos responde: «É assim eu (silêncio breve) acredito muito no senhor S. Bento, na Senhora de Fátima, mas não sou... sou católico, mas não sou muito praticante. Sou católico à minha maneira, há certas coisas que acredito muito da religião católica, há outras que não me chama tanto o interesse»¹⁶⁴. Este peregrino, sendo Cristão Católico, afirma ter uma devoção profunda a S. Bento e a Nossa Senhora de Fátima. É interessante de notar o papel que os santos têm na vida dos peregrinos, não obstante, muitas vezes, estes não conhecerem a vida do santo que veneram. Na verdade, interrogados sobre se conheciam algum aspeto da vida de S. Bento, nenhum dos entrevistados conseguiu falar sobre aquilo que foi a vida do santo, porém afirmam ter uma grande devoção ao santo. Alguns referiram milagres associados a S. Bento sem especificar¹⁶⁵, mas interrogados sobre a sua vida, não sabiam dizer. Por fim, ainda interrogado sobre a questão da relação com a religião, há alguém que associa o seu vínculo religioso mais à ajuda ao próximo do que o “ir à igreja”, dizendo que gosta de seguir a mensagem que a igreja transmite, apesar de não participar muito na eucaristia. Posto isto, considera identificar-se com aquilo que é a mensagem cristã, e, segundo o seu testemunho, quando se dirige à igreja gosta mais de ir sozinha para rezar e não tanto ir à missa¹⁶⁶.

Deste modo, através destes testemunhos pode perceber-se melhor a noção que referimos anteriormente de peregrino flutuante, referindo-se que a imagem do peregrino já não está associada a uma ideia de um cristão praticante, mas tem uma noção mais alargada. Quem se dirige a estes locais pode ter ou não um vínculo religioso forte e uma participação mais ou menos ativa na comunidade; pode ter ou não até um sentido de pertença à instituição em si. Não obstante, independentemente do sentido de pertença e da prática religiosa, sentem-se bem neste espaço, sentem-se acolhidos e encontram

¹⁶⁴ Anexo VI.

¹⁶⁵ Cf. Anexo VIII.

¹⁶⁶ Cf. Anexo VIII.

também um lugar para si. Aqui, o encontro com o transcendente acontece de forma não institucionalizada e pessoal, tornando-se, assim, o santuário lugar de acolhimento para todos¹⁶⁷. Posto isto, pode dizer-se que há uma grande diversidade nas pessoas que se deslocam ao santuário. Tal como acontece nos grandes encontros mundiais, como é o caso das Jornadas Mundiais da Juventude, há uma grande diversidade de pessoas, encontrando-se pessoas com uma religiosidade incerta, flutuante ou até inexistente, sendo o santuário um ponto de convergência que é chamado a dar resposta a esta diversidade.

3.5.1.2. Motivações que levam à peregrinação

Este segundo grupo de questões pode dizer-se, que compõe o núcleo central das entrevistas, é composto por nove questões, algumas de resposta breve, outras de resposta mais desenvolvida. Tem como objetivo perceber as motivações que estão por detrás da caminhada ou da peregrinação que cada entrevistado realizou.

Neste sentido, olhando para a temática central do grupo, pode dizer-se que as motivações que levam os peregrinos a S. Bento são várias, desde o cumprimento de promessas, a superação pessoal e a caminhada¹⁶⁸; como forma de agradecimento¹⁶⁹; acompanhar amigos que vão com promessa¹⁷⁰, ora por motivos pessoais de saúde, de relação familiar, prometendo por familiares, amigos, entre outros motivos... De facto, a promessa, marca, sem dúvida, muitas vezes a relação do peregrino com o santuário. De entre os entrevistados, houve vários que fizeram uma promessa há alguns anos atrás, mas continuaram a realizar uma caminhada todos os anos a S. Bento. Isto pode mostrar que, em certa medida, continuam vinculados a S. Bento, ou ao santuário¹⁷¹, havendo quem prometa deslocar-se todos os anos ao santuário, como nos diz o seguinte testemunho:

¹⁶⁷ Após a leitura da análise do primeiro grupo das entrevistas, recorde-se a tabela da presente dissertação na página 22.

¹⁶⁸ Cf. Anexo III.

¹⁶⁹ Cf. Anexo I, Anexo IX.

¹⁷⁰ Cf. Anexo V.

¹⁷¹ Cf. Anexo VI, Anexo XI.

«virei sempre que possa, só quando mesmo não puder, aí terei que vir cá falar com o S. Bentinho e explicar-lhe e pronto e ele entenderá, não é»¹⁷². Na verdade, mesmo regressando a casa, o desejo de voltar permanece e quem faz a caminhada parece não deixar a sua condição de peregrino, pois regressa marcado pela experiência.

Embora os motivos que levam à materialização da caminhada sejam diferentes, pode dizer-se que na maioria dos entrevistados, a figura de S. Bento se impõe como auxílio nas dificuldades, como protetor a quem os devotos se apegam, crescendo, em torno da figura uma grande devoção, que, à primeira vista, pode não ser percebida por quem observa exteriormente estas práticas. Alguns crentes podem até nem ter um vínculo institucional muito forte como foi referido, mas a verdade é que a caminhada e a experiência do santuário refaz o peregrino que quando alcança este espaço se sente bem, leve da carga das preocupações e problemas do dia a dia, como se a uma fonte viesse beber para se fortalecer, nem que tenha vindo apenas para agradecer o ano que passou... Veja-se algumas das respostas à pergunta “Qual é que acha que vai ser o impacto desta caminhada na sua vida?”

«Muda-me sempre, porque eu sinto-me aliviado, sinto-me grato, sinto-me satisfeito por a conseguir fazer»¹⁷³.

«É assim, primeiro uma pessoa chega aqui vem muito cansado, mas chega aqui e passa tudo, passa um bocadinho de tudo. Uma pessoa chega aqui já com uma alegria em ver o santuário e é sempre muito boa, muito boa mesmo»¹⁷⁴.

«É assim, realizada já estou, dever cumprido já está, missão cumprida, saio daqui leve, mas ao longo da semana vai ser complicado»¹⁷⁵.

Assim se percebe que o caminhar do peregrino, não é um caminhar por caminhar, mas é uma experiência que conduz a este sentimento de libertação, de alegria, não

¹⁷² Anexo VII.

¹⁷³ Anexo I.

¹⁷⁴ Anexo VI.

¹⁷⁵ Anexo VII.

esquecendo as dores e as dificuldades que são próprias da caminhada, como refletimos a propósito da caminhada no segundo capítulo. O santuário, por sua vez, apresenta-se como lugar de paz, onde o peregrino se liberta das fadigas do quotidiano ainda que temporariamente, mas também como fonte, onde se vai buscar força e ânimo para regressar aos desafios da vida. Na verdade, mesmo para quem vem ao santuário para fazer apenas uma caminhada, a experiência do santuário pode tornar-se também uma experiência de encontro e oração: «para quem não acredita tanto ou quem é mais cético poderá ajudar a de vez em quando ter um momento mais isolado, se calhar pensar um bocadinho mais nas coisas, eventualmente rezar»¹⁷⁶. Deste modo, questionados sobre o impacto da caminhada, percebe-se que esta experiência afeta de modo diferente cada um dos peregrinos, sendo que quem vem com promessa, ou tem uma devoção maior vive esta experiência com mais intensidade na relação com o transcendente¹⁷⁷. Por outro lado, quem vem apenas pela caminhada poderá não atribuir um significado tão profundo à experiência, no entanto, não quer dizer que esta não seja marcante, nem que este se feche ao transcendente, simplesmente este não é o motivo principal que move a pessoa a deslocar-se a pé até ao santuário¹⁷⁸.

Na verdade, há pessoas que se deslocam a este espaço com propósitos muito claros, com pedidos concretos, com uma atitude de contrição, como forma de agradecimento, entre outras tantas razões que fazem os peregrinos deslocarem-se a este lugar. De facto, são muitas as histórias de curas que se contam sobre S. Bento. Desde a cura de cravos nas mãos, que é das curas mais comuns associadas a S. Bento, até a curas de doenças e problemas de saúde, são inúmeros os testemunhos que se recolhe dos peregrinos que rumam até aqui¹⁷⁹. Não obstante, entre os devotos, S. Bento ser considerado um santo taumaturgo, na medida em que através da sua intercessão os peregrinos buscam a cura

¹⁷⁶ Anexo III.

¹⁷⁷ Cf. Anexo XI.

¹⁷⁸ Cf. Anexo II, Anexo III.

¹⁷⁹ Cf. Anexo IV, Anexo V, Anexo VII, Anexo IX, Anexo IX.

dos problemas, também descobrimos uma ideia que parece existir acerca de S. Bento, que é o facto de ser considerado um santo vingativo¹⁸⁰. Sim, segundo aquilo que nos foi possível averiguar, parece que popularmente existe esta imagem de S. Bento. Por um lado, um santo taumaturgo, a quem as pessoas acorrem, por outro um santo que se vinga das pessoas que não são sérias no cumprimento da promessa¹⁸¹.

Ainda neste grupo, havia duas questões que pretendiam averiguar se os peregrinos conheciam algum santuário mais perto da sua residência dedicado a S. Bento, e se conhecessem, perceber qual a razão de ter escolhido este e não o outro que era mais próximo. Eis que encontramos algumas variações de respostas interessantes. Um número significativo de pessoas parece não perceber a pergunta à primeira vez, pois em vez de referirem santuários em honra a S. Bento, referem-se a outros santuários conhecidos, como o Sameiro ou o Bom Jesus¹⁸². Há também pessoas que confundem os santos a que os santuários são dedicados, olhe-se para o caso do Peregrino V que diz não haver nenhum santuário em honra de S. Bento, apenas conhece um que se chama S. Bento das Peras, alegando que é diferente¹⁸³. Existe ainda quem tenha um santuário mais próximo da sua casa, mas considera que este é mais importante, por isso tem uma devoção maior a S. Bento que se venera nesta Basílica, daí o facto de se deslocar aqui a pé¹⁸⁴. A propósito disto é importante recordar o que foi dito no segundo capítulo em relação à partida. Nessa reflexão disse-se que, geralmente, para um peregrino a veneração de Nossa Senhora no santuário de Fátima tem um peso maior do que a veneração feita a Nossa Senhora numa capela da paróquia. Embora se refiram à mesma pessoa, a primeira acaba por se impor. De um modo muito simples, parece subentender que uma “vale mais” do que a outra. Na

¹⁸⁰ Cf. Anexo IX.

¹⁸¹ Cf. Dr. Molho de Faria, *S. Bento da Porta Aberta*, (Braga: Diário do Minho, 1985), 55-62.

¹⁸² Cf. Anexo I; Anexo II; Anexo V.

¹⁸³ Cf. Anexo V.

¹⁸⁴ Cf. Anexo VI.

verdade, como se pode apreender por algumas entrevistas, o mesmo fenómeno acontece a propósito de S. Bento: alguns até dizem que para eles S. Bento é aqui¹⁸⁵.

Por fim, este grupo terminava com algumas questões que incidiam sobre as dificuldades do caminho. Pretendíamos, com elas, perceber se existe alguma relação entre a superação das dificuldades do caminho, e as motivações subjacentes à caminhada. De facto, a dor é uma característica que os peregrinos destacam da caminhada, mas cada um procura a sua superação através de meios diferentes. Há quem considere um desafio pessoal e, por isso, pensa na meta e na superação deste desafio¹⁸⁶; há quem se apoie no grupo e na motivação que aquele grupo transmite¹⁸⁷; há quem se apoie em S. Bento¹⁸⁸. De facto, para muitos é uma caminhada longa porque é realizada numa noite, por vezes, até sem parar e a motivação que está por detrás da realização da caminhada ajuda na superação das dificuldades que se encontram.

3.5.1.3. Relação com o santuário, o regresso a casa e o conhecimento da vida do santo

O grupo que anteriormente analisamos tinha como objetivo a análise das motivações dos peregrinos. Este último grupo era composto por três pequenos subgrupos temáticos que pretendiam analisar a relação com o santuário, o regresso a casa e o conhecimento da vida do santo. Neste grupo, havia inicialmente uma questão que pretendia saber se os peregrinos tencionavam levar alguma lembrança consigo. No entanto, no decorrer da investigação fomos percebendo que à hora em que a maioria das entrevistas eram feitas a casa das ofertas estava fechada, por isso acabamos por retirar a questão.

Assim sendo, olhando para a relação que o peregrino estabelece com o santuário, pode dizer-se que este tempo que aqui se passa é um tempo especial, um tempo

¹⁸⁵ Cf. Anexo VI.

¹⁸⁶ Cf. Anexo II.

¹⁸⁷ Cf. Anexo III.

¹⁸⁸ Cf. Anexo XI.

kairológico, isto é, um tempo favorável medido não pelos minutos ou horas que passam, mas pelo peso de cada um destes que fica, como refletimos no segundo capítulo a propósito da permanência no santuário. O facto de os peregrinos terem alcançado este espaço já é uma vitória, é um aliviar do peso, apesar do cansaço, por isso, quando interrogados sobre como se sentem quando vêm ao santuário, a resposta mais comum é que se sentem cansados, podem ter dores, mas aqui sentem-se aliviados, leves, sentem-se bem, parecem até esquecer temporariamente a dor do caminho¹⁸⁹. Neste sentido, por norma, todos os entrevistados se mostraram satisfeitos com o local e com as infraestruturas de acolhimento que este disponibiliza¹⁹⁰. É de realçar que as entrevistas realizadas têm um intervalo de dois meses, sendo que as últimas realizadas em Julho já manifestam a aposta que o santuário faz no auxílio aos peregrinos, quer durante a caminhada, quer no santuário¹⁹¹. Não obstante, uma entrevista de uma peregrina realizada no início de Junho, que se deslocou ao santuário de madrugada, chegando pelas 4:30h referia não ter encontrado um espaço acolhedor para os proteger do frio da manhã, pois a essa hora, o santuário e os serviços do santuário estavam ainda fechados¹⁹². A verdade é que apenas nos meses de Julho e Agosto é que estão disponíveis, pois estes é que são, tradicionalmente, os meses mais intensos de caminhada até ao santuário.

Ainda sobre o espaço e a relação que os visitantes de S. Bento têm com ele, havia uma questão sobre qual tinha sido o primeiro lugar onde se tinham deslocado, quando chegaram ao santuário. Alguns deslocaram-se à Igreja para rezar, agradecer e deixar uma esmola; outros subiram à imagem de S. Bento que se encontra na Basílica; outros ainda começaram por dar umas voltas à Basílica como forma de agradecimento; outros aguardam pela chegada do resto do grupo ou juntam-se ao grupo que espera por quem chega. Veja-se algumas respostas:

¹⁸⁹ Cf. Anexo VI; Anexo VII; Anexo IX; Anexo XI.

¹⁹⁰ Cf. Anexo I; Anexo II; Anexo III; Anexo XI.

¹⁹¹ Cf. Anexo XI.

¹⁹² Cf. Anexo V.

«É sempre dentro da Igreja, sempre! É o primeiro ponto de chegada, se a porta tiver aberta é dentro da Igreja. Agradecer»¹⁹³.

«(Riso) Foi, foi à beira dos meus colegas. Estavam sentados e eu juntei-me a eles»¹⁹⁴.

«O primeiro lugar foi ao S. Bentinho, visitar o S. Bentinho lá em cima, o santo»¹⁹⁵.

«Lá dentro à igreja, é, entregar uma esmola e dizer que a minha promessa, mais uma vez está feita, mais uma, mais um ano»¹⁹⁶.

«Fui dar a volta à Igreja, porque é, já é... chego e não me sento logo, não consigo. Vimos tão acelerados, tão emotivos, tão que... normalmente até vou logo lá cima visitar, só que este ano fiz a volta de costume à igreja e entretanto como o grupo se separou, decidimos esperar pelo resto do grupo para depois subirmos todos lá cima e só depois então é que vamos à missa»¹⁹⁷.

De facto, como foi referido, este tempo tende a ser principalmente mais pessoal, onde cada um vai fazendo o seu caminho e cumprindo os seus propósitos, se os trouxer. Por isso, cada um desloca-se onde acha mais importante e onde se sente melhor.

No que se refere ao conhecimento sobre a vida de S. Bento, é curioso realçar que nenhum peregrino foi capaz de contar a sua história, nem de uma forma mais genérica. Parece haver um maior destaque para o facto de reconhecerem que é um santo a quem os peregrinos se dirigem em momentos de fragilidade, pedindo o seu auxílio, mesmo que não conheçam aquilo que foi a sua história. Sobre a sua vida parece haver uma certa ignorância. Talvez isto se relacione também com a confusão que muitas vezes se faz sobre os santuários, chegando a pensar que S. Bento da Porta Aberta e S. Bento das Peras não seja o mesmo santo, o que poderá levar à preferência de um santuário em relação a outro. A verdade é que nenhum dos entrevistados ligou S. Bento da Porta Aberta a Bento de Núrsia, ao Patrono da Europa, à regra beneditina, entre outras coisas que se sabe sobre a

¹⁹³ Anexo I.

¹⁹⁴ Anexo II.

¹⁹⁵ Anexo IV.

¹⁹⁶ Anexo VII.

¹⁹⁷ Anexo IX.

sua vida. No que se refere à viagem de regresso a casa, todos os peregrinos dizem que vão diretamente para casa para recuperar da caminhada e do sacrifício que foi feito, por isso, não têm intenção de passar por nenhum outro local. Não obstante, alguns manifestam o desejo e a vontade de voltar a viver de novo a experiência.

Por fim, após a realização das quatro primeiras entrevistas, foi acrescentada uma outra questão que se considerou importante quer como contributo para o grupo das motivações, quer para se perceber o sentido do caminho para os peregrinos. A verdade é que a experiência do caminho é muito rica, quer para o crescimento do grupo, quer para o crescimento pessoal, porque no caminho, o indivíduo também se apoia no grupo. Neste sentido, registe-se os seguintes testemunhos:

«A gente reza, a gente chora, a gente (breve pausa) tem sempre aqueles momentos nossos que pensamos na vida, das nossas coisas que passaram ao longo destes anos e (breve pausa) há sempre aquele bocadinho da gente que há um silêncio que a gente vem aí e reza ao S. Bento»¹⁹⁸.

«É assim, nós vimos sempre em grupo, sempre unido, sempre muito perto uns dos outros, nós temos uma parte que cada um vem a rezar à sua maneira, para ele, e depois temos outra parte que rezamos o terço que é sempre nas nossas vezes que sempre viemos cá pelo caminho rezamos o terço em grupo e depois temos ali talvez uma meia horita que o pessoal vai muito calado porque vão a pedir as suas coisas, vão concentrados no senhor S. Bento, e depois torna-se um convívio também. Vimos todos, uns mais fragilizados do que outros, mas uns a ajudar os outros, sempre a animar até chegar aqui. É o que temos»¹⁹⁹.

De facto, a experiência da chegada leva o peregrino ao sentimento do alívio, da paz, da alegria, do esvaziar-se do peso do caminho. A experiência do caminho, por sua vez, possibilita a cumplicidade do grupo, o incentivo nas fragilidades, coloca todos ao mesmo

¹⁹⁸ Anexo XI.

¹⁹⁹ Anexo VI.

nível como peregrinos. No caminho há tempo para tudo: há tempo para rezar a S. Bento; para conversar; para o silêncio²⁰⁰, privilegiando um momento mais pessoal; para pensar na família, nos amigos; para agradecer; para conviver... O caminho, com a dor que lhe está associada, é um tempo de altos e baixos para o peregrino se enriquecer. De facto, a media do caminho é o pé, pois como se refletiu no primeiro capítulo a propósito da caminhada na peregrinação, é a pé que o peregrino vive e partilha com o grupo as experiências boas e más da caminhada, levando-o a partilhar a fé, a conhecer e a conviver com as limitações, o fracasso e o sucesso, a alegria e a dor. É, neste sentido, que a experiência do caminho se torna possibilidade de encontro.

3.6. Síntese

Em suma, após a realização da análise das entrevistas pode retirar-se algumas conclusões tendo por base as perguntas iniciais que colocamos.

Em primeiro lugar, os peregrinos deslocam-se a S. Bento porque é um lugar onde se sentem bem, é uma caminhada que, apesar das dificuldades que apresenta, é agradável, muitos têm devoção a S. Bento e, por isso, fazem promessas e deslocam-se a este santuário. De facto, as razões que levam as pessoas a deslocar-se lá são inúmeras, mas o que é certo, é que é um lugar que deve ter um cuidado pastoral particular por causa da diversidade de pessoas que recebe, quer com, ou sem vínculo religioso, por isso pode ser, um lugar importante do ponto de vista pastoral, cuja ação deve ser cuidada. Se por um lado, pode ser um impulso numa primeira evangelização ou despertar da fé, por outro, pode ser uma fonte, onde aqueles que aqui vêm vão beber, por isso a ação pastoral deve ter em vista um bom acolhimento daqueles que aqui se deslocam, como referimos no segundo capítulo a propósito do acolhimento: o acolhimento é feito pela organização do espaço, mas também pelos agentes de pastoral que ali estão. Recorde-se o que foi dito a

²⁰⁰ Sobre a importância do silêncio no caminho, falamos ao iniciar a reflexão no primeiro capítulo.

propósito da relação entre o peregrino e o praticante, invocando o conceito de peregrino flutuante que chama à atenção para a complexidade que a figura do peregrino evoca nos nossos dias. Para além disto, o fenómeno da globalização permitiu o aprofundamento da reflexão da relação entre o peregrino e o turista. É um facto que na peregrinação o peregrino também é consumidor e visitante. Apesar de a casa das ofertas não se encontrar aberta para levar lembranças do santuário, no período em que foram realizadas a maioria das entrevistas, o peregrino também se torna turista quando visita e contempla a paisagem natural do espaço que rodeia o santuário ou quando vai ao café tomar o pequeno-almoço... Não obstante a diversidade, no espaço do santuário cabem lá todos!

Em segundo lugar, a importância do tempo passado no santuário. Este é um tempo muito favorável e agradável para quem cá vem, mesmo com todo o cansaço que traz consigo, o tempo e o espaço do santuário mudam e afetam positivamente o peregrino. Durante o tempo que aqui passa, vai procurando percorrer um caminho que é muito pessoal e livre, desde o descanso, o tempo de oração, a visita ao santo, a esmola, os gestos utilizados... Cada um tem a sua forma de exprimir o agradecimento que tem a fazer, por isso sente-se livre e acolhido. Mesmo estando longe de casa, dá ideia que o santuário aparece como um refúgio e um consolo. Na verdade, percebemos de antemão, no segundo capítulo deste trabalho, a propósito da permanência no santuário, que este é um tempo importante para cada um cultivar as dimensões que lhe parecerem mais importantes, por isso é que durante o tempo no santuário, cada um vai trilhando o seu caminho e, neste trilho que vai traçando, vai como que entrando na sua intimidade, abrindo-se à possibilidade do encontro, porque estes são também possibilidades de encontro da misericórdia de Deus, através da intercessão dos santos e da virgem que os peregrinos veneram.

Não obstante, embora estes locais sejam uma fonte onde quem se desloca vive esta busca pela misericórdia, uma das entrevistas realizadas alerta-nos para uma imagem difundida de S. Bento: o facto de ser um santo vingativo. Sim! Esta ideia de um certo

80

modo surpreendeu-nos porque o mesmo santo taumaturgo a quem as pessoas de dirigem, também é apelidado de vingativo para quem não cumprir aquilo que prometeu, ou de alguma forma procurar “fintar” o santo. Pelo que parece, este não se deixa ficar...

Neste sentido, torna-se importante fazer, por um lado, um bom acolhimento àqueles que se deslocam ao santuário, por outro, uma purificação de algumas crenças mais populares, como a ideia apresentada anteriormente. Na verdade, há uma ideia que não foi muito explorada, mas que seria interessante ser desenvolvida num estudo posterior, que era qual o papel dos santos na fé dos crentes. Parece haver um papel muito importante na intercessão dos santos para os crentes. O que levará pessoas que não têm prática religiosa a rumarem a pé até um santuário e fazerem promessas a um santo, submetendo-se a privações e às dificuldades do caminho? Qual a ideia que está por detrás das promessas realizadas? Uma troca de favores? Estes seriam alguns aspetos em torno da promessa que seria interessante num estudo posterior desenvolver.

No decorrer do estudo, houve ainda uma outra situação que nos suscitou algumas questões, mas que, infelizmente, não nos foi possível obter uma resposta, nem desenvolver. Um dos peregrinos referiu o facto de ter vindo no seu grupo alguém que prometeu vir descalço o que, por um lado, nos surpreendeu, e por outro nos levantou a questão sobre qual o sentido da busca do sofrimento dessa maneira. Esta prática, neste santuário, pode ser um caso isolado, no entanto, no âmbito da peregrinação em geral também acontece nas peregrinações realizadas a outros santuários²⁰¹. Será que uma promessa por infligir mais dor é mais válida? Certamente que não, mais do que buscar o sofrimento, o peregrino é chamado a uma conversão, a trilhar um caminho espiritual que o leve a ser mais.

²⁰¹ Segundo algumas leituras realizadas, este fenómeno não acontece apenas na peregrinação a S. Bento. Nas peregrinações ao santuário de Fátima, também há registos desta prática. Cf. Ana Catarina André, e Sara Campelo, *Peregrinos*, (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2017) 11-15.

Por fim, no que ao caminho diz respeito, pode concluir-se que este é muito rico quer para quem peregrina quer para quem faz uma mera caminhada. O exemplo e a fé de uns iluminam e envolvem os outros, o que cria no grupo uma espécie de cumplicidade da qual todos participam, quer nas alegrias, nos momentos de oração, mas também nas dificuldades e nas dores do caminho, nos momentos de silêncio... No caminho não há estatutos, mas partilham todos da mesma condição: a de caminhante. De facto, por um lado, ao iniciarmos a nossa reflexão teórica, chamamos à atenção para a importância do silêncio, da lentidão e da sobriedade que o caminho exige. Por outro lado, como se refletiu no segundo capítulo, a peregrinação é mais do que um caminhar por caminhar porque reveste-se de um sentido mais profundo do que os quilómetros do caminho. É muito mais do que isso! Até para quem se desloca sem nenhum propósito religioso. É o grupo, são os desafios pessoais, é a aventura, é a partilha de experiências, é a fé.... Enfim, pode dizer-se que o caminho vai para além da estrada. Esta experiência acaba por ter um significado tão profundo que leva a que em muitos peregrinos, desperte o desejo de repetir a experiência, o que faz com que mesmo regressando a casa marcados por esta experiência, não percam a condição de peregrino, preparando-se para no ano seguinte, ou noutra altura voltar a fazer a peregrinação.

Conclusão

Ao findar esta caminhada, é tempo de olhar para os passos dados e avaliar todo o itinerário que foi traçado, ver os frutos que surgiram, as dificuldades a enfrentar, as limitações a reconhecer, mas acima de tudo, agradecer pela oportunidade de crescimento que o trabalho possibilitou.

Neste sentido, antes de mais, é importante reconhecer que nem tudo foi dito e que alguns aspetos ficaram por desenvolver ou poderiam ter sido mais aprofundados, como a questão do milagre e das promessas. Estes são dois tópicos cujo desenvolvimento poderia dar importantes contributos na temática das peregrinações e na reflexão relacionada com o santuário nos nossos dias. Seria interessante perceber qual é a visão que os peregrinos têm do milagre e o que os leva a fazer uma promessa. Será que a encaram como uma troca de favores? Uma negociação? Um outro tópico que seria talvez interessante aprofundar num estudo posterior é qual a imagem que as pessoas têm dos santuários e qual o seu papel na evangelização. Algumas coisas foram ditas, mas talvez ainda se pudesse ter dito mais.

Por fim, há ainda um outro tópico que seria importante ter sido desenvolvido, até nas entrevistas, no entanto, essa consciência surgiu tardiamente pelo que não foi possível inserir no estudo. Durante o estudo, seria interessante tentar perceber qual é a noção que os peregrinos têm da mediação dos santos, quando lhes dirigem os pedidos a eles e associam os milagres ao santo. Em que lugar é que os peregrinos que se deslocam a um santuário colocam Deus? Será que veem o santo como um intercessor, ou como alguém que age “por conta própria”?

Ora, sem mais a acrescentar, aproxima-se a altura de apresentar conclusões e dar respostas. No início do trabalho, foram levantadas algumas questões, às quais se foi procurando engendrar uma resposta, ou pelo menos apontar um caminho de reflexão. Neste sentido, procurando responder a algumas questões levantadas, pode dizer-se que as

razões pelas quais alguém se desloca a um santuário podem ser diversas, sendo que a peregrinação deve, por excelência, ser uma experiência que leve à mudança e ao encontro, embora, muitas vezes, as pessoas apenas se desloquem por desporto, ou outros motivos paralelos aos religiosos. Também é verdade que ao longo dos tempos, o conceito de peregrino e de peregrinação foi lentamente mudando. Se noutros tempos se poderia associar à imagem do peregrino a figura do praticante, atualmente, tal ligação não é possível e esta relação já não é tão linear, por isso cada vez mais emerge a imagem do peregrino como alguém que apresenta uma “religiosidade flutuante”. Isto quer dizer que, por um lado, o peregrino tanto pode ser alguém comprometido com a comunidade, com um percurso espiritual bem delineado, mas por outro lado pode ser alguém que não tenha nenhuma relação com a comunidade paroquial, nem tampouco vai à Eucaristia, a não ser em alturas particulares, ou simplesmente não vai. Assim se percebe as dificuldades que os santuários têm em mãos, quando são desafiados a dar resposta a toda esta diversidade.

Na verdade, se por um lado foi havendo um afastamento da imagem do peregrino com a do praticante, por outro lado, houve uma aproximação entre a imagem do peregrino e a do turista. À primeira vista pode até parecer incompatível, mas a verdade é que dada a complexidade da experiência, e o grande desenvolvimento da economia, estas imagens sofreram uma aproximação. O peregrino em algum momento do seu percurso pode ser turista, na medida em que usa um serviço, aprecia uma paisagem, adquire uma recordação, contacta com a arte, etc., etc. O turista, por sua vez, pode entrar e viver o espírito da peregrinação quando participa nas celebrações, se deixa contagiar pela espiritualidade do santuário, procura um caminho pessoal de encontro com Deus. Deste modo, cabe àqueles que estão nos santuários tomar uma postura vigilante no acolhimento de toda esta panóplia de experiências que, à sua maneira, se dirige ao santuário mendiga aquilo que necessita. Na verdade, com a análise das entrevistas, há um conjunto de conclusões que é pertinente retomar e realçar após esta caminhada.

Em primeiro lugar, as pessoas que se deslocam ao santuário podem ou não ter um vínculo religioso profundo. É de realçar que no universo das entrevistas analisadas, pode dizer-se que a grande maioria não tem uma prática dominical, ou até um grande compromisso para com a comunidade de origem. Muitas vezes, o vínculo paroquial é estabelecido apenas por questões mais práticas, como levar os filhos à catequese, ou então dizer que vai à missa porque foi um hábito inculcado pelos pais que se continua a fazer sem saber muito bem justificar porquê. Pelo que é possível interpretar, na generalidade, parece que aqueles que vêm ao santuário não se inserem num grupo de cristãos com um vínculo religioso mais profundo, no entanto, é importante alertar que a amostra a que se teve acesso é reduzida em comparação com a realidade a que se refere.

Em segundo lugar, há algo que se descobriu com as entrevistas que pode até gerar uma certa admiração. Um número considerável dos entrevistados afirmava gostar de S. Bento, ou sentir-se de um certo modo apegado a este santo, no entanto, questionados sobre o que foi a sua vida, pouco ou nada sabiam dizer. É de estranhar não conhecer a vida de uma pessoa que dizemos gostar, no entanto, neste caso, parece acontecer. Ninguém foi capaz de fazer referência à regra que escreveu, ninguém referiu o impacto que teve na vida monástica, nomeadamente na criação da ordem beneditina, nem o associaram ao Padroeiro da Europa entre outros aspetos que conhecemos da vida deste santo. Enfim, sem fazer juízos de qualquer tipo, dava a entender que se deslocavam e faziam pedidos a um santo sobre quem apenas conheciam os milagres que se ouvem falar. Talvez isto seja o mais importante para quem aqui vem.

Em terceiro lugar há um outro aspeto curioso que pode estar relacionado com o que foi dito anteriormente. Interrogados sobre o conhecimento de um santuário dedicado a S. Bento mais próximo do que este, um número considerável de entrevistados referiu que tinha o Sameiro, ou outro santuário onde não se venerava S. Bento. Houve ainda quem referisse que conhecia outros santuários dedicados a S. Bento, mas alegavam ser outro S. Bento. Neste ponto parece existir uma confusão entre o santuário e o santo que se venera,

porque um número considerável de entrevistados dá a entender que não sabe a diferença, dado que manifesta alguma confusão.

Não obstante, olhando para o caminho trilhado e para a reflexão desenvolvida, talvez não seja exagerado afirmar que hoje em dia ainda faz sentido peregrinar até um santuário a pé, quando as circunstâncias assim o permitem, sem que esta experiência comprometa a saúde de quem a vive. No entanto, seria interessante e proveitoso para quem pretende empreender tal vivência uma proposta de um itinerário espiritual que acompanhe a caminhada que possa ir para além da recitação do terço em grupo ou dos momentos de silêncio. Porque não desenvolver um itinerário espiritual, tendo por base a espiritualidade beneditina e a vida de S. Bento, capaz de dar algumas orientações a quem aqui se dirige. Pense-se no exemplo das propostas que existem para os caminhos de Santiago. Não seria possível fazer algo semelhante com base na espiritualidade beneditina? Será que as pessoas não procuram estas ajudas? Na verdade, parece haver uma evidência de que as pessoas buscam algo nestes locais, talvez a linguagem não seja adaptada. Será possível alguém que se dirige a um santuário após tantos anos não conhecer nenhum aspeto da vida do santo? Que esforços são feitos nos santuários para ir ao encontro daqueles que aqui se deslocam? Que uso se faz dos meios de comunicação? Muito caminho já foi feito, mas ainda há muitos desafios por enfrentar e talvez novos surgirão, por isso é importante a atitude de vigilância de modo a interpretar os sinais que os nossos tempos nos vão deixando.

Por fim, há também um aspeto que surgiu no decorrer da investigação que fez colocar algumas questões e refletir um pouco no que às peregrinações se refere. Durante uma entrevista, uma mulher refere ter vindo com um homem que fez a viagem toda descalço. Ora, este fenómeno certamente não é novo. Já muitas histórias se contaram sobre estas “aventuras”, no entanto, esta atitude levanta algumas questões, nomeadamente na relação com o religioso, e na visão que se tem do sofrimento. Será que uma peregrinação por ser mais difícil “vale mais”? Qual é o significado da busca do sofrimento? O que leva uma

86

pessoa a assumir este compromisso e a suportar estas dores? A fé? O medo? O desespero? Com algum pesar é de lamentar não ter sido possível conversar e escutar a história deste homem que fez a peregrinação nestas condições. Não obstante, estas atitudes devem interpelar e fazer refletir. Os santuários também podem e devem ser lugares de catequese e de formação cristã.

Bibliografia

Magistério

Franciscus. “Adhortatio Apostolica ‘Evangelii Gaudium’.” *AAS* 105 (2013): 1019-1137.

Martino, Renato Raffaele. “Pontifical Council for the Pastoral Care of the Migrants and Itinerant People ‘On the occasion of the workshop for Diocesan pilgrimage coordinators and shrine directors’.” Acedido a 10 de Novembro de 2018. http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/pom2007_104/rc_pc_migrants_pom104_occasion-USA-martino.html.

Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes. “A peregrinação no Grande Jubileu do Ano 2000.” Acedido a 3 de Outubro de 2018. http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_19980425_pilgrimage_po.htm.

Sacrosantum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. “Constitutio Pastoralis de Ecclesia in mundo huius temporis ‘Gaudium et spes’.” *AAS* 58 (1966): 1025-1120.

Monografias

Afonso, António José Ferreira. “Religiosidade popular em S. Bento: formas genuínas de expressar a fé e a devoção a S. Bento.” In *Actas do congresso de S. Bento Pai e Padroeiro da Europa 2014-2015*, 127-165. S. Bento da Porta Aberta: Diário do Minho, S/Data.

Aldazabal, Jose. *Gestos y Simbolos*. Barcelona: Centre pastoral litúrgica, 1992.

Ambrosio, Gianni. “Peregrinação.” In *Christos Enciclopédia do Cristianismo*, Cristina Cappa Legora, Lucio Lamarque, Segio Sabbadini (dir.), 713-714. Lisboa: Editorial Verbo, 2004.

———. “Santuário.” In *Christos Enciclopédia do Cristianismo*, Cristina Cappa Legora, Lucio Lamarque, Segio Sabbadini (dir.), 794-795. Lisboa: Editorial Verbo, 2004.

- André, Ana Catarina, e Sara Campelo. *Peregrinos*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2017.
- Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica, 2014.
- Bovon, François. *El Evangelio Segun San Lucas (Lc 1-9)*. Vol. I, Salamanca: Ediciones Sígueme, 1995.
- . *El Evangelio Segun San Lucas (Lc 15,1-19,27)*. Vol. III, Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004.
- . *El Evangelio Segun San Lucas (Lc 19,28-24,53)*. Vol. IV, Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.
- . *El Evangelio Segun San Lucas (Lc 9,51-14,35)*. Vol. II. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004.
- Breton, David Le. *Elogio del caminar*. Madrid: Biblioteca de ensayo siruela, 2018.
- Campos, João Aguiar. *Descalço também se caminha*. Lisboa: Paulus, 2019.
- Cardoso, Arnaldo Pinto (dir.). *Peregrinação e piedade popular*. Lisboa: Editora Rei dos Livros, 1988.
- . *Religiosidade Popular e Educação da Fé*. Lisboa: Secretariado geral do episcopado, 1987.
- Clemente, D. Manuel. *A fé do povo: compreender a religiosidade popular*. Lisboa: Paulus, 2013.
- Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. *Directório sobre a Piedade Popular e Liturgia*. Braga: Editorial A.O., 2003.
- Coutinho, Jorge. *Caminhos da razão no horizonte de Deus*. Coimbra: Edições Tenacitas, 2010.
- Creswell, John W. *Research design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. Los Angeles: SAGE Publications, 2009.
- Cunha, Licínio. *Economia e política do turismo*. Lisboa: Lidel – Edições Técnicas, 2013.

- Duque, João. “Santuário.” In *Enciclopédia de Fátima*, dirigido por Carlos A. Moreira Azevedo e Luciano Cristino, 514-520. Estoril: Princípia, 2007.
- . *Fátima: uma aproximação*. Prior Velho: Paulinas, 2017.
- . *Homo Credens*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.
- Égérie. “Itinerarium.” In *Journal de Voyages. Sources Chrétiennes* 296: 1-23. Paris: Les éditions du cerf, 1982.
- Eliade, Mircea. *O Sagrado e o Profano. A essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, S/Data.
- Falcão, Manuel Franco. “Peregrinações.” In *Enciclopédia Católica Popular* 387-388. Prior Velho: Paulinas, 2004.
- . “Peregrinações.” In *Enciclopédia Católica Popular* 465-466. Prior Velho: Paulinas, 2004.
- . “Peregrino.” In *Enciclopédia Católica Popular* 388-389. Prior Velho: Paulinas, 2004.
- Faria, Dr. Molho de. *S. Bento da Porta Aberta*. Braga: Diário do Minho, 1985.
- Floristan, Cassiano. *Teologia practica: teoria y praxis de la accion pastoral*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993.
- Garofalo Salvatore. “Jerusalén/Sión.” In *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*, dirigido por Pietro Rossano, Gianfranco Ravasi e Antonio Girlanda. 848-864. Madrid: Ediciones Paulinas, 1990.
- Gennep, Arnold Van. *Los Ritos de Paso*. Madrid: Alianza Editorial, 2008.
- Gros, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- Hervieu-Léger, Danièle. *O peregrino e o convertido, A religião em movimento*. Lisboa: Gradiva, 2005.
- Kagge, Erling. *A arte de caminhar*. Lisboa: Quetzal Editores, 2018.
- Lima, José da Silva. “Peregrinação.” In *Enciclopédia de Fátima*, coordenado por Carlos A. Moreira Azevedo e Luciano Cristino, 402-410. Estoril: Princípia, 2007.

- . “Peregrinações (Antropologia e teologia).” In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, dirigido por Carlos Moreira Azevedo, 429-436. Rio de Mouro: Círculo de leitores, 2001.
- . “Santuário, festas e romarias.” In *Peregrinação e piedade popular*, dirigido por Arnaldo Pinto Cardoso, (Lisboa: Editora Rei dos Livros, 1988), 85-93.
- . *A Peregrinação Percursos e Palavra*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.
- . *Deus, não tenho nada contra... socialidades e eclesialidade no destino do Alto-Minho*. Porto: U.C.P. – Porto; Fundação eng. António de Almeida, 1994.
- . *Entre Rezas e Romarias Piedade Popular e Prática Pastoral*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.
- . *Teologia prática fundamental*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.
- Mailhiot, Gilles-Dominique. *El libro de los salmos*. Madrid: San Pablo, 2003.
- Maraval, Pierre. “Peregrinación.” In *Diccionario crítico de Teología*, dirigido por Jean-Yves Lacoste, 946-947. Madrid: Ediciones Akal, 2007.
- Martins, Nuno Brás. *Introdução à teologia*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.
- Moll, Xavier. “Peregrinaciones.” In *Diccionario de Espiritualidad*, Tomo III, dirigido por Ermanno Ancilli, 146-148. Barcelona: Editorial Herder, 1984.
- Pereira, Pedro. *Peregrinos: um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- Pinho, Arnaldo de. “Santuários Marianos e Evangelização.” In *Santuário de N.ª S.ª da Penha. Simpósio Mariológico Actas*, dirigido por Pio G. Alves Sousa, 191-199. Braga: Faculdade de Teologia, 1994.
- Ramos, Julio A. *Teología pastoral*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.
- Rodrigues, L. M. Figueiredo. *O digital no serviço de fé*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016.

Sauser, Ekkart. "Peregrinaciones." In *Sacramentum Mundi*, Tomo V, dirigida por Karl Rahner S.j., 433-439. Barcelona: Editorial Herder, 1974.

Teixeira, Alfredo. *Religião na sociedade portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019.

Turner, Victor W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

Zambarbieri Annibale. "Religiosidade Popular." In *Christos Enciclopédia do Cristianismo*, Cristina Cappa Legora, Lucio Lamarque, Segio Sabbadini (dir.), 765-770. Lisboa: Editorial Verbo, 2004.

Publicações Periódicas

Abumanssur, Edin Sued. "Turismo religioso e identidade nacional." *Horizonte* 16, no. 49 (Jan/Abr 2018): 88-106.

Adam, Júlio César. "Entre peregrinação, turismo e liminaridade: a busca por lugares." *Horizonte* 16, no. 49 (Jan/Abr 2018): 66-87.

Aguirre, Federico. "Fundamentos estético-teológicos de la piedad popular." *Teología y Vida* 59, nº1 (2018): 155-160.

Bastos, Cecilia dos Guimarães. "Perspetivas antropológicas sobre o turismo religioso: atravessando as fronteiras do turismo religioso e da peregrinação." *Debates do NER* 18, no. 31 (Jan/Jun 2017): 307-330.

Belei, Renata Aparecida, Sandra Regina Gimenez-Paschoal, Edinalva Neves Nascimento, e Patrícia Helena Vivian Ribeiro Matsumoto. "O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa." *Cadernos de Educação* no. 30 (2008): 187-199.

Cardita, Ângelo. "Peregrinação: possibilidade de compreensão crítica de uma experiência." *Sociologia, revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* 24 (2012): 195-213.

- Correia, João Alberto Sousa. “Do Éden à Jerusalém Celeste, a peregrinação e o santuário em perspetiva bíblica.” *Theologica* 53, no. 1-2 (2018): 11-29.
- Duarte, Rosália. “Entrevistas em pesquisas qualitativas.” *Educar em Revista*, no. 24 (Dezembro de 2004): 213-225.
- Lima, José da Silva. “A religiosidade popular, formas simples de peregrinação.” *Communio* 33, no. 4 (2016): 437-444.
- . “Peregrinação e Santuário, espaços de misericórdia.” *Theologica* 44, no. 1 (2009): 81-93.
- . “Santuários, lugares de peregrinação em Portugal.” *Communio* 14, no. 4 (1997): 345-362.
- Mendonça, José Tolentino. “Emaús, laboratório da fé pascal.” *Communio* 14, no. 4 (1997): 135-141.
- Mónico, Liseste S. Mendes, José Barbosa Machado e Valentim Rodrigues Alferes. “Peregrinações ao Santuário de Fátima: considerações em torno da dimensão ritualística da religiosidade.” *Horizonte* 16, no. 49 (Jan/Abr 2018): 194-222.
- Novoa, Carlos Sj. “La teologia es una ciencia histórica e interdisciplinar.” *Theologica Javeriana* 141 (2002): 135-146.
- Parellada, Josep-Enric. “Do turista ao peregrino.” *Theologica* 53, no. 1-2 (2018): 47-68.
- Penteado, Pedro. “A construção da memória nos centros de peregrinação.” *Communio* 14, no. 4 (1997): 329-344.
- Pereira, Fernando Micael. “A peregrinação.” *Communio* 14, no. 4 (1997): 316-328.
- Perrier, Jacques. “Jerusalém para o tempo e para a eternidade.” *Communio* 14, no. 4 (1997): 303-309.
- Ravasi, Gianfranco. “Abraão e o Povo de Deus Peregrino.” *Communio* 14, no. 4 (1997): 293-302.
- Ries, Julien. “O universo das peregrinações.” *Communio* 14, no. 4 (1997): 310-315.

Silveira, Emerson José da. “Peças franjas dos santuários: turismo, fé e religião em flashes etnográficos.” *Horizonte* 16, no. 49 (Jan/Abr 2018): 136-165.

Souza, José Arlison Xavier de. “Caminhar em peregrinação.” *Geosaberes* 16, no. 2 (Nov. 2015): 339-349.

Steil, Carlos Alberto. “Peregrinação: sentidos e práticas.” *Horizonte* 16, no. 49 (Jan/Abr 2018): 10-13.

Vilaça, Helena. “Recomposições dos rituais contemporâneos: a peregrinação.” *Sociologia, revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* 17/18, (2007/2008): 55-67.

Webgrafia

Lettre Pastorale. “Le Chemin De Saint-Jacques: Quête et Rencontre.” Saint-Jacques de Compostele. Acedido a 2 de Outubro de 2019. http://www.webcompostella.com/wp-content/uploads/2015/07/El-Camino-de-Santiago_Frances-LETTRE-PASTORALE-2-avec-filligramme.pdf.

Organización Mundial del Turismo. “Entender el turismo: Glosario Básico.” Acedido a 22 de Maio de 2019. <https://media.unwto.org/es/content/entender-el-turismo-glosario-basico>.

Parellada, P. Joseph-Enric. “El turismo religioso. Sus perfiles.” Acedido a 23 de Março de 2019. <https://www.conferenciaepiscopal.nom.es/pastoral/turismo/encuentro/2008/JosepEnricParellada.pdf>.

Filmografia

Shen, Martin. “*The Way*.” Dirigido por Emilio Estevez (Espanha, Estados Unidos da América: 2011).

Anexos

Modelo de questionário

Muito bom dia, antes de iniciarmos a entrevista, quero agradecer a sua disponibilidade para a colaboração neste estudo feito no âmbito de uma Tese de Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa, que se debruça sobre o tema: “A Peregrinação”. Neste sentido, antes de começar a entrevista, gostaria de lhe dizer que toda a informação é exclusivamente para uso académico, pelo que asseguro a confidencialidade destes dados e declaro que serão apenas utilizados para esses fins. Para analisar a informação precisarei também de gravar a entrevista, pelo que pedia a sua autorização para o fazer. Dá-me autorização para gravar a entrevista?

- Indicar hora e local

- Idade

- Profissão

- Local de residência

I – Grupo: características dos peregrinos/Peregrinação de S. Bento

1. Costuma fazer a caminhadas?
2. Onde costuma ir?
3. Porque é que escolheu este destino?
4. É a primeira vez que vem ao S. Bento a pé?
5. Veio sozinha(o) ou em grupo?
6. Quantos elementos são?
7. Há quanto tempo chegou?
8. Quanto tempo espera passar no Santuário?
9. O que tenciona fazer nesse tempo?
10. Sabendo que há várias pessoas que vêm em peregrinação de carro, escolheu vir a pé por algum motivo especial?
11. De onde partiu a que distância fica de S. Bento?
12. Mais ou menos quanto tempo demorou caminhada?

13. Como é que o Sr. considera a sua relação com a religião?

14. Qual é a sua relação com a sua comunidade paroquial?

15. É importante para si, durante este tempo, procurar o sacramento da confissão?

II – Grupo: Motivações da peregrinação

16. Pode dizer-nos qual foi o motivo que o(a) levou a fazer esta caminhada ao S. Bento?

17. Qual é que acha que vai ser o impacto desta experiência na sua vida?

18. Já alguém lhe contou alguma cura associada a uma peregrinação feita ao S. Bento?

19. E você já viveu alguma?

20. Tem algum santuário mais perto de si em honra ao S. Bento?

21. Porque é que escolheu este e não a outro mais perto de casa?

22. Teve alguma dificuldade durante a peregrinação?

23. Se sim, quais?

24. Como conseguiu superá-las?

III – Relação com o santuário, o regresso a casa e o conhecimento da vida do santo

25. Qual foi o primeiro lugar onde se deslocou quando chegou aqui?

26. O que é que conhece sobre a história de S. Bento?

27. Considera que este é um espaço acolhedor para os peregrinos?

28. O que acha que falta para que se torne ainda mais acolhedor?

29. Como se sente quando cá vem?

30. Após a sua permanência aqui no santuário tenciona ir diretamente para casa, ou pondera visitar outro local?

31. Tenciona levar consigo alguma lembrança desta caminhada?

32. Durante a caminhada, quais são os pensamentos que lhe vêm à mente?

Anexo I

Peregrino 1 (sexo masculino)

(19-05-2019)

Hora e local da entrevista: 8:20h numa mesa do café do hotel, enquanto o peregrino tomava o pequeno almoço após ter participado na eucaristia das 7:30h.

Idade: Quarenta e três.

Profissão: Servente de mesa.

Local de onde vem: Azias, Ponte da Barca, Viana do Castelo.

Paulo - Então muito bom dia, eu sou o Paulo, antes de iniciarmos esta entrevista eu queria agradecer a sua disponibilidade pela colaboração neste estudo feito no âmbito de uma Tese de Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa que se debruça sobre o tema: “A peregrinação”. Neste sentido, antes de começar a entrevista, gostaria de lhe dizer que toda a informação é exclusivamente para o uso académico, pelo que asseguro a confidencialidade destes dados e declaro que serão apenas utilizados para esses fins. Para analisar a informação precisarei também de gravar a entrevista pelo que pedia a sua autorização para o fazer. Dá-me a autorização de gravar a entrevista?

Peregrino 1 – Sim!

Paulo - Muito Obrigado! Então vamos começar por uma pequena pergunta. Eu queria-lhe perguntar se costuma fazer caminhadas.

Peregrino 1 - Sim!

Paulo -E nessas caminhadas onde costuma ir?

Peregrino 1 – Percorrer as serras do Gerês, todos os picos mais altos do Gerês.

Paulo -Então gosta de fazer caminhadas pelo monte, pela montanha e...

Peregrino 1 Sim, sim!

Paulo -Muito obrigado! E porque é que escolheu, nesta caminhada, este destino, o S. Bento?

Peregrino 1 Porque é o meu santo favorito, que eu tenho muita fé e venho aqui várias vezes no ano.

Paulo -Muito obrigado, e então já vem várias vezes. Mas costuma vir várias vezes a pé ou também...

Peregrino 1 Sempre a pé, sempre a pé, todos os anos, várias vezes no ano.

Paulo -Muito bem, e estou a ver então que veio em grupo, não é? E o grupo eram estes quatro elementos?

Peregrino 1 Não! Éramos seis, dois, uma das pessoas não conseguiu. Estava com o namorado e pediram para vir buscá-los a meio do caminho e foram para casa. Nós continuamos a nossa caminhada.

Paulo -E quanto tempo é que espera passar aqui no santuário?

Peregrino 1 Agora já vamos regressar. É só, vimos, fazemos a nossa romaria, a missa e vamos embora.

Paulo -Então chegaram muito cedo, há muito tempo?

Peregrino 1 Não. Chegamos eram 7:00h.

Paulo -E foram depois à eucaristia?

Peregrino 1 Sim.

Paulo -Sabendo que há várias pessoas que vêm em peregrinação, mas em vez de ser a pé vêm, por exemplo, de carro, você escolheu a peregrinação a pé por algum motivo especial?

Peregrino 1 É um agradecimento ao santo. É uma maneira de agradecer o que eu peço, o que ele me ajuda, a minha fé, e eu faço isso.

Paulo - E de onde partiu a que distância é que fica aqui do S. Bento?

Peregrino 1 Trinta e três quilómetros, mais ou menos.

Paulo -E mais ou menos quanto tempo é que demorou a fazer esses trinta e três quilómetros?

Peregrino 1 Hoje foram 6:45h, porque tivemos à espera do carro que veio buscar as pessoas, e tivemos que esperar porque era no meio da serra e não íamos deixar as duas pessoas sozinhas, então aguardamos que chegasse o carro que os ia levar para trás.

Paulo -E como é que o Sr. Considera que é a sua relação com a religião?

Peregrino 1 Acho que é boa! Sou católico, praticante e acho que é boa!

Paulo -E com a sua comunidade, então, costuma ir à eucaristia?

Peregrino 1 Todos os Domingos! Se por acaso não puder ir ao Domingo vou ao Sábado!

Paulo -Muito obrigado e, para si, acha que é importante durante este tempo procurar a reconciliação, por exemplo através do sacramento da confissão?

Peregrino 1 Sim, sim! Faço-o pelo menos uma vez por ano! Tento.

Paulo -E então agora olhando para esta caminhada em particular que o Sr. fez, houve alguma motivação particular que o moveu a fazer esta caminhada?

Peregrino 1 Não! Isto são coisas que eu, durante alguns momentos em que eu tenho necessidade de pedir ajuda, que me ajude, e depois eu tenho que realizar a minha caminhada dentro do mais rápido que possa vir cá.

Paulo -E qual é que acha que vai ser o impacto desta caminhada na sua vida, daqui para a frente? Se acha que vai ter algum.

Peregrino 1 Como assim?

Paulo -Acha, por exemplo que esta caminhada, esta caminhada que o Sr. fez até aqui hoje acha que se calhar mudou alguma coisa na sua vida, fez por exemplo pensar em algum aspeto...

Peregrino 1 Muda-me sempre, porque eu sinto-me aliviado, sinto-me grato, sinto-me satisfeito por a conseguir fazer.

Paulo - E muitas vezes falam-se em curas associadas ao S. Bento.

Peregrino 1 Falam-se em?

Paulo – Em curas associadas ao S. Bento da Porta Aberta. Você já ouviu alguma cura, já alguém lhe contou alguma cura que vivenciou?

Peregrino 1 Não, não, não.

Paulo - E o Sr. já viveu alguma?

Peregrino 1 Se eu já vivi alguma cura? Já! Já cheguei a ter as minhas mãos com muitos cravos e apegar-me com o Senhor S. Bentinho e o Senhor S. Bentinho tirar-me os cravos das mãos. E isso para mim é uma cura!

Paulo -Sim, sim. E tem algum santuário mais perto em honra ao S. Bento, ou é este o mais próximo?

Peregrino 1 Não, tenho mais perto, tenho a Senhora do Sameiro.

Paulo -E ao S. Bento tem mais algum, ao S. Bento da Porta Aberta, tem algum mais perto?

Peregrino 1 Ao S. Bento?

Paulo -Sim.

Peregrino 1 Tenho o S. Bentinho em Braga que é a trezentos metros do meu trabalho, só que eu gosto de vir aqui a pé.

Paulo - Pois, então escolheu porque gosta mais...

Peregrino 1 Gosto de fazer a minha caminhada.

Paulo - E teve alguma dificuldade durante a peregrinação? Já vi que houve alguns colegas que se sentiram cansados. E você em particular?

Peregrino 1 Houve alguma vez que se calhar cheguei aqui menos bem, mas por norma chego aqui que podia ir para trás outra vez.

Paulo - E hoje?

Peregrino 1 Não, é o sono. Trabalhei ontem o dia todo e a noite toda e sinto-me com sono. É só o que sinto.

Paulo - Pronto, então foi fácil de superar. Qual foi o primeiro lugar que se deslocou quando chegou aqui?

Peregrino 1 É sempre dentro da Igreja, sempre! É o primeiro ponto de chegada, se a porta tiver aberta é dentro da Igreja. Agradecer!

Paulo - E olhando assim para a história de S. Bento. O que é que conhece assim da história de S. Bento?

Peregrino 1 Conheço a história do S. Bentinho guardar as pombas com a canastra. Ouço algumas...

Paulo -E considera que este espaço aqui é um espaço acolhedor para os peregrinos?

Peregrino 1 É. Muito acolhedor!

Paulo -E acha que há alguma coisa que falte aqui neste lugar para ser mais acolhedor?

Peregrino 1 Não. Está tudo muito bem!

Paulo -Após a sua permanência aqui no santuário, e já estamos quase a terminar, tenciona ir diretamente para casa, ou pondera visitar outro local?

Peregrino 1 Não. Vou para casa para ir para a cama!

Paulo – (riso) Pois agora é preciso descansar. E tenciona levar consigo alguma coisa, alguma recordação daqui?

Peregrino 1 Por norma não levo. Já cheguei a levar, mas agora não levo.

Paulo -Olhe, muito obrigado pela sua disponibilidade

Peregrino 1 Obrigado eu.

Paulo - E um bom pequeno almoço desculpe lá perder este tempo.

Peregrino 1 De nada, tudo de bom!

Anexo II

Peregrino 2 (sexo masculino)

(26-05-2019)

Paulo - Muito bom dia, nós estamos aqui junto à Cripta do Santuário do S. Bento da Porta Aberta, são, neste momento, 6:33h e antes de iniciarmos esta entrevista eu queria agradecer a sua disponibilidade pela colaboração neste estudo feito no âmbito de uma Tese de Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa que se debruça sobre o tema: “A peregrinação”. Neste sentido, antes de começar a entrevista, gostaria de lhe dizer que toda a informação é exclusivamente para o uso académico, pelo que asseguro a confidencialidade destes dados e declaro que serão apenas utilizados para estes fins. Para analisar a informação precisarei também de gravar a entrevista pelo que pedia a sua autorização para o fazer. Dá-me a sua autorização para gravar a entrevista?

Peregrino 2 – Dou.

Paulo - Então começava por lhe perguntar qual é a sua idade?

Peregrino 2 Tenho vinte e cinco.

Paulo - Qual é a sua profissão?

Peregrino 2 Sou mecânico de automóveis.

Paulo - E de onde é que o Sr. vem?

Peregrino 2 Venho das caldas das Taipas.

Paulo - O Sr. Costuma fazer caminhadas?

Peregrino 2 Não muito.

Paulo - Não muito. E então, como não costuma fazer muitas caminhadas porque é que escolheu aqui vir aqui a este destino aqui ao S. Bento?

Peregrino 2 Eu juntei-me a um grupo que ia vir até aqui e simplesmente foi só mais para aumentar ao grupo e também é uma coisa que eu gosto de fazer, é um bocado de desporto e como o desporto nunca faz mal, então eu vim com eles nesta caminhada.

Paulo - E é a primeira vez que vem aqui ao S. Bento a pé?

Peregrino 2 Não. Já vim para aí há sete anos, já, já vim também a pé, mas desta vez custou-me mais um bocadinho.

Paulo - (riso) E veio sozinho ou em grupo?

Peregrino 2 Agora vim em grupo, mas da outra vez também viemos em grupo, mas foi um grupo mais pequeno.

Paulo - E hoje quantos elementos é que esse grupo continua?

Peregrino 2 Viemos nove.

Paulo - Há quanto tempo chegou?

Peregrino 2 (Riso) à para aí cerca de cinco minutos, nem isso.

Paulo - Ainda acabou de chegar, não é?

Peregrino 2 É.

Paulo - E quanto tempo é que espera passar aqui no santuário?

Peregrino 2 Agora nós vamos ficar para a missa e no fim da missa nós vamos, vamos para baixo.

Paulo - E durante esse tempo até à missa o que é que tenciona fazer?

Peregrino 2 (Riso) Descansar um bocado.

Paulo - Sabendo que há várias pessoas então que vêm até aqui em peregrinação, ou vêm até aqui de carro, o Sr. escolheu vir a pé por algum motivo especial?

Peregrino 2 Foi para vir de uma maneira diferente.

Paulo - De onde partiu a que distância fica mais ou menos do S. Bento?

Peregrino 2 São trinta e oito ou trinta e nove quilómetros.

Paulo - Trinta e oito ou trinta e nove quilómetros, disse, e mais ou menos quanto tempo demorou a percorrer estes trinta e oito ou trinta e nove quilómetros?

Peregrino 2 Ora eu saí deviam ser 10:30h [Referia-se às 22:30h] e chegamos agora. São 6:30h, mais ou menos esse tempo.

Paulo - E como é que o Sr. considera que é a sua relação com a religião?

Peregrino 2 Eu tenho uma ideia diferente de algumas pessoas. Eu aceito, mas não concordo com tudo. Mas, no entanto, aceito que as pessoas acreditem na religião e aceito isso.

Paulo - Mas o Sr. é Crente?

Peregrino 2 Eu tento fazer a minha parte. Não, não sou praticante. Não vou todos os fins de semanas à missa nem pratico todos os dias, mas também não critico quem o faz.

Paulo - E com a sua comunidade paroquial de lá?

Peregrino 2 Também. Também é um bocado assim. Já fui mais participante, mas consoante a minha ideia fui mudando e já não sou tão praticante como era antigamente.

Paulo - Pode dizer-nos qual foi o motivo que o levou a fazer esta caminhada ao S. Bento?

Peregrino 2 Foi mais para acompanhar os meus colegas.

Paulo - Qual é que acha que vai ser o impacto desta experiência na sua vida?

Peregrino 2 Acho que foi uma aventura. Para mim foi mais uma aventura do que outra coisa, mas não é uma coisa que eu tenciono fazer muitas vezes, mas também não é uma coisa que eu não diga que não à próxima vez.

Paulo - Já alguém lhe contou alguma cura associada a uma peregrinação feita ao S. Bento?

Peregrino 2 Não. Que eu me lembre não.

Paulo - E você já viveu alguma?

Peregrino 2 Não.

Paulo - Tem algum santuário mais perto de si em honra ao S. Bento?

Peregrino 2 Tenho o Sameiro.

Paulo - E dedicado ao S. Bento. Tem algum?

Peregrino 2 Que eu saiba não. Temos lá um S. Bento, mas não é, não sei se é dedicado ao S. Bento da Porta Aberta.

Paulo – Sim, é igual, sim, sim. E então porque é que escolheu então vir a este e não a esse que é mais perto da sua casa?

Peregrino 2 Porque eu vinha em grupo, vinha com eles.

Paulo - E teve alguma dificuldade durante, durante esta caminhada?

Peregrino 2 Sim, agora na parte do fim ao descer e agora ao começar a subir aqui senti mais dificuldade, mas consegui chegar aqui.

Paulo - E como é que conseguiu superar essa dificuldade. Houve alguma coisa que o ajudasse a conseguir superar?

Peregrino 2 Foi só força de vontade.

Paulo - E qual foi o primeiro lugar onde se deslocou quando chegou aqui?

Peregrino 2 (Riso) Foi, foi à beira dos meus colegas. Estavam sentados e eu juntei-me a eles.

Paulo - O que é que conhece sobre a história de S. Bento?

Peregrino 2 Pouca coisa, muito pouca coisa.

Paulo - Não há nenhum aspeto que tenha ouvido falar ou que lhe venha à memória?

Peregrino 2 Eu lembro-me de terem falado que ele era, não sei se era... acho que não era daqui. Fazia umas passagens e que depois parou, mas não sei bem a história.

Paulo - Considera que este espaço é um espaço acolhedor para as pessoas que aqui vêm, para os peregrinos?

Peregrino 2 Sim. É um espaço acolhedor, é um espaço grande.

Paulo - E o que é que acha que este espaço poderia ter para que fosse ainda mais acolhedor?

Peregrino 2 Talvez mais um bocado de abrigo.

Paulo - Como é que o Sr. se sente quando cá vem?

Peregrino 2 Sinto-me bem.

Paulo - E após a sua permanência aqui no santuário, tenciona ir diretamente para casa ou pondera visitar outro local?

Peregrino 2 Não. Daqui vou à missa e depois vou para casa.

Paulo - E agora para terminar, tenciona levar consigo alguma lembrança desta caminhada daqui?

Peregrino 2 Não. Só memórias, mais nada.

Paulo - Pronto, olhe muito obrigado pela sua disponibilidade e continuação de uma boa permanência aqui no santuário, está bem!

Peregrino 2 Tá. Obrigado.

Anexo III

Peregrino 3 (sexo masculino)

(26-05-2019)

Paulo - Muito bom dia, nós estamos aqui junto à Basílica do Santuário do S. Bento da Porta Aberta, são, 6:51h da manhã. Antes de iniciarmos esta entrevista eu quero agradecer a sua disponibilidade pela colaboração neste estudo feito no âmbito de uma Tese de Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa que se debruça sobre o tema: “A peregrinação”. Neste sentido, antes de começar a entrevista, gostaria de lhe dizer que toda a informação é exclusivamente para o uso académico, pelo que asseguro a confidencialidade destes dados e declaro que serão apenas utilizados para esses fins. Para analisar a informação precisarei também de gravar a entrevista pelo que pedia a sua autorização para o fazer. Dá-me a sua autorização para gravar a entrevista?

Peregrino 3 Sim, claro.

Paulo - Então, precisava de saber qual é a sua idade.

Peregrino 3 A minha idade são, eu tenho vinte e cinco anos.

Paulo - Qual é a sua profissão?

Peregrino 3 Sou *Personal Trainer*.

Paulo - E de onde é que o Sr. é?

Peregrino 3 Sou de Vila Verde.

Paulo - Costuma fazer caminhadas?

Peregrino 3 Não, de todo.

Paulo - Então porque é que escolheu este destino aqui o S. Bento?

Peregrino 3 Uma menina que estava aqui ao bocadinho é minha cliente e ela e a família iam fazer esta peregrinação, esta caminhada e convidaram-me e eu acabei por vir também.

Paulo - E é a primeira vez que vem ao S. Bento?

Peregrino 3 É a segunda.

Paulo - É a segunda. E então veio em grupo pelo que vi, não é?

Peregrino 3 Sim.

Paulo - E quantos elementos são o grupo, quantos elementos é que fazem parte deste grupo?

Peregrino 3 À volta de doze, quinze pessoas acredito eu.

Paulo - E quanto tempo espera passar aqui no Santuário?

Peregrino 3 Bem, nós chegamos à coisa de quinze, vinte minutos e devemos estar aqui meia hora, quarenta minutos. Dar uma pequena volta se for possível e pouco mais.

Paulo - Sabendo que há várias pessoas que vêm aqui, mas de carro, escolheu vir a pé, então por algum motivo especial, ou foi só para?

Peregrino 3 Eu acho que são coisas diferentes. Quando uma pessoa vem de carro vem mais para passear, numa de Domingo à tarde. Vou passear com a família, vou... Quem vem a pé vem por outras questões. Não tem muito a ver com passear, pode ter mais a ver com alguma parte religiosa, alguma promessa, algo do género. É diferente. Acho que são coisas completamente distintas. Quem vem a pé, por norma vem por outras questões. Eu decidi vir a pé porque acho que é uma questão de superação, uma questão de... É a caminhada, não é o destino, é a caminhada. Quem vem de carro é outra coisa completamente diferente. Foi por isso que escolhi vir a pé. É outra dificuldade também.

Paulo - De onde partiu a que distância fica do S. Bento.

Peregrino 3 Nós partimos de Amares, portanto Amares fica a sensivelmente em termos de quilómetros, trinta e cinco quilómetros acredito eu mais ou menos... entre trinta a quarenta sensivelmente.

Paulo - E mais ou menos quanto tempo demorou essa caminhada de Amares até aqui?

Peregrino 3 Nós demoramos sensivelmente seis horas, mais ou menos. Seis, sete horas.

Paulo - E como é que o Sr. considera que é a sua relação com a religião?

Peregrino 3 Bem, não sou católico nem sou praticante. Acho que é uma pergunta um bocadinho complicada de se fazer (riso). Mas acho que acima de tudo que quem acredita em termos de religião é acreditar que estamos a ser vigiados, é acreditar que temos de fazer o melhor possível porque há alguém que está... É um bocadinho estranho de explicar, agora acho que isto também vem um bocadinho de acordo com a própria educação que temos, as pessoas que nos rodeiam, os familiares. Mas em termos de religião não sou praticante, mas acho que cada pessoa deve também pensar um bocadinho nestas questões porque ao fim ao cabo acabam por fazer parte da nossa história, da nossa vivência.

Paulo - Portanto, pelo que disse não tem assim nenhum vínculo religioso?

Peregrino 3 Não. Não tenho nenhum vínculo religioso muito forte, não quer dizer que não tenha algumas ideologias.

Paulo - Portanto, não sei se faz sentido perguntar esta pergunta. Qual é a relação que tem com a sua comunidade paroquial?

Peregrino 3 Sim, talvez seja quase inexistente. Quando era mais novo acho que é mais comum nós irmos à missa e outras, outras... a parte até mesmo da catequese e seguir uns certos, uns certos... certas coisas que nos impõe um bocadinho através dos pais ou até mesmo dos avós mas acho que não é isso que nos leva a ser mais ou menos praticantes, acho que depois vem com a vivência, vem com... porque quer queiramos quer não a pessoa quando acaba por ficar mais velha acaba por acreditar em alguma coisa. Quando começamos a pensar que a morte está a chegar eu acredito eu que as pessoas cada vez mais comecem a acreditar. Até podem ter sido céticos a vida toda, mas se calhar naquela altura acabam por acreditar ou então a pessoa já acredita desde o início. Portanto é uma questão um bocadinho complicada de colocar, mas na questão que me fez é mínima.

Paulo - E pode-nos dizer então qual foi o motivo que o levou a fazer esta caminhada até aqui?

Peregrino 3 Bem da primeira vez que vim eu gostei. Foi diferente. Nós desta vez viemos por outro caminho. Há duas formas de vir, ou três porque também há a do monte e desta vez fiz um trajeto diferente e uma das questões foi essa foi fazer um trajeto diferente da outra vez. Depois é porque já não fazia há muito tempo e da última vez que fiz já foi há oito anos atrás. E é aquilo que lhe tinha dito anteriormente, acho que é uma questão de superação. São trinta e muitos quilómetros, são sete ou oito horas a andar a pé e neste caso nós fizemos sem parar, foi sempre seguido nunca ninguém parou. De vez em quando abrandamos um bocadinho, mas nunca ninguém parou de todo, foi sempre a andar com pessoas de outras idades, de outras faixas etárias. Tem muito a ver sobre o percurso não... o destino depois também obviamente tem a ver porque é um destino específico, não poderia ter sido outro local. Mas é muito a caminhada. O porquê de se fazer acho que muitas pessoas ao fazer este tipo de coisas tem outras consequências depois no dia a dia que é se eu sou uma pessoa que desacredito um bocadinho em mim, o facto de ter conseguido fazer uma coisa destas pode-me ajudar a desbloquear um bocadinho. Se eu consegui fazer uma caminhada de oito horas sem parar porque é que eu não posso fazer isto que hoje está a ser um bocadinho mais difícil? Acaba também por outras questões psicológicas. Mas acima de tudo foi pela questão da superação do desafio pessoal, passar a noite em claro a andar, chegar cá e estar o sol a nascer é fugir à rotina, ser algo completamente diferente e foi um bocadinho por aí a razão pela qual eu vim cá.

Paulo - Muito obrigado. E qual é que acha que vai ser o impacto desta experiência na sua vida?

Peregrino 3 Ora em termos de impacto. Acima de tudo vai-me deixar muito cansado. (Risos) Não, mas em termos de impacto na questão religiosa, acho que muitas vezes estes pequenos detalhes para quem não acredita tanto ou quem é mais cético poderá ajudar a de vez em quando ter um momento mais isolado, se calhar pensar um bocadinho mais nas coisas, eventualmente rezar. Ter este tipo de encontros, vamos chamar assim, esporádicos poderá ajudar a revitalizar um bocadinho a fé, se puder ser assim parece-me bem.

Paulo - Às vezes falam-se de curas associadas a peregrinações, a promessas feitas ao S. Bento. O Sr. já ouviu alguma?

Peregrino 3 Não.

Paulo - Já viveu alguma?

Peregrino 3 (riso) Também não.

Paulo - Tem algum santuário mais perto de si em honra ao S. Bento?

Peregrino 3 Muito honestamente não sei, mas acho que talvez sim. Acho que o S. Bento poderá ser o segundo ou terceiro mais perto, mas acho que sim, que tenho mais perto acho eu. Não lhe posso dizer com certeza.

Paulo - Teve alguma dificuldade durante a peregrinação?

Peregrino 3 (Risos) Tive, foram oito horas a andar a pé foi muito complicado com subidas e descidas, muita dor. É o que eu lhe disse é sacrifício. Podíamos ter parado a meio, podíamos ter vindo de carro, podíamos enfim ter escolhido outro trajeto, podia ter sido mais perto, podíamos ter partido de um ponto mais próximo, mas não. Foi isso mesmo é o facto de ser longe, é o facto de ser difícil, é depois também a própria entreajuda entre outros, porque até havia pessoas de outras faixas etárias e nós puxávamos um bocadinho quando as pessoas se sentem um bocadinho mais em baixo é mais difícil, portanto foi, foi um trajeto muito interessante. Que foi difícil? Foi, foi muito difícil, mas só viemos porque quisemos.

Paulo - E como é que conseguiu então superar estas dificuldades, ou é só uma coisa, houve algum?

Peregrino 3 Não. Acima de tudo é pensar o porquê de ter escolhido ter vindo cá. Se é difícil, é; há dores associadas, há; mas muitas das pessoas que vieram connosco vieram no sentido de fazer uma peregrinação, de uma promessa que podem ter feito ao S. Bento e portanto se há pessoas com bem mais idade do que eu, provavelmente com mais dores, com mais desconforto e que conseguiram fazer, quem era eu para também deixar de o

fazer e de ajudar, mas sem dúvida nenhuma que foi um trajeto difícil, mas foi muito agradável de se fazer.

Paulo - Fala então deste espírito do grupo, se não me engano, que também ajuda, não é?

Peregrino 3 Sim.

Paulo - Considera que o espírito de grupo também ajuda?

Peregrino 3 Sim, porque se reparar deve haver muita pouca gente, se é que há, poderá haver, uma pessoa a fazer este tipo de trajetos. Imaginando que sai, de onde quer que seja de um ponto, dificilmente vê uma pessoa a chegar ao S. Bento. Normalmente vê um grupo. Até podem ser duas pessoas, mas raramente uma pessoa vem sozinha, acredito eu. Normalmente é um grupo de pessoas que se junta para vir até cá. Poderá ser por motivos diferentes. Cada um tem o seu motivo, mas normalmente é um grupo porque... é a entreada, é mesmo isso porque é um desafio, é um desafio.

Paulo - Conhece algum, algum aspeto, alguma coisa sobre a história de S. Bento?

Peregrino 3 Curiosamente não. Eu ao bocado estava a falar exatamente sobre isso. Não faço ideia o porquê de o S. Bento ser um sítio tão... porque é um sítio muito concorrido, principalmente de verão por muitos turistas, não conheço a história, de todo. Se calhar quando sair daqui vou (risos) pesquisar um bocadinho, mas por acaso não sei a história de S. Bento, não sei o porquê do monumento, do mosteiro, não faço mesmo ideia

Paulo - E considera que espaço aqui é um espaço acolhedor para as pessoas que cá vêm, para os peregrinos, para os turistas?

Peregrino 3 Sim, sim, acredito que sim. O espaço está bem conseguido, está bem concebido para os turistas e tem sido remodelado para isso. É um destino turístico quer queiramos quer não. Passa cá muita gente, principalmente na altura de férias de verão, também tem uma vista bonita, o facto de estar aqui numa zona calma, uma zona serena, está de acordo com o próprio monumento não ser algo num sítio citadino, normalmente

nunca é um monumento deste tipo religioso é sempre num sítio mais calmo aqui num vale com um rio e, portanto, acho que é de todo muito acolhedor.

Paulo - Se tivesse que dar, por exemplo, um conselho, alguma coisa a melhorar para este espaço ser mais acolhedor o que é que sugeria?

Peregrino 3 Muito honestamente como eu não cá venho muitas vezes acho que não sou a pessoa ideal (riso) para dar um conselho deste género. Na minha opinião está tudo bem conseguido, está acolhedor. Muito honestamente não sou a pessoa de dar um conselho para melhorar porque não venho cá mais regularmente. Eventualmente se começar a vir mais vezes poderei ter uma sugestão a dar. Para já não tenho nada a dizer.

Paulo - Então para terminar, tenciona levar consigo alguma lembrança desta caminhada daqui?

Peregrino 3 Muito honestamente não. Nós vínhamos com a ideia de eventualmente colocar algumas velas ali a arder, pessoalmente não é costume meu, a minha namorada queria fazê-lo diz que quando cá vem que costuma fazer. Poderei fazer, não sei se vamos fazer ou não, mas eventualmente podemos fazer, mas em termos de lembranças não acredito, não é... voltando um bocadinho ao início. Para mim, vir até cá, fazer uma caminhada, eventualmente vir cá rezar não tem muito a ver com levar algum tipo de lembrança, tem a ver com o que viemos aqui fazer, o propósito. Se foi simplesmente para chegar cá e sentar e esperar que alguém nos venha buscar ou se foi meditar um bocadinho, pensar um bocadinho de outras questões, eventualmente colocar uma vela por outros familiares, fazer alguma reza, fazer alguma peregrinação à volta do monumento por alguma promessa que fizemos. Tem muito a ver com o porquê de termos vindo cá e não simplesmente levar uma lembrança ou o que quer que desejemos. Em termos de lembranças não irei levar nada vou sim dar uma volta pelo espaço, até o sol está agora a nascer. É que também estes pequenos pactos. Eu acho que muita gente que faz esta peregrinação faz sempre de noite, é mais fácil fazer, mas quando cá chega, o facto de o sol estar a nascer dá outra beleza até ao próprio monumento e à parte religiosa se o quiser

assim associamos a outras questões. É muito agradável de se fazer, recomendo (Risos) às pessoas que o façam, mas em termos de lembrança não vou levar nada.

Paulo - Não sei se quer acrescentar alguma coisa?

Peregrino 3 Não, não há nada a acrescentar.

Paulo - Pronto, então resta-me agradecer a sua disponibilidade, está bem.

Peregrino 3 Ora essa.

Paulo - Muito obrigado e continuação de uma boa permanência aqui.

Peregrino 3 Muito obrigado.

Anexo IV

Peregrino 4 (sexo masculino)

(26-05-2019)

Paulo - Muito bom dia, estamos aqui junto à Basílica do S. Bento da Porta Aberta, são, 8:11h. Antes de iniciarmos a entrevista eu queria agradecer a sua disponibilidade pela colaboração neste estudo feito no âmbito de uma Tese de Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa que se debruça sobre o tema: “A peregrinação”. Neste sentido, antes de começar a entrevista, gostaria de lhe dizer que toda a informação é exclusivamente para o uso académico, pelo que asseguro a confidencialidade destes dados e declaro que serão apenas utilizados para esses fins. Para analisar a informação precisarei também de gravar a entrevista pelo que pedia a sua autorização para o fazer. Dá-me autorização para gravar a entrevista?

Peregrino 4 – Sim, sim.

Paulo - Então, para começar eu gostava de lhe perguntar quantos anos é que o Sr. tem?

Peregrino 4 –Cinquenta e oito.

Paulo - Qual é a sua profissão?

Peregrino 4 –Vendedor.

Paulo - E de onde é que o Sr. é?

Peregrino 4 –Sou de Braga.

Paulo - Pronto, agora para começarmos a parte mais da entrevista, costuma fazer caminhadas?

Peregrino 4 –Sim, muitas.

Paulo - E nessas caminhadas onde costuma ir?

Peregrino 4 –Aqui a S. Bento, vou à Senhora do Sameiro, neste caso em Braga, vou à Senhora de Fátima. Já fui a Fátima também este ano, vou a S. Tiago. Faço muitas caminhadas, praticamente ando o ano todo a fazer, em caminhadas.

Paulo - Então gosta muito de andar a pé?

Peregrino 4 – Sim, sim. É um *hobbie* que eu tenho que é andar a pé.

Paulo - E porque é que escolheu este destino?

Peregrino 4 – Oh, escolhi este destino porque é normal é, prontos a gente gosta vem aqui, vai ao Sameiro e Sameiro e S. Bento aqui é o mais perto da minha cidade é os percursos que eu faço, que gosto de fazer.

Paulo - E é a primeira vez que vem aqui ao S. Bento a pé?

Peregrino 4 – Não, este ano já é a segunda. Costumo vir nove, dez vezes por ano aqui a S. Bentinho a pé.

Paulo - Então vem muitas vezes, com muita frequência durante o ano, não é?

Peregrino 4 – Sim, sim, por norma dez, doze vezes aqui a S. Bentinho a pé.

Paulo - E veio sozinho ou em grupo?

Peregrino 4 – Não, hoje vim eu e um colega. Venho várias vezes sozinho, mas hoje por acaso não vim sozinho. Vim eu e um colega que queria vir e eu vim acompanhá-lo.

Paulo - E há quanto tempo chegou, mais ou menos?

Peregrino 4 – Cheguei aqui, são 8:00h, cheguei há uma hora e pouco. Cheguei aqui eram 6:30h da manhã. Saí às 11:00h [23:00h] de Braga, cheguei aqui às 6:30h da manhã.

Paulo - E quanto tempo é que espera ficar aqui mais no santuário?

Peregrino 4 – Agora fui à missa, já fui à missa das 7:30h, agora vou embora, vou para casa, vou até casa. Tem que ser, não é, porque também não vale a pena estar aqui... já fiz o que tinha a fazer, a minha promessazinha, já fui à missa e tá feito para hoje aqui.

Paulo - Então durante este tempo que estive aqui até à altura da Eucaristia o que é que fez por?

Peregrino 4 – Fui...fui tomar um cafezinho que é da praxe, fui ao S. Bentinho lá em cima e fui pôr as velas que costumo pôr aqui. É o que se faz aqui, que é o da praxe, não é.

Paulo - E terminou com a celebração da Eucaristia?

Peregrino 4 – Exatamente.

Paulo - E então, pelo que o Sr. disse pode dizer-se que gosta de caminhar, não é e sabendo então que várias pessoas por exemplo preferem até se calhar vir de carro, ou até vir aqui de carro, por exemplo, autocarro, outros meios, por exemplo, há algum motivo especial que o Sr. escolheu para vir a pé?

Peregrino 4 – Pá, é assim, o motivo não é especial. Às vezes há, prontos gosto de vir aqui, pronto, às vezes venho cá de promessa, outras vezes venho porque gosto de vir cá que é um (breve pausa) ... por acaso é uma caminhada que eu gosto de fazer e é um santuário que eu gosto de visitar. Simplesmente por isso.

Paulo - E então de onde partiu, de Braga, pelo que eu

Peregrino 4 – (interrompe) Sim, sim.

Paulo - A que distância é que fica mais ou menos?

Peregrino 4 – De minha casa aqui ficam uma média de quarenta quilómetros, sim.

Paulo - E mais ou menos quanto tempo é que demorou a fazer esta caminhada dos quarenta quilómetros?

Peregrino 4 – sete horas e dez minutos.

Paulo - E como é que o Sr. considera que é a sua relação com a religião?

Peregrino 4 – Pá a minha relação com a religião é a relação, prontos é normal, é uma relação normal de um cristão. Faço a minha vida cristã como faz qualquer cristão, prontos foi o que os meus pais me ensinaram, já cá não estão e eu faço aquilo que eles me ensinaram até hoje, e é isso. Sou católico, não sou muito praticante porque às vezes a vida não permite não é, mas quando posso faço a minha parte de católica, pronto.

Paulo - E com a sua comunidade paroquial de onde é o Sr. também é uma relação assim?

Peregrino 4 – Sim, não sou, é como eu lhe digo não sou muito praticante porque eu não tenho grande... eu sou de Lomar, vivo em Lomar. Não sou de Lomar, mas vivo em

Lomar atualmente. Quando posso vou, por exemplo hoje já não vou lá à missa porque vim aqui não é, mas quando posso vou lá. Frequento lá a minha freguesia.

Paulo - E para si, o tempo que está aqui no santuário de S. Bento aqui, enquanto está aqui este tempo, acha que é importante por exemplo a celebração da confissão?

Peregrino 4 – É assim, eu não sou muito nessa da confissão eu não sou muito apologista disso, é a minha opinião. Eu quando me confesso, confesso-me a Deus. Opá, prontos lá está, cada qual tem as suas ideias e eu respeito toda a gente e eu... é a minha maneira de ser é esta, é assim que eu faço e é assim que eu farei sempre, foi o que o meu pai me ensinou e a minha mãe e eu continuo a fazer o mesmo.

Paulo - E a sua vinda aqui hoje. Você tem algum motivo particular? Qual foi o motivo que o trouxe aqui hoje?

Peregrino 4 – O motivo que eu venho aqui, que é o número um, quer queira quer não, é a fé. A fé que move montanhas e é verdade, prontos e eu vim cá porque o colega queria vir e eu vim com ele com a minha fé, não é. Se não tivesse fé também não vinha aqui e vim cá, prontos, aproveito faço a minha caminhada e venho com a minha fé a S. Bentinho e à missa e prontos e é isso e é o normal.

Paulo - Muitas vezes, não sei se já ouviu, já alguém lhe contou por exemplo alguma história, alguma cura, por exemplo de alguma promessa que tenha feito ao S. Bento e que esteja associada aqui ao S. Bento?

Peregrino 4 – É assim, por acaso isso pá há conversas que a gente não tem, outras vezes tem, prá qui não tenho muita (Tosse) perdão, não tenho muito essas conversas, mas quando vamos para por exemplo para Fátima acontece muito pessoas, muitas promessas não é porque nós aqui andamos uma noite, mas nós quando vamos para Fátima são cinco noites a andar e a gente ali conversa mais e há pessoas que contam histórias que realmente a gente pensa que acontece só aos outros não é, mas não, acontece a toda a gente e pronto e é a fé. Lá está a tal situação que eu bato sempre na mesma tecla que é a fé que move montanhas e acabou. E é isso.

Paulo - Então sobre o S. Bento nunca ouviu histórias dessas?

Peregrino 4 – Já ouvi histórias de cravos. Ainda ontem ouvi uma senhora a falar que tinha não sei quantos cravos na mão e que quando chegou aqui ao S. Bentinho desapareceram. Ouço falar muita coisa não é e outras coisas cravos, já ouvi mais coisas. Agora de momento não me sai, mas já ouvi muita coisa sobre isso.

Paulo - E o Sr. já viveu alguma experiência dessas?

Peregrino 4 – Por acaso, felizmente não. Felizmente porque nunca precisei não é. Portanto, nunca vivi.

Paulo - E tem algum santuário mais perto de si em honra ao S. Bento?

Peregrino 4 – Tenho. Temos lá, em Braga, temos lá o S. Bentinho por trás do Hospital que aquilo vai lá muita gente à quinta feira, muita gente. Vai lá muita gente. Eu por acaso também costume ir lá à quinta feira, mas é perto, não é. É o que nós fazemos mais lá. Tem esse e tem a Senhora do Sameiro.

Paulo - E o Sr. escolheu então este por algum motivo, ou?

Peregrino 4 – É assim, aqui acho que é um, prontos é o S. Bento, S. Bentinho, toda a gente gosta do S. Bentinho da Porta Aberta, pessoal de Braga, e é uma caminhada que eu gosto de fazer porque vê-se muito verde, gosto muito de montanha também e é uma boa caminhada, só por isso.

Paulo - E durante esta caminhada, de Braga até aqui, estas sete horas que falou da caminhada, teve alguma dificuldade durante a caminhada?

Peregrino 4 – Eu felizmente estou bem preparado não tenho, é como eu lhe disse eu ainda este mês fui a Fátima, não é. Faz hoje quinze dias estava em Fátima e hoje já estou aqui, portanto eu fisicamente estou bem, as pernas também estão boas e graças a Deus é S. Bentinho e Senhora de Fátima vou para todo o lado e não tenho problemas.

Paulo - Então pode dizer-se que passou bem, a caminhada fez-se bem, não é?

Peregrino 4 – Maravilha, uma maravilha.

Paulo - E qual foi o primeiro lugar a que se deslocou quando chegou aqui ao santuário?

Peregrino 4 – O primeiro lugar foi ao S. Bentinho, visitar o S. Bentinho lá em cima, o santo.

Paulo - Subiu lá cima ao, à imagem do S. Bentinho.

Peregrino 4 – Sim, sim, sim senhora.

Paulo - E o que é que conhece sobre a história de S. Bento? Conhece algum aspeto sobre a história de S. Bento?

Peregrino 4 – Não, sobre isso não conheço. Por acaso, muito sinceramente não conheço nada sobre isso. Pronto venho aqui a S. Bentinho, porque venho como toda a gente, vim aqui com os meus pais e olhe, gostei e agora venho cá com os amigos, bom, com quem calhar.

Paulo - O Sr. já disse há pouco, já veio cá várias vezes, vem cá muitas vezes ao longo do ano e considera que este espaço é um espaço acolhedor para as pessoas que aqui vêm, para os peregrinos que vem aqui ao santuário?

Peregrino 4 – Sim, agora já há aí mais, prontos os peregrinos já têm mais apoio, mesmo aqui a Igreja prontos para esta missa que tivemos agora, às 7:30h chega, mas a partir das 9:30h ou 10:00h acho que já é um bocado pequena, por isso fizeram aqui esta maior aqui em baixo e realmente agora já tem outra aceitação, tem outras condições para as pessoas vir cá e tarem aí mais confortáveis também, não é, que no fundo no fundo também as pessoas vêm cá e gostam de ter um bocadinho de conforto.

Paulo - E o que é que acha que falta a este espaço, por exemplo, para que ele se possa tornar ainda mais acolhedor para os peregrinos?

Peregrino 4 – Pá, muito sinceramente é assim eu como sou aqui de perto (riso) nem faço isso em sete horas e vou-me embora não posso dizer se há aí, se houver, sei lá, um peregrino que se ache muito mal se tem aí, mas acho que sim, que já tem aí um posto de

socorros. Eu nunca precisei não posso falar, nunca precisei. Quando a gente não precisa, não (barulho com a boca) não é.

Paulo - Sim, sim. Tem, tem um posto, tem um posto ali a trás também para essas

Peregrino 4 – (interrompe) Pronto acho que sim

Paulo - Para essas situações. E após a sua permanência aqui no santuário tenciona ir diretamente para casa ou tenciona passar por algum sítio antes ainda?

Peregrino 4 – Não. Agora vamos, vou para casa. Tomar um banhinho e vou descansar um bocadinho e está pronto, e está feito.

Paulo - E tenciona levar consigo alguma lembrança daqui desta caminhada?

Peregrino 4 – Por acaso não costumo levar. Eu aqui a lembrança que levo é do S. Bentinho, só mais nada. Ponho as minhas velas a arder é isso que eu faço que venho cá fazer é só isso.

Paulo - Pronto então para terminarmos aqui esta nossa pequena entrevista, gostava só de lhe perguntar também, como o Sr. disse que vem aqui várias vezes, há quantos anos mais ou menos é que já vem aqui ao S. Bento a pé, mais ou menos?

Peregrino 4 – Eu, atualmente agora seguidos já venho aqui há cinco anos. Venho cá umas nove, dez vezes por ano durante esses cinco anos. Teve uns anos largos sem vir cá, mas agora voltei novamente e venho cá todos os anos, prontos dez, doze, conforme correr. Mas olhe este ano já é a segunda vez que venho cá, agora daqui para a frente não sei as vezes que vou vir cá.

Paulo - Pronto, muito obrigado, não sei se quer acrescentar alguma coisa?

Peregrino 4 – Não, tá bom, olhe tenha felicidade no seu curso que é o que é preciso, que corra tudo bem tá bem!

Paulo - Pronto, muito obrigado então e um bom regresso!

Peregrino 4 – Obrigado, bom dia.

Obs: Após estas quatro entrevistas, considereei pertinente acrescentar a seguinte questão: “Quais são os pensamentos que lhe vêm à mente durante o caminho?”

Anexo V

Peregrino 5 (sexo feminino)

(09-06-2019)

Paulo – Muito bom dia, estamos aqui junto à Basílica do santuário do S. Bento da Porta Aberta. Antes de iniciarmos a entrevista quero agradecer a sua disponibilidade pela colaboração neste estudo feito no âmbito de uma Tese de Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa que se debruça sobre o tema: “A peregrinação”. Neste sentido, antes de começar a entrevista, gostaria de lhe dizer que toda a informação é exclusivamente para o uso académico, pelo que asseguro a confidencialidade destes dados e declaro que serão apenas utilizados para esses fins. Para analisar a informação precisarei também de gravar a entrevista pelo que pedia a sua autorização para o fazer. Dá-me autorização para gravar a entrevista?

Peregrino 5 – Sim, dou!

Paulo – Então, de onde é que a senhora é?

Peregrino 5 – Felgueiras.

Paulo – Felgueiras, e quantos anos tem?

Peregrino 5 – Vinte e seis.

Paulo – Qual é a sua profissão?

Peregrino 5 – Administrativa.

Paulo – Costuma fazer caminhadas?

Peregrino 5 – (riso) Não.

Paulo – Então porque é que escolheu vir aqui ao S. Bento a pé?

Peregrino 5 – Uma colega minha fez uma promessa, e ela estava muito mal na altura e eu decidi vir a acompanhá-la e desde 2015 que venho sempre a acompanhá-la.

Paulo – Então não é a primeira vez que vem ao S. Bento a pé?

Peregrino 5 – Não, não, desde 2015 até agora.

Paulo – Vem todos os anos.

Peregrino 5 – Sim, na mesma altura, no mesmo fim de semana.

Paulo – E então veio só com essa colega ou tinha mais gente no grupo?

Peregrino 5 – Nós éramos um grupo de vinte e duas ou vinte e três pessoas, mais ou menos. Vêm sempre todos os anos as mesmas pessoas quase.

Paulo – E há quanto tempo chegou?

Peregrino 5 – Ufff. Nós estamos aqui desde as 4:30h e isto só abre às 6:30h, por isso é bastante complicado.

Paulo – E durante esse tempo desde as 4:30h até agora, até às 6:15h o que é que fez durante esse tempo?

Peregrino 5 – Temos que esperar em algum local que não esteja minimamente frio e é o que custa mais mesmo.

Paulo – Sabendo que há várias pessoas que vêm aqui de carro, escolheu vir aqui a pé então para acompanhar essa sua colega ou houve mais algum motivo, por exemplo, que a trouxesse aqui?

Peregrino 5 – A partir do momento que a vim a acompanhar, a devoção dela não é, ajudou bastante, só pelo simples facto de ela mesmo tendo problemas vir cá todos os anos é porque de certa forma a fé dela ajuda alguma coisa. Eu venho pelo caminho e venho a pedir ao S. Bento que nos ajude.

Paulo – E de onde partiu, mais ou menos a que distância é que fica consegue-me dizer?

Peregrino 5 – Ui, acho que são setenta ou setenta e dois quilómetros. É assim qualquer coisa. Fazemos três paragens. Uma de uma hora e meia, que é para jantar em S. Torcato e depois fazemos paragens de dez minutinhos só para comer qualquer coisa. Duas paragens.

Paulo – E quanto tempo então é que demorou mais ou menos esta caminhada?

Peregrino 5 – Hum, hum, perto de onze horas, doze. Nos outros anos foram doze, este ano é que parece que foi mais rápido.

Paulo – E como é que considera que é a sua relação com a religião?

Peregrino 5 – (breve silêncio) É assim eu tenho fé, não é que alguma coisa exista, por isso é que venho. Mas... é, a relação é isso. Nunca pensei muito bem, não é, por isso não faço a mínima...

Paulo – E com a sua comunidade paroquial de origem, qual é que é relação também com a sua comunidade?

Peregrino 5 – Há! Em relação à comunidade sou participativa. Não tanto na parte das missas, mas, por exemplo, das catequeses e assim, ajudar a organizar eventos de solidariedade, de cariz de igreja, sim, sim. Agora em relação a missas nem por isso. Não tenho muito tempo.

Paulo – Então é catequista? Falou nas catequeses...

Peregrino 5 – Não, mas na minha freguesia organizam muitas vezes alguns eventos de cariz social e então eu vou ajudando nessa parte, nessa vertente. Também tem a ver com a Igreja, não é. Porque são eles que organizam, eu só dou uma ajudinha.

Paulo – Muito obrigado! Qual é que acha que vai ser o impacto desta experiência na sua vida. Acha que vai trazer algum impacto esta caminhada de hoje?

Peregrino 5 – Olha acaba por trazer porque tu nem sabes onde é que vais buscar as forças para chegar cá e acabas por perceber que és mais forte do que aquilo que tu pensas mesmo, porque é muito sacrificio chegar cá e que ninguém diga que não porque é. É mesmo muito!

Paulo – E qual foi a sua motivação então que a moveu assim, mais pessoalmente a si?

Peregrino 5 – Ohhh! Foi a amizade, sem dúvida nenhuma, a minha colega precisava mesmo de mim e eu... e eu arisquei e gostei, gostei muito, o convívio, a presença das pessoas, a fé. Gostei muito! Eles vêm a rezar o terço, cantam músicas, é, é muito engraçado eu gosto muito de vir e para o ano tenciono vir outra vez apesar de ainda estar toda dorida... (risos).

Paulo – Já alguém lhe contou alguma cura associada ao S. Bento da Porta Aberta, ou ao S. Bento?

Peregrino 5 – Ohhh! Vimos a ouvir isso o caminho todo de pessoas que têm doenças e prometem por exemplo... “Ai tenho um problema no estômago”. Prometem trazer um estômago e depois ficam curadas. Algo assim... Isso as pessoas, principalmente os mais antigos têm mesmo muita, muita fé nisso, muita.

Paulo – E você já viveu alguma cura?

Peregrino 5 – (Risos) Não, não, não. A minha colega é que tem mesmo problemas nos joelhos e ela diz ao S. Bentinho que se durante aquele ano não tiver nenhum problema que vem cá até não puder mais e até hoje já vem desde 2015 comigo, já vinha anteriormente dois anos e correu sempre tudo bem com ela.

Paulo – E tem algum santuário mais perto de si em honra ao S. Bento?

Peregrino 5 – Tenho o santuário da Penha em Guimarães.

Paulo – E dedicado ao S. Bento conhece algum mais perto?

Peregrino 5 – Não, não, não! Há um S. Bento, mas é um S. Bento das Peras. É completamente diferente deste que é em Vizela, por isso S. Bento, S. Bento não.

Paulo – Então porque é escolheu antes o S. Bento da Porta Aberta e não escolheu o S. Bento das Peras? Há alguma razão especial?

Peregrino 5 – Eu acho que é a minha colega que tem uma devoção por este S. Bento e acabamos por começar a vir sempre aqui. Acho que é esse o motivo mesmo.

Paulo – Teve alguma dificuldade durante a peregrinação (risos) para além das pernas como já disse que doía?

Peregrino 5 – É alguns caminhos que são complicados de fazer, principalmente se forem cortes, a estrada é muito complicada, sem dúvida nenhuma, e as dores musculares e tudo, isso é um castigo...

Paulo – E como é que conseguiu superar essas dificuldades, essas dores musculares?

Peregrino 5 – “É mais uma hora, mais uma hora, mais meia!”, (riso) pronto e uma pessoa vai metendo aquilo na cabeça e vai tentando sempre, por isso...

Paulo – Qual foi o primeiro lugar onde se deslocou quando aqui chegou?

Peregrino 5 – O primeiro lugar... (pausa breve) (riso) Foi mesmo à casa de banho, eu acho que toda a gente vai lá. Mas de resto nós não tínhamos muita escolha porque aqui devia ter, por exemplo, um coberto ou assim para quando os peregrinos chegam cedo e não tem e então isso é uma dificuldade enorme. Nós ficamos ali na zona das velas porque é o local mais quentinho, ou minimamente quente.

Paulo – O que é que conhece da história de S. Bento?

Peregrino 5 – Ahhhh, ui agora já não me recordo. Já me contaram a história dele, mas já não me recordo mesmo. (silêncio breve) Não faço a mínima ideia.

Paulo – Considera que este espaço é um espaço acolhedor para os peregrinos que aqui vêm?

Peregrino 5 – Se vierem durante o dia, na caminhada diurna, é, mas se vierem durante a noite não, porque imagina, chegam às 4:30h, 5:00h e não há um local onde eles possam estar confortáveis, ou minimamente quentes. Há estes bancos, mas isto de madrugada é um gelo. Acho que deveriam, não sei, ter algum espaço em vidro ou em plástico com uma portinha, nem que fosse só para resguardar do vento, e toda a gente diz isso, todos os anos. (riso)

Paulo – Após a sua permanência aqui no santuário tenciona ir diretamente para casa ou pondera passar por algum outro sítio?

Peregrino 5 – Não. É mesmo para casa. É banho e cama (riso), sem dúvida nenhuma.

Paulo – E só uma última pergunta para terminar: durante a caminhada quais foram os pensamentos que lhe foram ocorrendo ao longo deste tempo de caminhada?

Peregrino 5 – Eu acho que os pensamentos é sempre o mesmo: É “ó S. Bentinho com este esforço todo, mau era se não me compensa este ano!” (riso) ou desde as dores musculares: “Ei eu não sei se aguento, eu não sei se consigo!” e vimos o caminho todo

“ai eu espero bem... ó S. Bentinho ajude-me a chegar aí!”, pronto é mais ou menos a mesma coisa... É que os nossos pensamentos são todos altos. Chega a uma certa altura que nós já nem conseguimos pensar para nós, são pensamentos altos.

Paulo – Pronto, muito obrigado então e um bom regresso a casa está bem!

Peregrino 5 – (Riso) de nada, de nada!

Anexo VI

Peregrino 6 (sexo masculino)

(09-06-2019)

Paulo – Então muito bom dia, são 6:45h da manhã. Antes de iniciarmos esta entrevista quero agradecer a sua disponibilidade para a colaboração neste estudo feito no âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa que se debruça sobre o tema: “A peregrinação”. Neste sentido, antes de começar a entrevista gostaria de lhe dizer que toda a informação é exclusivamente para o uso académico pelo que asseguro a confidencialidade destes dados e declaro que serão apenas utilizados para esses fins. Para analisar a informação precisarei também de gravar a entrevista pelo que pedia a sua autorização para o fazer. Dá-me autorização para gravar a entrevista?

Peregrino 6 – Claro que sim.

Paulo – Que idade é que o Sr. tem?

Peregrino 6 – Tenho trinta e seis.

Paulo – Qual é a sua profissão?

Peregrino 6 – Sou serralheiro.

Paulo – E de onde é que o Sr. é?

Peregrino 6 – Eu venho de Ponte da Barca.

Paulo – Costuma fazer caminhadas normalmente?

Peregrino 6 – Não, (risos) por acaso não.

Paulo – Então porque é que escolheu vir aqui?

Peregrino 6 – Mas eu ao S. Bento venho aqui há uns aninhos, todos os anos venho nesta altura aqui ao S. Bento a pé.

Paulo – E então consegue dizer mais ou menos a partir de que ano é que vem aqui a pé? Como não é a primeira vez, tem assim uma ideia...

Peregrino 6 – Talvez a primeira vez vim em 2003. Não é bem ao certo, mas é por aí, 2002/2003 a primeira vez que vim ao S. Bento a pé.

Paulo – E desde 2003 então tenta vir todos os anos...

Peregrino 6 – Tento acho que só consegui falhar se não estou em erro, desde essa data, umas três vezes, senão venho todos os anos.

Paulo – E veio sozinho ou em grupo?

Peregrino 6 – Não, vimos sempre... neste momento viemos um grupo de onze, mas sempre vimos sempre, aproximadamente uns dez, onze, doze. Nunca vimos mais do que isso.

Paulo – E há quanto tempo chegou mais ou menos?

Peregrino 6 – Levo um quarto de hora aqui.

Paulo – Já chegou à um quarto de hora?

Peregrino 6 – Cheguei.

Paulo – Então mais ou menos pelas 6:20h...

Peregrino 6 – 6:20h mais ou menos.

Paulo – E quanto tempo é que espera passar aqui no santuário?

Peregrino 6 – É assim, nós agora vamos à missa das 7:30h, fizemos a promessa, vamos à missa e depois regressaremos por volta das 8:30h iremos embora para descansar. (risos) É só mesmo isso.

Paulo – E desde esse tempo que chegou até agora o que fez, o que é que foi fazendo desde que chegou até agora?

Peregrino 6 – Cheguei cá com a minha intenção de fazer a minha promessa, pedir ao Senhor S. Bentinho aquilo que trazia em mente e dar a minha esmolinha. Isso é o meu objetivo sempre que cá venho.

Paulo – Sabendo então que há várias pessoas que vêm, por exemplo aqui em peregrinação, por exemplo, de carro, escolheu vir a pé por algum motivo especial?

Peregrino 6 – Sim, vim um ano de promessa e depois sempre conheci o caminho praticamente sou eu que trago sempre o pessoal pelo caminho, vem sempre malta nova, pessoas com promessa. Eu este ano não tinha promessa, mas venho praticamente para trazer os amigos que têm promessa.

Paulo – De onde partiu, mais ou menos a que distância fica do S. Bento?

Peregrino 6 – (silêncio breve) Aproximadamente, talvez a pé uns quarenta quilómetros.

Paulo – E quanto tempo é que demorou mais ou menos a fazer essa distância?

Peregrino 6 – Hmmm... nove horas e um quarto. Mas também paramos para comer e tudo, depois houve pessoal que chegou muito mal aqui, claro que não tem a preparação e os músculos; alguns não aguentam que é muita descida, muita subida, mas é mais ou menos esse tempo que nos demora sempre.

Paulo – Como é que o sr. considera que é a sua relação com a religião?

Peregrino 6 – É assim eu (silêncio breve) acredito muito no senhor S. Bento, na Senhora de Fátima, mas não sou...sou católico, mas não sou muito praticante. Sou católico à minha maneira, há certas coisas que acredito muito da religião católica, há outras que não me chama tanto o interesse.

Paulo – E com a sua comunidade de onde o Sr. é, qual é a relação também que tem com a sua comunidade paroquial?

Peregrino 6 – É muito boa, muito boa.

Paulo – Costuma ir à eucaristia frequentá-la na sua comunidade?

Peregrino 6 – Costumo, não sou muito frequente, não costumo ir todos os domingos, mas costumo, e tenho os meus filhos lá e quero que eles sigam exatamente aquilo que me ensinaram a mim, mas costumo frequentar, mas não é... (riso) não vou sempre.

Paulo – Pode dizer-nos qual foi o motivo que o levou a fazer esta caminhada, assim mais pessoalmente, qual foi o motivo que o levou a fazer esta caminhada?

Peregrino 6 – Foi... talvez a primeira vez que vim cá foi porque prometi ao senhor S. Bentinho que tinha uma mão cheia de cravos e prometi-lhe se mos tirava que vinha cá, e é que isso desapareceu os cravos todos e a partir daí comecei a vir cá. Foi quando realmente achei que alguma coisa aqui que estava correta.

Paulo – Qual é que acha que vai ser o impacto desta caminhada de hoje na sua vida, desta experiência de hoje na sua vida?

Peregrino 6 – É assim, primeiro uma pessoa chega aqui vem muito cansado, mas chega aqui e passa tudo, passa um bocadinho de tudo. Uma pessoa chega aqui já com uma alegria em ver o santuário e é sempre muito boa, muito boa mesmo.

Paulo – Falamos há pouco da sua experiência que teve de uma cura quando veio aqui ao S. Bento, para além dessa já teve mais alguma cura?

Peregrino 6 – Não, mas foi essa talvez a razão que me faz vir cá, e claro que quando venho cá peço sempre alguma coisita, pelo menos saúde (riso).

Paulo – E já alguém lhe contou ou partilhou consigo alguma experiência também semelhante, por causa de ter vindo aqui ao S. Bento?

Peregrino 6 – Já, ouve-se muitas histórias, ouve-se muitas histórias, só que é assim cada um sabe a sua história, leva as coisas de maneira diferente, acredita mais ou menos, às vezes isso é relativo, mas já ouvi muita, muita história do senhor S. Bento, muita mesmo.

Paulo – Tem algum santuário mais perto da sua casa em honra ao S. Bento que conheça?

Peregrino 6 – Tenho um mais ou menos a pé a duas horas.

Paulo – Então houve algum motivo especial para ter escolhido este e não o outro santuário?

Peregrino 6 – Há, porque acho que o S. Bento, S. Bento é aqui, (riso) é a minha maneira de ver que aqui é que está realmente o senhor S. Bento.

Paulo – E já agora qual era o outro santuário que referia que estava perto da sua terra a mais ou menos duas horas?

Peregrino 6 – Sim, era o S. Bentinho de Ermelo.

Paulo – Conhece algum aspeto sobre a história de S. Bento, há assim algum aspeto que conheça sobre a história de S. Bento?

Peregrino 6 – (breve silêncio) Não, muito pouco, ouço falar algumas coisas, mas muito pouco, muito pouco, nunca fui... (breve silêncio) tive muito interessado nisso. O senhor S. Bento foi uma coisa que apareceu. Comecei a gostar porque achei que realmente devia de gostar do senhor S. Bento.

Paulo – Considera que este espaço aqui é um espaço acolhedor para os peregrinos?

Peregrino 6 – Considero que sim, considero que sim.

Paulo – Há assim alguma coisa por exemplo que acha que possa melhorar para que se possa tornar ainda mais acolhedor?

Peregrino 6 – Não sei, paahh, só se for mesmo algo que devia estar sempre aberto aos peregrinos porque os peregrinos não têm dia de vir cá. Está bem que há o dia da festa, já vim muitas vezes nessa altura e há mais... realmente chega-se aqui e há sempre alguém que possa cuidar os peregrinos, se não for mais nada uma bolha, mas fora disso, sem ser o dia da festa acho que não tem e se calhar podia realmente haver aqui alguma coisa mais aberta mais cedo, porque o pessoal que vem aqui acho que vem quase todo de noite, por culpa do calor, de tudo, acho que vem muito pessoal de noite.

Paulo – Como é que se sente quando cá vem?

Peregrino 6 – É assim (silêncio breve) gosto muito de senhor S. Bento, ao vir ao senhor S. Bento parece que já passa tudo e vou com aquela sensação de alívio, de ter chegado cá mais um ano (riso).

Paulo – Após a sua permanência aqui no santuário tenciona ir diretamente para casa, ou tenciona passar por algum outro local?

Peregrino 6 – Não, agora tenciono mesmo ir para casa descansar tenho uma dor de pernas principalmente (risos) é só por isso, mas venho cá muitas vezes no ano, de carro, de carro venho.

Paulo – E durante a caminhada, só para terminar, mais esta última pergunta, o que é que vai pensando, que pensamentos é que vão vindo assim à cabeça durante estas horas de caminhada até chegar ao santuário?

Peregrino 6 – É assim, nós vimos sempre em grupo, sempre unido, sempre muito perto uns dos outros, nós temos uma parte que cada um vem a rezar à sua maneira, para ele, e depois temos outra parte que rezamos o terço que é sempre nas nossas vezes que sempre viemos cá pelo caminho rezamos o terço em grupo e depois temos ali talvez uma meia horita que o pessoal vai muito calado porque vão a pedir as suas coisas, vão concentrados no senhor S. Bento, e depois torna-se um convívio também. Vimos todos, uns mais fragilizados do que outros, mas uns a ajudar os outros, sempre a animar até chegar aqui. É o que temos.

Paulo – Muito obrigado então e continuação de uma boa permanência aqui no santuário, está bem!

Peregrino 6 – Obrigado, obrigado eu!

Anexo VII

Peregrino 7 (sexo feminino)

(09-06-2019)

Paulo – Muito bom dia, estamos aqui em frente à Basílica do Santuário do S. Bento as Porta Aberta, são 7:00h horas da manhã e antes de iniciarmos a entrevista eu quero agradecer a sua disponibilidade para a colaboração neste estudo feito no âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa que se debruça sobre o tema: “A peregrinação”. Neste sentido, antes de começar a entrevista gostaria de lhe dizer que toda a informação é exclusivamente para o uso académico pelo que asseguro a confidencialidade destes dados e declaro que serão apenas utilizados para esses fins. Para analisar a informação precisarei também de gravar a entrevista pelo que pedia a sua autorização para o fazer. Dá-me autorização para gravar a entrevista?

Peregrino 7 – Sim, claro.

Paulo – Então, quantos anos é que tem?

Peregrino 7 – Trinta e oito.

Paulo – E de onde é que vem, ou aliás de onde é que é?

Peregrino 7 – Eu sou de Pedome, concelho de Vila Nova de Famalicão.

Paulo – Qual é a sua profissão?

Peregrino 7 – Costureira.

Paulo – Ao longo da sua vida tem o hábito de fazer caminhadas?

Peregrino 7 – Sim, sim.

Paulo – E nessas caminhadas onde costuma ir?

Peregrino 7 – Parques, arredores da nossa terra... (Silêncio breve) e o S. Bento não é que é todos os anos.

Paulo – E porque é que escolheu vir aqui ao S. Bento?

Peregrino 7 – É assim, ao longo da vida acontecem coisas que nos marcam e a gente às vezes debruça-se sobre a nossa fé não é, e como Fátima não me diz muito, diz-me muito mais o S. Bentinho, então a gente virou-se para cá.

Paulo – E é a primeira vez que vem ao S. Bento?

Peregrino 7 – Não, não, já há muitos anos.

Paulo – Veio sozinha ou em grupo?

Peregrino 7 – Não. Vimos sempre em grupo. Hoje viemos nós os cinco, mas às vezes vimos em grupos maiores, mas é sempre em grupo.

Paulo – Portanto eram um grupo de cinco pessoas, não é.

Peregrino 7 – Sim, sim.

Paulo – E há quanto tempo chegou?

Peregrino 7 – Estamos a chegar para aí há dez minutos.

Paulo – E quanto tempo espera passar aqui no santuário?

Peregrino 7 – Se a igreja estiver aberta normalmente nunca esperamos muito, se chegarmos mais cedo é que temos que esperar. Às vezes uma hora, meia, depende.

Paulo – E durante este tempo que espera, o que é que tenciona fazer?

Peregrino 7 – Olhe, já fui lá dentro, fazer a minha... acabar a minha promessa. Uma delas era chegar aqui, fui lá dentro deitar a minha esmola e cumprir mais uma vez a minha promessa e saio daqui com o dever cumprido, sinto-me realizada que consegui mais uma vez cumprir a promessa que prometi.

Paulo – E sabendo que há várias pessoas em peregrinação, e vêm de carro, autocarro, de outro meio de transporte, escolheu vir a pé por algum motivo especial, porque é que escolheu vir a pé?

Peregrino 7 – Lá está, escolhi fazer uma promessa e essa promessa foi mesmo vir a pé, foi para agradecer se calhar o outro agradecimento que tive.

Paulo – E de onde partiu, mais ou menos a que distância é que fica daqui?

Peregrino 7 – sessenta e cinco quilómetros.

Paulo – E (riso) quanto tempo é que demorou a percorrer estes sessenta e cinco quilómetros?

Peregrino 7 – Dez horas.

Paulo – Dez horas?

Peregrino 7 – Sim (riso).

Paulo – Como é que considera que é a sua relação com a religião?

Peregrino 7 – É assim, tenho a minha fé. Vou à missa de vez em quando, não vou sempre, tenho duas filhas também as pus na catequese, digo-lhe o que é que devem fazer; não obrigo e tenho a minha fé. Não quer dizer que ao ir sempre à missa... mas acredito, acredito em certas coisas. Tenho a minha fé.

Paulo – E com a sua comunidade paroquial, qual é a sua relação que tem com a sua comunidade paroquial de Pedome?

Peregrino 7 – É como eu digo, levo as minhas filhas, levei, tenho a mais velha à catequese, tenho agora a mais nova. Primeira comunhão, comunhão solene, levamos uma vida católica normal. Não vamos é sempre à missa todos os domingos ou todos os sábados, levo a menina às festas da igreja, temos um... porque a gente também precisa da igreja, não é só quando precisamos que nos devemos dirigir a ela. Pronto, neste caso tenho a minha mais nova agora, acompanho-a à missa quando devo ir à missa, quando tenho de ir e gostamos. Participamos em tudo o que a paróquia nos pede, se a gente puder, uma menina frequenta a catequese, é isso no fundo.

Paulo – Pode dizer-nos qual foi o motivo que a levou a fazer esta caminhada aqui ao santuário hoje?

Peregrino 7 – O motivo por que eu fiz esta promessa? Uma doença da minha mãe, (breve silêncio) uma doença oncológica que na altura foi assim uma coisa muito rápida, a gente... ninguém estava à espera e a gente às vezes nos momentos de aflição promete e foi o que me fez prometer.

Paulo – Então veio aqui para cumprir a...

Peregrino 7 – Venho todos os anos sempre, até não poder mesmo. Quando não puder, não venho, enquanto eu puder terei que cá vir todos os anos. Já venho há muitos, muitos anos... A minha mãe está bem de saúde, graças a Deus e virei, sempre que possa, só quando mesmo não puder, aí terei que vir cá falar com o S. Bentinho e explicar-lhe e pronto e ele entenderá, não é.

Paulo – Exato. Qual é que acha que vai ser o impacto desta caminhada de hoje na sua vida?

Peregrino 7 – É assim, realizada já estou, dever cumprido já está, missão cumprida, saio daqui leve, mas ao longo da semana vai ser complicado. Dores (riso) musculares, mas nada que a gente já não esteja habituada, é.

Paulo – Já alguém lhe contou alguma cura associada a alguma vinda aqui ao S. Bento da Porta Aberta?

Peregrino 7 – Antigamente nós ganhávamos muitos cravos nos dedos, que são estas coisinhas, e então a gente pedia e dizia: “Ai quando eu for ao S. Bentinho ele vai-me tirar os cravos” e tirava, a mim também já me tirou. Este já voltou a nascer, mas também já me tirou, o meu marido igual. São pequenas coisas, mas que fazem sentido.

Paulo – Então já ouviu algumas curas...

Peregrino 7 – Sim, sim, sim.

Paulo – E também já viveu, pelo que percebi, não é?

Peregrino 7 – Sim, sim, sim.

Paulo – Tem algum santuário mais perto de si em honra ao S. Bento que conheça?

Peregrino 7 – Não, temos uma capelinha em Joane que também tem o S. Bento. Há muita gente que vai lá fazer... que não se pode deslocar aqui, pessoas de idade e vão lá. Temos o S. Bento lá, temos Santa Tecla também, temos o Senhor dos Santos Passos, mas mesmo o mais próximo será este e depois Fátima, é.

Paulo – Teve alguma dificuldade durante esta caminhada, durante a peregrinação?

Peregrino 7 – Há, sim, temos sempre. Nos músculos, não é fácil, mas, uns melhor, outros pior, mas vamos chegando aqui.

Paulo – E como é que conseguiu superar essas dificuldades que foram aparecendo?

Peregrino 7 – Olhe, com muita força de vontade e dizer agora não desisto, agora é para chegar lá (risos) não é, com tanto sacrifício feito, quase a chegar, agora... é, é força de vontade, é o motivo que nos traz cá, cumprir e pronto.

Paulo – Qual foi o primeiro lugar onde se deslocou quando chegou aqui ao S. Bento?

Peregrino 7 – Lá dentro à igreja, é, entregar uma esmola e dizer que a minha promessa, mais uma vez está feita, mais uma, mais um ano.

Paulo – O que é que conhece sobre a história de S. Bento, conhece algum aspeto da história de S. Bento?

Peregrino 7 – Não, apenas os milagres, vejo lá dentro as pessoas, as cartas, os pedidos que fazem, os milagres que acontecem, apenas isso, apenas isso.

Paulo – Acha que este espaço é um espaço acolhedor para os peregrinos que vêm aqui ao S. Bento?

Peregrino 7 – Sim, sim, sim, e cada vez mais, está sempre em obras, agora acho que ainda está... não conhecia esta parte, mas acho que sim, acho que está melhor, está, está... é o que nós precisamos, não é.

Paulo – E o que é que acha que este espaço ainda pode ter para que se torne mais acolhedor ainda para os peregrinos que aqui vêm?

Peregrino 7 – Não sei, (silêncio breve) acessos já tem muitos, para cadeira de rodas, para quem pode, para quem não pode, não sei... não sei, eu acho que isto está a melhorar, isto está a melhorar, mas (silêncio breve) como a gente vem cá em promessa e pouco tempo passa aqui, o pouco que temos... que usamos é-nos sempre bom e de bom grado, por isso, vamos aguardar que eles estão sempre a mudar (riso).

Paulo – Como se sente quando cá vem ao S. Bento?

Peregrino 7 – Sinto-me bem, cansada, mas lá está mais um dever cumprido. É isso, a gente vem cá com aquela ideia e é o que tentamos fazer.

Paulo – Após a sua permanência aqui no santuário, tenciona ir diretamente para casa ou tenciona parar em algum sítio?

Peregrino 7 – Não, não, é esperar a boleia e um duche e cama (riso). Passamos a noite toda a caminhar e estamos cansados.

Paulo – Para terminar, durante a caminhada, quais são os pensamentos que lhe vêm à cabeça, o que é que vai pensando durante estas horas que vai caminhando?

Peregrino 7 – Em não desistir que as dores às vezes são muitas, vimos colegas mais apertados, mais cansados, algumas pessoas não têm promessa e então pensam em desistir, mas a gente tenta sempre dizer não, vamos tentar, vamos aguentar mais um bocadinho, sofrendo muito não é. Uns de uma dor aqui, outros de uma dor ali, mas é mesmo chegar, mesmo muita força de vontade para chegar cá.

Paulo – Pronto, muito obrigado e continuação de uma boa permanência aqui, está bem!

Peregrino 7 – Obrigada!

Anexo VIII

Peregrino 8 (sexo feminino)

(09-06-2019)

Paulo – Muito bom dia, nós estamos aqui junto à Basílica do Santuário do S. Bento da Porta Aberta, são neste momento 7:10h e antes de iniciarmos esta entrevista eu queria começar por agradecer a sua disponibilidade para a colaboração neste estudo feito no âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa que se debruça sobre o tema: “A peregrinação”. Neste sentido, antes de começar a entrevista gostaria de lhe dizer que toda a informação é exclusivamente para o uso académico pelo que asseguro a confidencialidade destes dados e declaro que serão apenas utilizados para esses fins. Para analisar a informação precisarei também de gravar a entrevista pelo que pedia a sua autorização para o fazer. Dá-me autorização para gravar a entrevista?

Peregrino 8 – Sim, sim.

Paulo – Então, precisava apenas de lhe perguntar alguns dados pessoais. Em primeiro lugar qual é a sua idade?

Peregrino 8 – cinquenta e sete.

Paulo – Qual é a sua profissão?

Peregrino 8 – Sou esteticista.

Paulo – E de onde é que é?

Peregrino 8 – De Braga.

Paulo – Durante o dia a dia tem o hábito de fazer caminhadas, costuma fazer caminhadas?

Peregrino 8 – Sim, sim, sim. Tenho, sim.

Paulo – E nessas caminhadas onde costuma ir?

Peregrino 8 – Sempre (breve silêncio) à volta, na periferia da cidade de Braga. Moro em Braga, tenho um cão e então pego e é a forma de eu sair de casa e de caminhar.

Paulo – E porque é que escolheu vir aqui ao S. Bento a pé?

Peregrino 8 – Ummm por uma razão, não das melhores razões. Tenho um sobrinho que teve um problema grave de saúde e prontos e juntamo-nos todos e fizemos questão de vir cá ao S. Bentinho pedir uma ajuda.

Paulo – É a primeira vez que vem ao S. Bento a pé?

Peregrino 8 – Sim, sim, e será a última (risos) É com certeza a última.

Paulo – E veio sozinha ou em grupo?

Peregrino 8 – Não viemos em grupo.

Paulo – E quantos elementos é que tinha mais ou menos esse grupo?

Peregrino 8 – (silêncio breve) Ummm para aí uns trinta, é muito próximo de trinta pessoas ou mais, por aí.

Paulo – Então ainda era um grupo bastante grande.

Peregrino 8 – Sim, sim bastante grande.

Paulo – Há quanto tempo chegou?

Peregrino 8 – Ummm Vinte minutos.

Paulo – E quanto tempo é que espera passar aqui no santuário?

Peregrino 8 – Não muito, pois não? (perguntando a alguém do grupo que estava próximo. Este respondeu: “Uma horita. Vamos comer aí qualquer coisa todos juntos”)

Paulo – E durante esse tempo que vai estar aqui o que é que tenciona fazer, durante este tempo que vai estar aqui?

Peregrino 8 – Olhe, eu já fui à igreja, eu já pedi o que tinha a pedir, já fiz o meu pedido. Agora vamos comer para aí qualquer coisa e vamos regressar a Braga.

Paulo – Sabendo que há várias pessoas também que escolhem vir em peregrinação por exemplo de carro, às vezes em excursão e tudo, e vêm em peregrinação de outros meios, porque é que veio aqui a pé? O que é que a levou a vir aqui a pé?

Peregrino 8 – Sei... também um desafio. Desafiar-me a mim mesma se era capaz, e toda a semana andei indecisa se vou, não vou, até ao último dia, mas depois decidi que sim. Acho que sim, que era capaz e fui capaz, custou-me muito, sim consegui.

Paulo – De onde partiu a que distância fica mais ou menos do S. Bento?

Peregrino 8 – Ahhhh quarenta quilómetros, não sei, cinquenta quase. É de Braga aqui não sei precisar os quilómetros.

Paulo – É mais ou menos cerca de quarenta...

Peregrino 8 – Quarenta, sim julgo que sim.

E mais ou menos quanto tempo é que demorou a fazer esta caminhada destes quarenta quilómetros?

Peregrino 8 – Estes quarenta quilómetros foram sete horas.

Paulo – Como é que considera que é a sua relação com a religião?

Peregrino 8 – É assim, não pratico muito, não sou...(breve silêncio) mas gosto de seguir as coisas da igreja, gosto de poder ajudar o próximo, mais por aí até do que propriamente a ida à igreja. Quando sei que há casos de pessoas com necessidades eu procuro e procuro ajudar e ajudo mesmo.

Paulo – E com a sua comunidade de onde é? Qual é a sua relação com a comunidade de onde é?

Peregrino 8 – Ummm (breve silêncio) Como é na cidade, perdi um bocado, prontos, as paróquias juntaram-se. Há ali... (breve silêncio) que eu não entendo muito bem como é que está. Comigo, como não frequento, vou à Sé. O único sítio onde eu vou é à Sé, não muito à missa em si. Passo lá e fico lá o tempo que for necessário.

Paulo – Pode dizer-nos qual foi o motivo desta peregrinação hoje?

Peregrino 8 – Sim, foi um sobrinho que teve um problema grave de saúde. Isto quase há um ano, e como acredito em Deus e acho que foi um milagre mesmo, ele esteve tão mal, tão mal que só um milagre. E como acredito em tal, viemos, juntámo-nos: amigos, familiares e viemos agradecer e fazer alguns pedidos mais ao S. Bentinho.

Paulo – Qual é que acha que vai ser o impacto desta experiência de hoje na sua vida?

Peregrino 8 – É assim, não vou esquecer nunca. Não vou... não vou pelo sacrifício que foi tão grande, tão grande... (breve pausa). Não vou nunca esquecer. Por aí...(risos)

Paulo – Já alguém lhe contou alguma cura associada a uma peregrinação feita aqui ao S. Bento?

Peregrino 8 – Não, não nunca.

Paulo – E já viveu alguma você?

Peregrino 8 – Também não, também não.

Paulo - Tem algum santuário mais perto assim em honra ao S. Bento que conheça?

Peregrino 8 – Sim, sim, o Bom Jesus e o Sameiro que fica muito próximo de Braga.

Paulo – E em honra ao S. Bento conhece algum mais perto?

Peregrino 8 – Em honra ao S. Bento nós temos em Braga lá um S. Bentinho onde há todas as quintas feiras, as pessoas reúnem-se lá e rezam o terço, todas as quintas feiras e eu vou lá várias vezes também, é porque é mesmo no centro da cidade.

Paulo – E porque é que escolheu então vir a este e não ir por exemplo ao S. Bento do centro da cidade que é mais perto?

Peregrino 8 – Ummm já fomos também, já fomos sim, várias vezes. O S. Bentinho de Braga e desta vez decidimos vir aqui.

Paulo – Teve alguma dificuldade durante a peregrinação?

Peregrino 8 – Há sim, muita, muita, muita. Mesmo muita. Foi muito difícil.

Paulo – E quais foram as dificuldades que foi sentindo mais?

Peregrino 8 – A mobilidade e o piso que é terrível, e só monte e só pedra, e desce pedra. É, não é fácil o percurso até aqui... não sei se há outro, talvez pela estrada, não sei, nós viemos pelo monte, estrada, monte, não foi fácil.

Paulo – E como é que foi conseguindo superar essas dificuldades?

Peregrino 8 – Sempre a pensar que eu ia conseguir. Tenho que conseguir, tenho que conseguir e ganhava força e tinha que conseguir.

Paulo – Sempre a pensar na meta, não é.

Peregrino 8 – Exatamente. Sempre a pensar na meta.

Paulo – Qual foi o primeiro lugar onde se deslocou quando chegou aqui ao santuário?

Peregrino 8 – Foi à igreja, à igreja sim.

Paulo – Conhece algum aspeto sobre a história de S. Bento, há algum aspeto que conheça da história de S. Bento que tenha ouvido falar?

Peregrino 8 – Não, não sei. Sei que a minha mãe é muito devota do S. Bentinho, tem lá o S. Bentinho dela e reza todos os dias ao S. Bentinho, daí desde miúda a ver e ouvir a minha mãe sempre com a crença no S. Bentinho, também sou muito crente, mas não tenho... não conheço nenhuma história que ligue o S. Bentinho, dizem que é muito milagroso não é, que faz muitos milagres, mas não conheço.

Paulo – Considera que este espaço é um espaço acolhedor para os peregrinos que aqui vêm?

Peregrino 8 – Sim, é agradável, sim, é.

Paulo – E há assim alguma coisa que acha que poderia por exemplo ter de melhor, para melhorar o acolhimento aos peregrinos?

Peregrino 8 – Não sei, eu estou a acabar de chegar, sinceramente ainda não consegui... só fui à igreja e não... ainda não me apercebi de algumas carências que haja para os peregrinos, ainda não.

Paulo – Após a sua permanência aqui no santuário tenciona ir diretamente para casa ou ainda vai passar por algum sítio?

Peregrino 8 – Não, vou diretamente para casa.

Paulo – E agora para terminar, durante a caminhada, este tempo todo desde que saiu até chegar aqui ao santuário, quais foram aqueles... o que é que lhe foi vindo assim à memória, que pensamentos lhe foram ocorrendo?

Peregrino 8 – Foi pensar principalmente no meu sobrinho, nas pessoas com mais carências, nas pessoas com doenças, prontos e vinha pelo caminho a pedir por essa... sei lá, pelo mundo.

Paulo – Pronto, muito obrigado e continuação de uma boa permanência, está bem.

Peregrino 8 – Muito obrigada, bom dia.

Anexo IX

Peregrino 9 (sexo feminino)

(28-07-2019)

- Eram 6:15h...

Paulo – Muito bom dia, estamos aqui junto à Basílica do S. Bento da Porta Aberta, e antes de iniciarmos esta entrevista eu queria agradecer pela sua disponibilidade para a colaboração neste estudo feito no âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa que se debruça sobre o tema: “A peregrinação”. Neste sentido, antes de começar a entrevista gostaria de lhe dizer que toda a informação é exclusivamente para o uso académico pelo que asseguro a sua confidencialidade e declaro que será apenas utilizada para esses fins. Para analisar a informação precisarei também de gravar a entrevista pelo que pedia a sua autorização para o fazer. Dá-me autorização para gravar a entrevista?

Peregrino 9 – Sim, claro.

Paulo – Então, eu precisava de saber qual era a sua idade?

Peregrino 9 – Trinta e quatro.

Paulo – De onde vem?

Peregrino 9 – De Guimarães.

Paulo – E qual é a freguesia mais concretamente?

Peregrino 9 – Caldas das Taipas.

Paulo – E qual é a sua profissão?

Peregrino 9 – Eu sou empregada de refeitório.

Paulo – Muito bem. Costuma fazer caminhadas?

Peregrino 9 – Sim.

Paulo – E durante essas caminhadas onde é que costuma ir?

Peregrino 9 – Ahhh são caminhadas à base de serviços de voluntariado, às vezes por causas, não é, devido a causas... venho todos os anos a S. Bentinho, porque sou muito devota de S. Bentinho e gosto de fazer estas caminhadas assim.

Paulo – Porque é que escolheu este destino?

Peregrino 9 – Porque S. Bentinho é uma pessoa que está sempre presente na minha... nas minhas orações e na minha, prontos na minha fé. É uma pessoa, um santo de quem eu sou muito devota.

Paulo – E é a primeira vez que vem ao S. Bento a pé?

Peregrino 9 – Não, não (riso) já lhe perdi a conta. Em trinta e quatro anos já perdi a conta... acho que para cima de dez à vontade.

Paulo – Veio sozinha ou em grupo?

Peregrino 9 – Não, viemos em grupo. Cerca de (breve pausa) dezasseis a vinte pessoas.

Paulo – E há quanto tempo é que chegou aqui ao santuário?

Peregrino 9 – Cheguei aqui por volta das seis da manhã; seis, seis e dez. Foram (breve pausa para contar as horas da caminhada) foi quase oito horas não é mais ou menos.

Paulo – Humm, quanto tempo é que espera passar aqui no santuário?

Peregrino 9 – Hoje?

Paulo – Sim.

Peregrino 9 – Portanto nós chegamos agora vamos lá cima ao santinho e depois vamos ficar para a missa e depois regressamos a casa.

Paulo – E, sabendo que há várias pessoas que normalmente vêm de carro aqui ao S. Bento em peregrinação. Muitas não podem vir a pé, outras optam por vir de carro, porque é que escolheu vir aqui ao S. Bento a pé?

Peregrino 9 – Eu normalmente não costumo vir com promessa. Venho, em forma de agradecimento, para agradecer o ano e é mais em forma de agradecimento. Este ano, por acaso, o que me motivou foi mesmo uma promessa, mas é uma coisa que já parte de mim,

enquanto que eu puder hei de vir cá, não digo todos os anos, mas hei de vir cá seja com promessa, seja sem promessa... porque quando é com promessa é porque a gente pede, precisa, quando não é, é por agradecimento.

Paulo – Muito bem. E de onde partiu, mais ou menos a que distância é que fica do S. Bento? Consegue-me dizer?

Peregrino 9 – Eu creio que é mais ou menos uns quarenta quilómetros, mais ou menos, cerca disso, mais coisa menos coisa.

Paulo – Como é que você considera que é a sua relação com a religião?

Peregrino 9 – Sou uma pessoa muito devota. É como eu digo, é o S. Bento e é Nossa Senhora de Fátima e é uma das caminhadas que eu ainda gostava de percorrer, era ir também ao santuário de Fátima. A vontade há, ainda falta a coragem (riso) espero que um dia venha a ter, mas enquanto puder...

Paulo – Então considera que tem uma boa relação com a religião?

Peregrino 9 – Sim, sim, sim.

Paulo – E com a sua comunidade paroquial de onde é natural, qual é a sua relação que tem com a comunidade paroquial?

Peregrino 9 – Eu não faço parte de nada em específico. Não dou catequese, não, não... Mas tenho a minha fé, vou à missa aos fins de semana, prontos. Não faço nada dentro da Igreja propriamente dita, não é, mas prontos sou uma cristã.

Paulo – Costuma ir à Eucaristia...

Peregrino 9 – Sim, sim vou à missa todos os fins de... não digo todos, mas tento ir, não é, isso sim, sim. Missa, eucaristia, não faço parte de nada...

Paulo – Não está envolvida em nenhum movimento, mas costuma frequentar a comunidade, não é.

Peregrino 9 – Sim, tenho dois filhos, uma já anda na catequese e a gente faz aquela catequese agora que é muito usada a dos pais, não é e isso também faço gosto em ir e participar e incentivar a minha filha também a estar lá.

Paulo – O motivo que a trouxe aqui ao santuário, mais pessoalmente a si, pode-nos dizer qual foi o motivo, se quiser dizer, claro?

Peregrino 9 – Posso, posso dizer. Por acaso foi uma situação que nós tivemos na vida que eu e o meu marido que estava a ser difícil de resolver e andamos muito tempo para resolver e depois como em hora de... numa hora mais... olhe pedi “Ó meu S. Bentinho ajuda-me que se conseguir...” não é, e consegui, passado pouco tempo de lhe pedir, consegui o que eu, o que nós pretendíamos e claro e vim agradecer.

Paulo – Qual é que acha que vai ser o impacto desta experiência, desta caminhada de hoje na sua vida daqui para a frente? Acha que vai ter algum impacto?

Peregrino 9 – Tem sempre, tem sempre. Como lhe digo já não é a primeira vez que cá venho e sempre que cá venho levo para a vida. Até uma coisa muito engraçada que me aconteceu este ano foi que eu trouxe comigo o meu sobrinho de catorze anos, foi a primeira vez que ele veio e isso eu vou guardar... este ano em especial vou guardar por muitos anos porque foi, além de vir eu, foi o caminho todo a motivá-lo e a incentivá-lo e já lhe disse a ele que estou muito orgulhosa. São catorze aninhos que ele tem e são quase, são quarenta quilómetros nas pernas e para mim, este ano em especial porque também o trouxe comigo e foi uma coisa que eu disse não vais chegar. “Tia está-me a doer, tia já... Vais chegar!” E ele chegou e de certeza que este ano também é especial por isso, por conseguir fazê-lo chegar cá.

Paulo – Houve uma coisa diferente, não é, na caminhada.

Peregrino 9 – Sim, sim, vai marcar, vai marcar.

Paulo – Já alguém lhe contou alguma cura associada a uma promessa, a uma peregrinação que tenha feito ao S. Bento da Porta Aberta?

Peregrino 9 – Ouvem-se muitas histórias realmente que até dizem que se a promessa não for cumprida como deve de ser que (riso) S. Bentinho que é vingativo, não é, dizem isso, portanto, mas sim, sim, eu conheço algumas histórias até da minha mãe, do tempo da minha mãe, que ela agora não vem, mas já veio muitos anos também, e é por isso que

eu também tenho muito esta fé no S. Bentinho, porque ouço tantas histórias que “há pede ao S. Bento que ele...” e quando a gente realmente está naquela hora de aperto e até pede... eu não sou uma pessoa de pedir por tudo e por nada. Eu peço se tiver mesmo necessidade, prefiro vir e agradecer do que vir porque pedi, e então quando eu peço é porque prontos eu senti mesmo aquela necessidade e graças a Deus eu das vezes que pedi, uma das primeiras vezes que pedi posso dizer que foi por causa de um primo meu que teve um acidente e ficou tetraplégico e estava entre a vida e a morte e eu pedi ao S. Bentinho para o salvar e ele recuperou graças a... não, não morreu, não é, claro que a recuperação... e prontos, mas ele estar ali entre a vida e a morte e eu estar ali a pedir salvamento e ele passado pouco tempo começar a reagir, para mim já foi como um milagre porque isso eu levo sempre isto comigo e acho que ele se a gente pedir, ele acaba por nos ouvir.

Paulo – E você então já viveu algumas histórias destas ou considera que não, algumas histórias destas de curas?

Peregrino 9 – A que me marcou mesmo foi esta em relação ao meu primo porque ele estava mesmo muito, muito mal e eu lembro-me perfeitamente de vir cá quase logo a seguir ao acidente e depois ele começou passado uns tempos a..., prontos a ficar de estado muito crítico começou a dar melhoras e isso para mim foi um milagre porque pronto, é o que a gente sente, não é. Claro que também há aquela parte da medicina e que a gente também... mas quem tem fé, acredita sempre que há qualquer coisa que está lá.

Paulo – Que ajuda não é.

Peregrino 9 – Sim.

Paulo – Tem algum santuário mais perto de si que conheça dedicado ao S. Bento, em honra ao S. Bento?

Peregrino 9 – Não, não, não.

Paulo – Este é o S. Bento que tem mais perto, não é?

Peregrino 9 – Sim, sim, que conheça sim.

Paulo – E durante a peregrinação teve alguma dificuldade? Eu pressuponho que sim, que deve haver dificuldades.

Peregrino 9 – Sim, sim, mas é engraçado que este ano não. Este ano não sei se era por trazer o miúdo comigo, acredito que foi dos anos que menos me custou chegar aqui porque eu vinha tão concentrada nele que acho que nem tive tempo para pensar no que estava a sentir, não é, por acaso.

Paulo – E normalmente quando, não sei como já teve mais experiências em vir cá ao S. Bento, noutros anos por exemplo, que tenha tido dificuldades, que lhe tenha custado, como é que procurou superar essas dificuldades?

Peregrino 9 – Sempre através de um momento mais... nós tentamos vir pelo caminho sempre a brincar e não somos um grupo que vem prontos a rezar, como passamos por alguns e respeitamos, mas não, nós tentamos mais vir na brincadeira, mas há aquele momento que se nós pararmos cinco minutinhos e “oh dai-nos força!”, uma Ave-maria e um Pai Nosso e parece que os próximos quilómetros já não vão ser tão pesados, então às vezes eu calo-me um bocadinho e peço ajuda e a gente chega cá.

Paulo – Qual foi o primeiro lugar onde se deslocou quando chegou aqui ao santuário?

Peregrino 9 – Fui dar a volta à Igreja, porque é, já é... chego e não me sento logo, não consigo. Vimos tão acelerados, tão emotivos, tão que... normalmente até vou logo lá cima visitar, só que este ano fiz a volta de costume à igreja e entretanto como o grupo se separou decidimos esperar pelo resto do grupo para depois subirmos todos lá cima e só depois então é que vamos à missa.

Paulo – Conhece algum aspeto sobre a história de S. Bento, o que é que conhece assim sobre a história de S. Bento, já ouviu falar alguma coisa sobre a história de S. Bento ou ainda não?

Paulo – Já, já, já ouvi falar algumas coisas, não (riso) mais à base de milagres, aquelas coisas que as pessoas pedem, aquela história de ele ser vingativo, pronto, mas a história de S. Bentinho em si, se calhar a minha mãe provavelmente já me contou,

porque... mas agora assim também não lhe sei dizer, mas sei que a minha mãe já... porque a minha mãe é muito devota de S. Bentinho e sei que ela já falou, daí as histórias “ai tens de fazer porque senão ele é vingativo” mas assim também agora de momento não lhe consigo.

Paulo – E considera que este espaço aqui do santuário é um espaço acolhedor para os peregrinos que vêm aqui, que aqui chegam?

Peregrino 9 – Sim, sim, eu acho que sim, eu acho que as pessoas, pronto vêm, querem é descansar um bocadinho, acomodam-se, acho que sim, eu não tenho que dizer.

Paulo – E acha que poderia ter alguma coisa melhor para que pudesse também ajudar no acolhimento aos peregrinos, ou acha que está bem? O que é que acha que se calhar poderia melhorar, se é que acha que há alguma coisa que possa melhorar?

Peregrino 9 – Olhe eu sinceramente nunca senti necessidade de nada, para já, não sei se outras pessoas já... eu por nós não, graças a Deus. Também nunca tivemos a necessidade de se calhar de socorrer logo à cruz vermelha, ou assim. Eu sei que ela está aí porque ei vejo pessoas fardadas e nós como nunca precisamos..., mas acredito que esteja e que tenha, e por isso acho que está tudo bom.

Paulo – Como é que se sente quando cá vem ao santuário?

Peregrino 9 – É... (breve pausa) como eu lhe digo, se não é por promessa é por inspiração por isso para mim é, pronto, nem sei, é aquela coisa de chegamos. É como lhe digo, só me falta mesmo ir a Fátima para ficar realizada, eu gosto muito de cá vir porque sinto-me mesmo leve, e pronto.

Paulo – Após a sua permanência aqui no santuário tenciona ir diretamente para casa, ou ainda vai passar por algum sítio?

Peregrino 9 – Não vou para casa! (Riso) Só quero é cama agora. (riso)

Paulo – Tenciona levar consigo alguma coisa desta caminhada, alguma lembrança ou isso?

Peregrino 9 – Provavelmente sim, nós ainda vamos depois tomar o pequeno almoço, também conforme a disposição das pessoas de ir ou não ver alguma coisa, isso também é depois um bocadinho conforme os colegas também, por aí.

Paulo – E agora para terminar (riso) durante a caminhada o que é que vai pensando, quais são os sentimentos que lhe vão vindo, os pensamentos que vai pensando durante a caminhada?

Peregrino 9 – É... olhe penso muito nos meus filhos que ficam em casa, penso na família, penso no que venho agradecer, não é, porque como já lhe disse é quase sempre por agradecimento que venho cá, e penso em chegar. O que eu quero é chegar para poder voltar (riso). É, é o que eu venho a pensar.

Paulo – Muito bem, muito obrigado e continuação de uma boa permanência, está bem!

Peregrino 9 – Está, obrigada, obrigada!

Anexo X

Peregrino 10 (sexo masculino)

(28-07-2019)

- Eram 6:40h...

Paulo – Muito bom dia, estamos em frente à Basílica do santuário do S. Bento da Porta Aberta. Antes de começar esta entrevista eu queria começar por agradecer a sua disponibilidade pela a colaboração neste estudo feito no âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa que se debruça sobre o tema: “A peregrinação”. Neste sentido, antes de começar a entrevista gostaria de lhe dizer que toda a informação é exclusivamente para o uso académico pelo que asseguro a sua confidencialidade e declaro que estes dados serão apenas utilizados para esses fins. Para analisar a informação precisarei também de gravar a entrevista pelo que pedia a sua autorização para o fazer. Dá-me autorização para gravar a entrevista?

Peregrino 10 – Sim.

Paulo – Então quantos anos é que tem?

Peregrino 10 – Dezoito.

Paulo – E de onde é que é?

Peregrino 10 – Ponte de Lima.

Paulo – Qual é a sua profissão?

Peregrino 10 – Sou empregado fabril.

Paulo – Durante o dia-a-dia tem o hábito de fazer caminhadas?

Peregrino 10 – Sim, no trabalho caminho bastante.

Paulo – E como *hobbie*, ou assim algo extra, gosta de fazer caminhadas ou não tem esse hábito?

Peregrino 10 – Sou mais desportista porque pratico o desporto de futebol.

Paulo – Porque é que escolheu vir aqui a este destino aqui ao S. Bento a pé?

Peregrino 10 – Foi um desafio lançado por um colega meu e olhe vim ver como é que corria.

Paulo – E é a primeira vez que vem a pé?

Peregrino 10 – Sim, acho que não quero outra (risos).

Paulo – Correu bem (riso)?

Peregrino 10 – Não, porque estou que nem posso das perninhas, eu estou aqui todo partido (riso).

Paulo – E veio sozinho ou veio em grupo?

Peregrino 10 – Não, viemos em grupo, um grupo bem grande até.

Paulo – Não sabe quantos elementos é que eram esse grupo?

Peregrino 10 – (breve silêncio, enquanto algum colega do grupo que se encontrava próximo disse que eram sessenta a setenta pessoas) sessenta a setenta pessoas.

Paulo – E há quanto tempo chegaram aqui ao santuário?

Peregrino 10 – Eu como vim à boleia cheguei aqui por volta das seis da manhã (riso). (Entretanto, o mesmo elemento do grupo que se encontrava próximo a ouvir a entrevista referiu que a primeira parte do grupo chegou às 6:10h).

Paulo – E você veio à boleia, porque teve alguma lesão pelo caminho?

Peregrino 10 – Sim, sim, uma lesão na perna.

Paulo – E quanto tempo é que esperam passar aqui pelo santuário, sabe-me dizer?

Peregrino 10 – Haaa... não muito porque é só para cumprir uma promessa de um dos elementos do grupo porque temos que arrancar logo porque temos gente à espera lá em Ponte de Lima.

Paulo – O que é que tencionam fazer durante este tempo que estão aqui à espera para partir?

Peregrino 10 – Conhecer, visitar os sítios que tem.

Paulo – Sabendo que há várias pessoas que escolhem vir em peregrinação de carro, porque às vezes é mais cómodo, e muitas vezes também não podem vir a pé, porque é que escolheu vir a pé neste caso?

Peregrino 10 – Porque como um dos elementos queria fazer a promessa, queria cumprir a promessa, é sempre mais doloroso fazer o caminho a pé, o percurso a pé, e lá está, é um desafio e pronto, foi aceite por todos.

Paulo – E de onde partiu, a que distância é que fica mais ou menos do santuário, sabe-me dizer?

Peregrino 10 – Perto de sessenta quilómetros, cinquenta e oito se não estou em erro.

Paulo – E mais ou menos quanto tempo é que demorou, você desistiu a meio, não é, mas não sabe quanto tempo é que demorou mais ou menos os restantes colegas?

Peregrino 10 – É doze horas de viagem.

Paulo – E como é que o Sr. considera que é a sua relação com a religião?

Peregrino 10 – (Silêncio um pouco demorado)

Paulo – Acha que tem uma boa relação com a religião, como é que acha que é...

Peregrino 10 – (interrompe) sim, sim sou católico praticante, por isso, sim, relaciono-me bem com a religião.

Paulo – E com a sua comunidade de onde é natural, qual é a sua relação com a comunidade paroquial?

Peregrino 10 – Muito boa, entro em todas as atividades religiosas que há lá na zona, tudo o que seja festividades e tudo, participo.

Paulo – Faz parte de algum movimento da paróquia ou não?

Peregrino 10 – Não.

Paulo – Pode dizer-nos então qual foi o motivo mais pessoal que o trouxe aqui, disse que foi lançado aquele desafio por um colega, foi para acompanhar esse colega?

Peregrino 10 – Sim, sim, foi para acompanhar e conhecer claro, já que nunca tinha cá vindo.

Paulo – Mesmo de carro, nunca cá veio também?

Peregrino 10 – É assim, se vim eu era muito pequeno, não me lembro, mas que me lembre, acho que nunca aqui estive.

Paulo – Qual é que acha que vai ser o impacto desta experiência na sua vida, daqui para a frente?

Peregrino 10 – Vai, uma dor de pernas (riso).

Paulo – Mas, se calhar, amanhã já vai estar boa, não (riso)?

Peregrino 10 – É assim, o impacto, tem um impacto positivo porque vim conhecer novos sítios para poder visitar mais tarde também.

Paulo – Já alguém lhe contou alguma cura associada a uma peregrinação feita aqui ao S. Bento da Porta Aberta? Às vezes fala-se de pessoas que fazem promessas e que vêm cá e prometeram alguma coisa e às vezes fala-se de curas. Já ouviu falar de alguma cura?

Peregrino 10 – Que eu me recorde não, mas fala-se de muitas histórias assim, verdade ou não, não sei, mas toda a gente que pratica a religião acredita nisso.

Paulo – E você já viveu alguma?

Peregrino 10 – Não, acho que não.

Paulo – Tem algum santuário mais perto de si em honra ao S. Bento que conheça?

Peregrino 10 – Acho que não, o mais perto que tenho é mesmo este.

Paulo – E teve alguma dificuldade durante a peregrinação, durante a caminhada?

Peregrino 10 – Sim, o trilho é bastante complicado em certas zonas e com um piso bastante irregular o que complica um bocado o trajeto.

Paulo – E como é que foi conseguindo superar essas dificuldades durante a parte que foi fazendo?

Peregrino 10 – O incentivo dos colegas. Puxavam muito por mim e por quem estava connosco para que não desistíssemos.

Paulo – Portanto, aquela motivação do grupo, não é?

Peregrino 10 – Sim, sim, sim, exatamente.

Paulo – Qual é que foi o primeiro lugar a que se deslocou quando chegou aqui ao santuário?

Peregrino 10 – Foi, para ser sincero, foi apreciar as vistas maravilhosas que aqui tem.

Paulo – Considera que tem assim uma vista muito bonita, está bem enquadrado o santuário?

Peregrino 10 – Sim, o sítio é muito bonito.

Paulo – Conhece algum aspeto sobre a vida de S. Bento, sobre a história de S. Bento, já alguém lhe falou, não sei e já lei alguma coisa?

Peregrino 10 – Só o que se aprende na catequese, enquanto se está a aprender catequese ensinam aquelas lendas, aqueles mitos, do que os santos foram fazendo ao longo do tempo.

Paulo – Considera que este espaço aqui é um espaço acolhedor para os peregrinos que cá vêm, acha que é um espaço acolhedor para os peregrinos que vêm aqui quer a pé, quer de carro?

Peregrino 10 – Sim, porque além de ser um espaço muito bonito, que toda a gente gosta deste sítio, de certeza, é um sítio que tem muitos locais a visitar e que por assim dizer dá gosto ter um sítio assim na nossa comunidade em Portugal.

Paulo – E acha que falta aqui alguma coisa, o que é que acha que se poderia acrescentar para que pudesse ser ainda mais acolhedor, acha que se pode acrescentar alguma coisa, ou acha que já tem tudo?

Peregrino 10 – Não se pode acrescentar muito porque isto está... já tinha que ser assim. Isto é um sítio para homenagear um santo, não para ser propriamente bonito, não é para ser acolhedor, é em homenagem ao santo.

Paulo – Como é que se sente quando cá vem? Sente-se bem quando cá vem? É a primeira vez, como é que se sente com esta experiência quando aqui veio, sente-se bem, quais é que são aquelas moções interiores que tem?

Peregrino 10 – É assim, começando pela parte do trajeto, até é um bocado de orgulho, porquê, porque eu nunca tinha feito caminhadas nem nada e eu fiz cerca de quarenta e cinco quilómetros, quarenta, quarenta e cinco quilómetros e foi quando eu desisti, por isso é um bocado... mesmo assim sinto-me orgulhoso por ter chegado onde cheguei, e por outro lado, gosto de aqui estar porquê, é como eu digo, isto é bonito, é... uma pessoa não pode deixar de visitar os sítios, não pode deixar de conhecer, e é sempre uma homenagem ao santo vir aqui.

Paulo – Após a sua permanência aqui tenciona ir a mais algum local, visitar algum sítio, ou vai diretamente para casa?

Peregrino 10 – Daqui vou diretamente para casa porque os colegas que estão comigo têm que ir embora porque têm assuntos pessoais a tratar, mas conto vir aqui no próximo ano outra vez.

Paulo – A pé ou de carro?

Peregrino 10 – Isso é que é um caso a pensar (riso).

Paulo – Tenciona levar consigo alguma recordação, alguma lembrança daqui?

Peregrino 10 – Se vir algo, porque agora também com a complicação de andar isto também não dá para visitar muito (riso), mas sim, se conseguir passar aí num sítio levo uma lembrança, mesmo para a família, a minha família é muito ligada à religião, se conseguir levo.

Paulo – E durante a viagem, o que é que foi pensando, quais foram aqueles pensamentos que lhe foram vindo à cabeça, sentimentos, houve alguma coisa que foi assim pensando durante a caminhada?

Peregrino 10 – Já que eu vim por um desafio lançado por um colega e que vinha de promessa, eu de certa forma também fazia parte dessa promessa, por isso, o maior objetivo era chegar cá cima, não desistir.

Paulo – E falou que teve bastantes dificuldades, não é, que teve que desistir, e acha que consegue tirar alguma lição desta experiência para a sua vida, o facto, pronto, de

tentar, de superar e tudo, acha que pode tirar alguma lição para a sua vida desta experiência?

Peregrino 10 – Sim, porque apesar de não ter chegado, já foi um esforço enorme ter vindo até onde vim e isso já conta muito, não só para mim, mas mesmo para a homenagem que se dá ao santo e tudo, já conta muito não o facto de chegar cá cima, mas sim o facto de querer fazer, de tentar, a força de vontade, tudo.

Paulo – Está bem! Muito Obrigado, está bem!

Peregrino 10 – Obrigado!

Anexo XI

Peregrino 11 (sexo feminino)

(28-07-2019)

- Eram 7:15h...

Paulo – Muito bom dia, estamos aqui em frente à Basílica do santuário do S. Bento da Porta Aberta. Antes de iniciarmos a entrevista eu queria agradecer a sua disponibilidade pela colaboração neste estudo feito no âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa que se debruça sobre o tema: “A peregrinação”. Neste sentido, antes de começar a entrevista gostaria de lhe dizer que toda a informação é exclusivamente para o uso académico pelo que asseguro a sua confidencialidade e declaro que estes dados serão apenas utilizados para esses fins. Para analisar a informação precisarei também de gravar a entrevista pelo que pedia a sua autorização para o fazer. Dá-me autorização para gravar a entrevista?

Peregrino 11 – Dou sim.

Paulo – Então, quantos anos é que tem?

Peregrino 11 – Eu tenho quarenta e três.

Paulo – Qual é a sua profissão?

Peregrino 11 – Fábrica de Sapatos, como é que... desenhadora de sapato.

Paulo – E de onde é que é?

Peregrino 11 – Taipas, Guimarães.

Paulo – Durante o dia-a-dia tem o hábito de fazer caminhadas, ou costuma fazer caminhadas?

Peregrino 11 – Não, estou sete horas parada sempre sobre as pernas.

Paulo – E assim ao fim-de-semana não gosta...

Peregrino 11 – (interrompe) não. Também faço restauração (riso).

Paulo – Porque é que escolheu este destino aqui, vir aqui ao S. Bento a pé?

Peregrino 11 – Já venho há uns anos largos, desde os meus dezasseis anos que eu venho a S. Bento a pé, desde de que tive um acidente, pedi ao S. Bentinho e ele tem-me ajudado e eu cá tenho vindo todos os anos até ao dia em que aguentar.

Paulo – Então já não é a primeira vez, não é, como disse.

Peregrino 11 – Não.

Paulo – E há quantos anos é que vem mais ou menos, sabe-me dizer assim por alto?

Peregrino 11 – Dezasseis – Quarenta e três, ai já venho há vinte e... (breve pausa para pensar) quase há trinta anos. Dezasseis com quarenta e três, aí está.

Paulo – Todos os anos sempre?

Peregrino 11 – Todos os anos seguidinhos.

Paulo – Veio sozinha ou veio em grupo?

Peregrino 11 – Não, viemos em grupo, este ano um grupo mais pequenino, mas temos vindo em grupos geralmente maiorzinhos.

Paulo – Quantos elementos é que eram mais ou menos, sabe-me dizer?

Peregrino 11 – Este ano éramos cinco, e um senhor descalço.

Paulo – E um senhor descalço? Aaahhhh

Peregrino 11 – Todo o caminho, ainda está ali.

Paulo – Correu bem?

Peregrino 11 – Correu, graças a Deus.

Paulo – Quanto tempo é que espera passar aqui no santuário?

Peregrino 11 – Nós agora estamos à espera de transporte para irmos até casa para descansarmos um bocadinho. Normalmente, a gente chega aqui, às vezes estão aqui os carros e a gente vai logo embora, mas quando às vezes atrasam-se um bocadinho, ou tiveram que fazer socorro a outras pessoas que vêm pelo caminho, a gente aguarda um bocadinho e depois lá regressamos a nossa casa.

Paulo – E o que é que tenciona fazer durante este tempo que está aqui no santuário?

Peregrino 11 – Estivemos a descansar um bocadinho, vamos cumprir o resto da promessa ao S. Bento e andamos por aqui. Não temos mais nada, sentamos aqui um bocadinho a recuperar as forças dos músculos, da caminhada.

Paulo – Sabendo que há várias pessoas que vêm aqui em peregrinação, mas escolhem vir de carro, autocarro, às vezes não podem, outras vezes porque é mais cómodo, não é, porque é que escolheu vir a pé em vez de vir então noutra meio? Houve alguma razão especial?

Peregrino 11 – Houve, de um acidente grave que eu tive, pedi... agarrei-me com S. Bentinho e ele me ajudou porque eu fiquei com uma perna que ficava aleijada e S. Bentinho me fez o bom dele que endireitou-me a perna e eu disse “enquanto eu aguentar os anos todos, lá estarei sempre com ele” e aqui estou, mais um ano.

Paulo – Então escolheu vir sempre a pé, não é.

Peregrino 11 – Sempre a pé. Mas também muitas vezes de carro, mas a promessa todos os anos no dia do acidente venho sempre.

Paulo – E de onde partiu, a que distância é que fica mais ou menos do S. Bento? Sabe dizer assim por alto?

Peregrino 11 – É assim, nós temos oito horas no corpo. Saímos eram onze da noite de Taipas, chegamos aqui eram 7:00h da manhã.

Paulo – Cerca de oito horas. E como é que você considera que é a sua relação com a religião, sabe-me...

Peregrino 11 – (interrompe) Tenho muita fé, muita. Deus e S. Bento e tenho muita fé nele. Além de que já tive muitos desgostos na vida que me faleceu já uma filha, mas Deus dá-me hipótese de continuar a vida e S. Bentinho me tem dado bons motivos para continuar a chegar cá.

Paulo – Vai sempre buscar aí a força, não é?

Peregrino 11 – Vou. Um bocado.

Paulo – E com a sua comunidade paroquial, como é que é a relação que tem com a comunidade?

Peregrino 11 – Vou à missa, tenho frequentado a missa... é assim além de que como eu trabalho, tenho sempre jogado, porque quem trabalha ao fim-de-semana com restauração é um bocado coisa, mas logo que tenha um bocadinho estou com Deus sempre. Vou à missa, muitas vezes vou sozinha e lá estou com ele e ele ouve-me sempre.

Paulo – Pode dizer-nos qual foi o motivo da caminhada de hoje, deve-se àquela promessa que fez anteriormente ou houve outro motivo para hoje?

Peregrino 11 – Não, agora é sempre. Enquanto S. Bento me deixar vir e que eu aguente cá, todos os anos cá estarei. Quando não aguentar, a minha promessa ficará cumprida.

Paulo – É sempre... é o agradecimento, não é?

Peregrino 11 – É sempre o agradecimento de cá chegar e que me ajudou sempre a chegar cá. Deu-me pernas para cá chegar. Quando achar que eu que não devo chegar, a promessa está cumprida. É à vontade dele. Ele é que vai mandar, os anos que ele quiser (riso) cá estarei com ele.

Paulo – E qual é que acha que vai ser... acha que vai ter algum impacto a caminhada de hoje, ou...

Peregrino 11 – (interrompe) não, estamos bem, graças a Deus, tudo chegou com saúde, tranquilo, até o senhor descalço que nós vínhamos com um bocado de coisa, porque nós nunca tínhamos trazido ninguém com nós assim, mas correu bem, ele cá está, S. Bentinho tem sempre uma hipótese para nos ajudar. Ele é muito poderoso, a gente tem muita fé nele.

Paulo – Já alguém lhe contou alguma cura associada a alguma peregrinação feita aqui ao S. Bento da Porta Aberta, a pé...

Peregrino 11 – (interrompe) Sim, houve muita gente que disse que, por exemplo, eu achei que ele que foi uma cura, porque eu fiquei com uma perna torta e de um dia para o

outro eu (breve pausa) a perna alinhou. E desde aí a fé foi cada vez mais e as pessoas perguntam, “mas como é que fizeste?” e eu digo “olha eu não fiz nada, de manhã acordei, botei os pés abaixo da cama e quando dei por mim estava a andar direitinha” por isso, S. Bento foi o que me ajudou, foi o único santo que naquela altura me passou, agarrei-me a ele e ele botou-me a mão.

Paulo – Então você já viveu, não é, uma experiência destas, não é?

Peregrino 11 – Já, (com voz rouca) por isso, S. Bento, cá está para poder... ele lá sabe se há de ajudar ou não, mas para mim ajudou-me sempre.

Paulo – Tem algum santuário mais perto de si que conheça em honra ao S. Bento?

Peregrino 11 – Tenho, sim, também temos lá uma freguesia que ainda há pouco tempo também foi a festa lá que é o S. Bento também, que fica em Donim. Em Donim temos lá uma zona que fica lá o S. Bento. S. Bento, aí está, não é o S. Bentinho da Porta Aberta, mas é o S. Bento também que é uma freguesia e fazem a festa ao S. Bento também.

Paulo – E então porque é que escolhe, ou escolheu vir a este S. Bento e não ao outro S. Bento?

Peregrino 11 – Porque foi com este que eu tive a fé, foi com este que eu pedi e tinha vindo uma altura de carro cá e foi uma coisa que naquela altura da aflição, foi este que me veio ao centro.

Paulo – E durante a peregrinação de hoje, a caminhada de hoje, teve alguma dificuldade?

Peregrino 11 – Sim, um bocadinho os músculos, mas não há nada como a gente virava-se para ele e “mais um empurrãozinho” e ele parece que nos aliviava as dores e a gente lá veio e estamos aqui como tivéssemos... como um dia normal.

Paulo – Então ele também foi ajudando a superá-las.

Peregrino 11 – Sempre, acho que a gente, quem vem com fé, ele ajuda sempre.

Paulo – E qual foi o primeiro lugar onde se deslocou quando chegou aqui ao santuário?

Peregrino 11 – Foi lá aonde a ele, fiz a minha voltinha coisa, fui ao S. Bentinho dar a esmolinha e desci para baixo e aqui parei, à espera de quem vem buscar a gente.

Paulo – Conhece algum aspeto sobre a história de S. Bento, já ouviu falar alguma coisa sobre a história, sobre a vida de S. Bento?

Peregrino 11 – Pouco, conheço pouco porque é assim, a gente... há pessoas que conhecem mais do que eu, mas quem conhece bem a história de S. Bento, este ano não pode vir, mas conhecem bem a história onde S. Bento nasceu, onde S. Bento morreu, conhecem bastante sobre S. Bento. Eu não, não vou dizer que sei, não. É assim, os meus pais sabiam tudo, mas nunca coisa... tenho fé e a fé continua.

Paulo – Considera que este espaço é um espaço acolhedor para os peregrinos que cá vêm?

Peregrino 11 – Sim, mudou muito, tiveram muita obra, está bonito neste momento, e tem um espaço suficiente para as pessoas que vêm, não é, até que respeitam muito todos os peregrinos que cá chegam. Acho que são bem aceites, são bem acolhidos, ali temos, prontos, socorros, temos tudo, acho que está bem organizado aqui o S. Bento para os peregrinos.

Paulo – E acha que poderia haver alguma coisa ainda a melhorar, alguma coisa que se pudesse...

Peregrino 11 – (interrompe) É assim, espaço para ter muita coisa eles também, não é... isto é pequenino, a gente compreende, mas nas situações aos peregrinos acho que está bem preparado. Há pessoas podem dizer assim, “ai não, não tenho!” Não! As pessoas têm que procurar as pessoas, porque eles estão ali atrás, eles estão ali à espera que as pessoas venham, pelo caminho tivemos muito apoio sobre os escuteiros que vêm dar coisas quentes, café, leite para as pessoas, água, frutas e acho que temos muito apoio quem vem de peregrinos.

Paulo – E como é que se sente quando cá vem aqui ao santuário, ao S. Bento?

Peregrino 11 – Sinto-me bem, sinto uma paz, sinto um conforto. A gente sente que há um alívio na gente que parece que estamos noutra mundo.

Paulo – E após a sua permanência aqui no santuário, tenciona regressar diretamente para casa ou tenciona passar por algum sítio mais?

Peregrino 11 – Não, é direitinhos para casa.

Paulo – Tenciona levar consigo alguma lembrança daqui da caminhada?

Peregrino 11 – Sim, levo sempre, uma pequenina, mas levo sempre. Hoje, por exemplo vou levar que até vou fazer uma prenda que há gente que faz anos e vai ser uma prendinha que vou levar daqui em honra que disse “eu fui a S. Bento, mas além de eu ir, mas lembrei-me que tu estavas aqui”.

Paulo – E agora para terminarmos, durante a caminhada, durante a caminhada que foi fazendo, durante estas horas de viagem, o que é que vai pensando, quais são os sentimentos que lhe vêm vindo assim à memória?

Peregrino 11 – A gente reza, a gente chora, a gente (breve pausa) tem sempre aqueles momentos nossos que pensamos na vida, das nossas coisas que passaram ao longo destes anos e (breve pausa) há sempre aquele bocadinho da gente que há um silêncio que a gente vem aí e reza ao S. Bento.

Paulo – Muito obrigado, está bem, e uma boa permanência no santuário!

Peregrino 11 – Está, esteja à vontade!